



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**CÂMPUS CATALÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**IARA MARTINS COSTA ALVES**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCA MARIANA LUIZ  
NA ZONA RURAL EM CAMPO ALEGRE DE GOIÁS (GO)**

**CATALÃO (GO)**

**2014**

**IARA MARTINS COSTA ALVES**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCA MARIANA LUIZ  
NA ZONA RURAL EM CAMPO ALEGRE DE GOIÁS (GO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Geografia da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão como requisito para obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Geografia e Ordenamento do Território

Linha de Pesquisa: Estudos Ambientais

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Odelfa Rosa

**CATALÃO (GO)**

**2014**

TERMO DE APROVAÇÃO

**Iara Martins Costa Alves**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA  
MUNICIPAL FRANCISCA MARIANA LUIZ NA  
ZONA RURAL EM CAMPO ALEGRE DE GOIÁS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

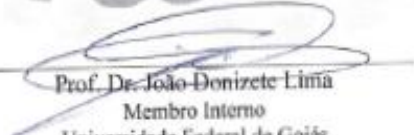
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Odella Rosa  
Orientadora e Presidente da Banca  
Universidade Federal de Goiás  
Campus Catalão - Geografia



Prof. Dra. Adriany de Ávila Melo Sampaio  
Membro Externo  
Universidade Federal de Uberlândia  
Geografia



Prof. Dr. João Donizete Lima  
Membro Interno  
Universidade Federal de Goiás  
Campus Catalão - Geografia

Aprovada em 30 de janeiro de 2014.

À JESUS CRISTO por sempre estar ao meu lado.

À minha mãe Waldeci, por seu carinho e amor.

Ao meu esposo Adão pelo incentivo para continuar sempre, mostrando ser um verdadeiro companheiro.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade da vida e do conhecimento.

À Universidade Federal de Goiás pela chance de realizar uma pós-graduação em uma instituição pública e de qualidade.

À CAPES pelo subsídio financeiro através da bolsa de mestrado.

Ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Geografia da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão, pelo esforço em formar profissionais competentes e qualificados.

À minha orientadora Profa. Odelfa Rosa, por acreditar no meu potencial e me dar ânimo e oportunidade. Obrigada por aceitar o desafio de orientar um trabalho na área do ensino. Mais uma vez, obrigada pela dedicação.

Aos professores Adriany de Ávila de Melo Sampaio e João Donizete Lima, pela leitura atenta e valiosas considerações durante a qualificação.

Eu gostaria de agradecer a todas as pessoas, que fizeram parte da minha história, seja acadêmica ou pessoal durante esta caminhada.

À Escola Municipal Francisca Mariana Luiz, por abrir as portas da escola com uma relação de confiança e respeito. Aos alunos desta escola, que me ensinaram a importância de se respeitar e valorizar nossas origens.

A todos os meus colegas do mestrado, por me fazerem perceber que eu não estava sozinha.

À todos muito obrigada.

*Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais independente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura de paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos a nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações (A CARTA DA TERRA).*

## RESUMO

A presente dissertação discute a Educação Ambiental e a relação com o ensino de Geografia na metodologia do Programa Escola Ativa, substituída pela Pedagogia da Terra. A discussão proposta está pautada em analisar a realidade de uma Escola do campo do município de Campo Alegre de Goiás (GO), partindo de uma análise do Projeto Político Pedagógico para compreender a realidade local, escolhida, para realização da pesquisa. A Educação Ambiental é uma reflexão recente iniciada em meados de 1980. A análise histórica proposta por este trabalho parte da Educação Ambiental e chega à discussão de uma Educação do Campo com a utilização da metodologia da Escola Ativa com turmas multisseriadas. Este trabalho traz elementos teóricos numa análise empírica, tendo como lócus a Escola Municipal Francisca Mariana Luiz. A relação da Educação Ambiental e o ensino de Geografia foram analisados aliando a pesquisa de campo ao Projeto Político Pedagógico da escola e o material didático utilizado do 1º ao 5º ano. Há uma diversidade de elementos que se entrelaçam na realidade do campo, dentre elas, a desvalorização da educação que acontece no campo, a falta de conhecimento das políticas públicas que deveriam atender a Escola do campo e a falta de reconhecimento da importância do homem do campo para a sociedade urbana.

**Palavras-chave:** Professor. Ensino de Geografia. Programa Escola Ativa. Campo Alegre de Goiás (GO).

## ABSTRACT

This dissertation discusses the relationship with environmental education and the teaching of geography in the methodology of Active School Program, Pedagogy replaced by the earth. The foregoing discussion is guided in analyzing the reality of a Field School in the municipality of Campo Alegre de Goiás (GO), starting from an analysis of the Political Pedagogical Project to understand the local reality, chosen for the research. Environmental education is a recent discussion initiated in the mid 1980s. Historical analysis proposed by this labor of the Environmental Education and comes to the discussion of a Field Education with the utition of the methodology of Active School with multigrade classes. This paper presents theoretical elements in empirical analysis, with the locus Municipal School Francisca Mariana Luiz. The ratio of the Environmental Education and Geography teaching were analyzed combining field research to Political Pedagogical Project school and didactic material used in 1st to 5th year. There are a variety of elements that intertwine in reality the field, among them, the devaluation of education that happens on the field, the lack of knowledge of public policy that should meet the School of the field and the lack of recognition of the importance of the peasant to urban society.

**Keywords:** Teacher. Teaching Geography. Program in Business School. Campo Alegre de Goiás (GO).

## LISTA DE FOTOS

Foto 1	Campo Alegre de Goiás.....	19
Foto 2	Escola Municipal Francisca Mariana Luiz - 2013.....	50
Foto 3	Escola Municipal Francisca Mariana Luiz: “Cantinho de Matemática” - 2013	55
Foto 4	Escola Municipal Francisca Mariana Luiz: “Cantinho de Geografia” - 2013.....	56
Foto 5	Atividade proposta pelo Guia de Aprendizagem de Geografia .....	58
Foto 6	Guia de aprendizagem de Geografia - 2013.....	60
Foto 7	Transporte utilizado pelas professoras - 2013.....	64
Foto 8	Ônibus utilizado para transportar os alunos - 2013.....	64
Foto 9	Lavoura no entorno da escola - 2013.....	74
Foto 10	Redação feita por uma aluna do 4º ano sobre o meio ambiente no entorno da escola - 2013 .....	88
Foto 11	Mapa mental 1 - Representação do meio ambiente presente e futuro. Aluna do 5º ano - 2013.....	92
Foto 12	Mapa mental 2 - Representação do meio ambiente hoje. Aluna do 4º ano - 2013.....	93
Foto 13	Mapa mental 3 - Representação de como gostaria que o meio ambiente fosse. Aluna do 4º ano - 2013.....	93
Foto 14	Mapa mental 4 - Representação do meio ambiente hoje. Aluna do 4º ano - 2013.....	94
Foto 15	Mapa mental 5 - Representação de como gostaria que o meio ambiente fosse. Aluna do 4º ano - 2013.....	94
Foto 16	Mapa mental 6 - Representação do meio ambiente hoje. Aluna do 4º ano - 2013.....	95
Foto 17	Mapa mental 7 - Representação de como gostaria que o meio ambiente fosse. Aluna do 4º ano - 2013.....	95
Foto 18	Mapa mental 8 - Representação do meio ambiente hoje. Aluna do 4º ano - 2013.....	95
Foto 19	Mapa mental 9 - Representação de como gostaria que o meio ambiente fosse. Aluna do 4º ano - 2013 .....	95
Foto 20	Mapa mental 10- Representação do meio ambiente hoje. Aluna do 4º -	

	2013.....	96
Foto 21	Mapa mental 11- Representação de como gostaria que o meio ambiente fosse - 2013.....	96
Foto 22	Mapa mental 12 - Representação do meio ambiente hoje. Aluno do 4º ano - 2013.....	97
Foto 23	Mapa mental 13 - Representação de como gostaria que o meio ambiente fosse. Aluno do 4º ano - 2013.....	97
Foto 24	Mapa mental 14 - Representação do meio ambiente hoje. Aluno do 3º ano - 2013.....	97
Foto 25	Mapa mental 15- Representação do meio ambiente hoje. Aluna do 2º ano - 2013.....	98

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	O que é meio ambiente.....	65
Quadro 2	O que você entende por educação ambiental.....	66
Quadro 3	Fonte de informação para desenvolver a educação ambiental.....	67
Quadro 4	Disciplinas envolvidas no desenvolvimento da educação ambiental.....	67
Quadro 5	Participação dos alunos e professores nos projetos e atividades de educação ambiental.....	68
Quadro 6	Dificuldades encontradas nos projetos e atividades de educação ambiental.....	69
Quadro 7	Espaços utilizados para realizar a educação ambiental.....	69
Quadro 8	Materiais utilizados para atualização e desenvolvimento dos trabalhos de educação ambiental.....	70
Quadro 9	Momentos da disciplina em que trabalha a educação ambiental	71
Quadro 10	Incentivos que os professores recebem para realizarem os projetos de educação ambiental.....	71
Quadro 11	Participação das famílias nos projetos de educação ambiental.....	72
Quadro 12	Problemas ambientais em torno da escola.....	73
Quadro 13	Melhor forma de ensinar educação ambiental.....	74
Quadro 14	Vantagens e desvantagens de trabalhar com a metodologia da Escola Ativa.....	74
Quadro 15	O que é meio ambiente? Escreva quatro palavras que lembram o meio ambiente.....	88
Quadro 16	Formas sugeridas pelos alunos para ensinar sobre o meio ambiente da comunidade.....	89

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Redução das escolas rurais no Município de Campo Alegre de Goiás (GO) .....	53
Gráfico 2	Quantidades de filhos que estudam na Escola Municipal Francisca Mariana Luiz.....	76
Gráfico 3	Alunos por ano (Educação Infantil e Ensino Fundamental) que estudam na Escola Municipal Francisca Mariana Luiz.....	76
Gráfico 4	Mães que sabem que a escola da comunidade tem o Programa Escola Ativa.....	77
Gráfico 5	Mães que sabem como funciona o Programa Escola Ativa.....	77
Gráfico 6	Mães que costumam dar opinião sobre o que gostariam que seus filhos aprendessem na escola.....	78
Gráfico 7	Seus filhos melhoraram a aprendizagem com a Escola Ativa.....	78
Gráfico 8	Mães presentes na escola quando solicitadas .....	79
Gráfico 9	Mães que participam na execução dos projetos pedagógicos .....	80
Gráfico 10	Mães que fazem algum trabalho voluntário na escola .....	80
Gráfico 11	Mães que acham importante uma escola voltada para comunidade .....	81
Gráfico 12	Participam da reunião de pais.....	81
Gráfico 13	Além do desenvolvimento escolar de seus filhos outros assuntos discutidos na reunião.....	82
Gráfico 14	Falam dos problemas que vivem na comunidade.....	82
Gráfico 15	Conhecem os projetos que a escola desenvolve relacionados a educação ambiental.....	83
Gráfico 16	Como querem a escola de seus filhos .....	84

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BC - Banco Central

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento

BM - Banco Mundial.

CEB - Câmara de Educação Básica.

CNE - Conselho Nacional de Educação.

DOEBEC - Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

EMFML- Escola Municipal Francisca Mariana Luiz

EUA- Estados Unidos da América

FUNDESCOLA- Fundo de Fortalecimento da Escola.

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LDBEN - Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação e do Desporto

MMA - Ministério do Meio Ambiente

ONG - Organizações Não Governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PEA - Programa Escola Ativa

PIB - Produto Interno Bruto

PNE - Plano Nacional de Educação.

PNEA - Política Nacional de Educação Ambiental

PNUMA - Política Nações Unidas para o Meio Ambiente

PPP - Projeto Político Pedagógico

PRONEA - Programa Nacional de Educação Ambiental

SECAD - Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade.

SEMA - Secretaria Especial do Meio Ambiente

UFG - Universidade Federal de Goiás

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A GEOGRAFIA.....</b>	<b>21</b>
1.1 Pensando o meio ambiente.....	21
1.2 Educação Ambiental.....	26
1.3 Geografia e suas contribuições na educação ambiental.....	34
<b>2 O PROGRAMA ESCOLA ATIVA.....</b>	<b>40</b>
2.1 O Programa Escola Ativa no Brasil.....	41
2.2 O caminho da pesquisa na Escola Municipal Francisca Mariana Luiz .....	47
2.3 A Escola Municipal Francisca Mariana Luiz: o lócus da investigação .....	50
2.4 As categorias geográficas presentes no estudo.....	61
2.5 Construção das perguntas para as entrevistas.....	63
2.6 Análise interpretativa das entrevistas com os professores.....	63
2.7 Análise interpretativa das entrevistas com os pais.....	76
2.8 Análise interpretativa das questões dos alunos.....	88
2.8.1 Análise dos mapas mentais.....	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE A – Roteiro de entrevista 1: direcionado aos professores da Escola Municipal Francisca Mariana Luiz</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE B - Roteiro de entrevista 2: direcionado aos alunos do 2 ao 5º Ano da Escola Municipal Francisca Mariana Luiz</b>	<b>114</b>
<b>APÊNDICE C - Roteiro de entrevista 3: direcionado aos pais dos alunos Escola Municipal Francisca Mariana Luiz</b>	<b>115</b>

## INTRODUÇÃO

A relação do ser humano com a natureza efetiva-se por meio de um contínuo e dinâmico processo, cuja principal característica tem sido a apropriação, pelo homem de forma indiscriminada e utilitarista, dos recursos disponíveis na natureza, caracterizando o atual modelo civilizatório urbano-industrial que desenvolve valores individualistas e consumistas na sociedade. Paralelo a isso, com o avanço industrial numa sociedade tecnológica ao mesmo tempo em que proporciona o conforto origina a pobreza de uma parcela significativa da população e danos irreversíveis ao meio ambiente. A questão socioambiental enfrenta desafios, pois a combinação da degradação com a pobreza gera diversos outros problemas sociais, dentre eles, a exclusão, o subdesenvolvimento, o que determina uma relação de poder e dominação entre as classes sociais, bem como nas relações da sociedade com a natureza.

A superação dos problemas ambientais depende da percepção e sensibilização dos sujeitos envolvidos nesse processo de transformação, no que se refere a docentes, discentes e comunidade como um todo, é algo ainda muito distante da atual realidade pesquisada. É necessário dar um passo para essa mudança, visto que o grau de consciência não é proporcional ao grau de envolvimento em ações voltadas à educação ambiental. Cabe à escola refletir sobre suas representações sociais e a partir delas, construir relações, modificando a escola, formando cidadãos para enfrentar as mudanças da realidade vivenciada.

Esta pesquisa propõe analisar as práticas educativas ambientais na Escola Municipal Francisca Mariana Luiz, na proposta da metodologia da Escola Ativa, desde sua implantação em 2010. De fato, o Programa Escola Ativa, substituído em 2012 pelo Programa Escola da Terra, possibilita ações conjuntas com a comunidade onde a escola está inserida, definindo necessidades e prioridades que farão parte do currículo da escola, tendo abertura para discussões ambientais que fazem parte do cotidiano daquela comunidade específica.

Optou-se pela Escola Municipal Francisca Mariana Luiz – Campo Alegre de Goiás, por ser uma escola rural inserida na comunidade do Assentamento Paineiras, também conhecido como “Projeto Paineiras”, pela qual tenho um sentimento de pertencimento ao lugar por morar há vários anos próximo ao local, além de laços de amizade, o que amplia o universo da pesquisa e permite enriquecer a análise. Por se tratar de uma região que vive predominantemente do agronegócio, as famílias que moram ao redor da escola vivem da atividade agropecuária. De acordo com a coordenadora, na escola, são realizadas palestras educativas en-

volvendo os alunos e a comunidade local sobre as questões socioambientais locais e formas de amenizar seus impactos.

O educador ao trabalhar com o tema meio ambiente, não pode limitar-se apenas a reprodução de conceitos ecológicos ou mesmo à preservação e/ou conservação, sem pensar, agir e transmitir de forma crítica esse conhecimento. Faz-se necessário refletir e buscar entender na prática a complexidade das causas e inter-relações que levam ao agravamento dos problemas ambientais. Estes problemas não existem em um contexto isolado, mas compõem um todo político, cultural, histórico e econômico presentes na raiz da situação. Para tanto, a educação ambiental é um processo permanente, no qual o indivíduo e a comunidade tomam consciência do meio ambiente, adquirindo conhecimento, habilidades, valores, e assim se tornam aptos para agir individualmente ou coletivamente buscando soluções para os problemas ambientais.

Esta realidade traz à luz a discussão sobre a educação ambiental no meio rural, que não poderia ser diferente, pois é preciso observar as diversidades, de modo que sensibilizem o educando de acordo com sua realidade local. A autora Caldart (2004) ao definir a Educação do/no campo afirma que: “*No*: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; *Do*: o povo tem direito a uma educação, pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada a sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2004, p. 18, grifos da autora). Nos últimos anos, a educação do/no campo tem despertado a atenção dos gestores públicos, e, com isso, alguns programas voltados para a educação do campo têm sido criados, como o Programa Escola Ativa. O Programa Escola Ativa (PEA) é uma estratégia metodológica voltada para as classes multisseriadas do campo. Criado na Colômbia, na década de 1960, o programa visava reduzir os índices de reprovação e de abandono da sala de aula pelos alunos das escolas multisseriadas do primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

Após quase vinte anos de existência, na Colômbia, o PEA passou a ser difundido em outros países, que apresentavam os mesmos índices de pobreza no campo e baixo rendimento das suas escolas rurais, como a única alternativa para a melhoria da qualidade dessas escolas. O PEA, chegou ao Brasil, no final dos anos de 1990. Inicialmente, esse programa foi direcionado para as regiões que apresentavam os maiores índices de analfabetismo no campo: as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O programa possibilita ações conjuntas com a comunidade local, ao colocar as necessidades prioritárias que farão parte do currículo escolar possibilitando abertura para as discussões ambientais do cotidiano da comunidade em estudo.

Nas últimas décadas, as questões ambientais vêm sendo discutidas com maior profundidade, devido à preocupação de diversos grupos sociais em alertar os seres humanos so-

bre os problemas ambientais e o quanto estes afetam sua vida. Desta forma, a educação ambiental é uma alternativa de informar os indivíduos são diretamente responsáveis pelo meio em que vivem e o Programa da Escola Ativa propõe ações que levam ao processo efetivo de atitudes conscientes para com o ambiente por meio de sua estrutura metodológica ao destacar a educação como um processo contínuo.

Assim, o problema da pesquisa parte para os questionamentos: A escola pesquisada desenvolve práticas educativas ambientais? Quais as mudanças e/ou melhorias ambientais que ocorreram na escola a partir da implantação do Programa Escola Ativa?

A prática educativa é entendida como uma forma de condução do ensino de um determinado tema, em que o professor tem papel fundamental, por meio de ações, orientações e observações. Libâneo (1996) nos fala que a prática educativa é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária a existência e ao funcionamento de todas as sociedades, provendo os indivíduos de conhecimentos e experiências culturais que os torne aptos a atuar e transformar o meio social.

O objetivo geral que orienta esta pesquisa visa compreender as metodologias da Escola Ativa, nas práticas educativas ambientais na Escola Municipal Francisca Mariana Luiz em Campo Alegre de Goiás. Assim, os objetivos específicos delimitaram-se em: buscar um referencial teórico que contemplasse discussões sobre a Geografia, educação ambiental e o Programa Escola Ativa para embasamento da investigação empírica, identificar os conteúdos, os temas abordados e os projetos desenvolvidos nas práticas educativas sobre as questões ambientais e analisar a interação escola/comunidade a partir das práticas educativas ambientais.

Para a consecução da metodologia da pesquisa buscou-se realizar entrevistas com os três docentes que trabalham na escola. No roteiro da entrevista foram apresentadas dezesseis questões referentes a experiência na educação ambiental realizada na escola e a interação desta com a comunidade. Outros participantes da pesquisa foram os pais ou responsáveis pelos alunos. Para estes sujeitos foram também feitas entrevistas, contendo quatorze questões sobre sua participação nos projetos da escola.

Quanto aos alunos, foram entrevistados no total nove, um do segundo, dois do terceiro, cinco do quarto e um do quinto ano do Ensino Fundamental. O fato de serem entrevistados poucos alunos, se dá por ser uma escola rural com salas multisseriadas, atendendo no total vinte e dois alunos sendo que destes, onze pertencem ao jardim I e II da Educação Infantil, e dois no primeiro ano.

A escola pesquisada localiza-se no município de Campo Alegre de Goiás à margem da rodovia BR-050, km 171, (Figura 2) a 41km da cidade sede do município de Campo

Alegre de Goiás. A Escola Municipal Francisca Mariana Luiz foi fundada no dia 03 de fevereiro de 2002, com o terreno doado pelo, Sr. João Peres e sua esposa D. Francisca Mariana Luiz antigos moradores do Assentamento Paineiras.

O município de Campo Alegre de Goiás teve sua emancipação em 12 de novembro de 1953, desmembrando-se do município de Ipameri, mas somente em 1989 obteve a autonomia em relação à Comarca de Ipameri de acordo com a Lei nº 11.029 de 28 de novembro de 1989, publicada no Diário Oficial nº1585 de 6 de dezembro de 1989. O município de Campo Alegre de Goiás está situado no planalto Brasil Central, no Estado de Goiás, na Mesorregião do Sul Goiano e na Microrregião de Catalão (GO). Em relação aos grandes centros, Campo Alegre de Goiás está em uma área estratégica (Figura 1), pois é cortado pela BR050, ligando o município à cidade de Catalão a 74km, à Uberlândia (MG) a 183km, e à capital federal, Brasília a 240km e ainda à capital do Estado, Goiânia a 256km. A cidade possui 2.463,01km<sup>2</sup>, com uma população de 6.060 habitantes, segundo dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2010, que estão distribuídos nos bairros: Santa Catarina, Bela Vista, Vila Aurora, Vila Satélite, Vila Nossa Senhora Aparecida, Vila Delermundo, Bairro Céu Azul.

A zona rural é formada por várias fazendas que se localizam ao redor do perímetro urbano, como Rancharia, Paulista, Pirapitinga, Soledade, Calaça, Copacabana, Sesmaria, entre outras. Além das riquezas naturais, a região é uma das maiores produtoras de grãos do Estado, há ainda atividades como a pecuária e extrativismo mineral e vegetal. Destacamos as empresas Cocari, Agrofava Sementes, Caramuru, Agromem, Cargil e Facer Fava. Depois da pecuária e da agricultura, o comércio emprega o maior número de pessoas.

Atualmente a cidade conta com uma Creche Municipal Lar da Criança, cinco escolas que atendem a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio na cidade, sendo elas: Escola M. Luiz Fava, Escola M. Dona Nilda José da Silva, Escola M. Liberdade e Colégio Estadual Major Emídio e somente uma escola na zona rural Escola Municipal Francisca Mariana Luiz que atende à Educação Infantil e Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano.

A seguir, na Foto 1, poderemos visualizar o município de Campo Alegre de Goiás e em seu entorno a grande quantidade de terras destinada ao agronegócio.

**Foto 1** - Campo Alegre de Goiás (GO) - 2013



**Fonte:** Google Earth (2013).

A pesquisa foi organizada em três capítulos: no primeiro capítulo intitulado “Educação Ambiental e a Geografia” discutimos a temática da educação ambiental, bem como os problemas ambientais e a contribuição da Geografia para a mesma. No segundo capítulo, resgatamos a origem do Programa Escola Ativa e sua forma de atuação na educação do campo, tecendo uma discussão sobre sua metodologia e aspectos legais que a envolvem. Parte-se do princípio que é preciso respeitar os saberes e a cultura de cada comunidade e englobar estes conhecimentos adquiridos ao longo do tempo em seu dia a dia.

No terceiro capítulo, caracterizamos a Escola Municipal Francisca Mariana Luiz bem como a interpretação e análise dos dados colhidos. Destacamos o processo de desenvolvimento das questões utilizadas nas entrevistas aplicadas aos professores, pais, e as atividades feitas com os alunos em sala de aula e ainda apresentamos as dificuldades enfrentadas pelos professores trabalhadores na escola.

Desta forma, a pesquisa contribuirá com a ciência geográfica ao trazer a discussão sobre como é realizada a educação ambiental no campo apesar de todas as adversidades, permitindo compreender as dificuldades enfrentadas pelos que optam em morar, estudar e trabalhar no campo.

## **CAPÍTULO I**

### **1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A GEOGRAFIA**

As questões socioambientais ganham conotação mundial em virtude das transformações oriundas nos últimos vinte anos. Inventos tecnológicos ao mesmo tempo em que proporcionam conforto geram danos irreversíveis ao meio ambiente, colocando em risco as condições de manutenção da vida no planeta. Nesse sentido, as decisões tomadas hoje impõem uma nova dimensão para a responsabilidade de ações cotidianas, pois poderão mesmo que indiretamente gerar consequências desastrosas para a vida de futuras gerações. Diante desta realidade, tornou-se fundamental o papel da educação como elemento de formação de uma nova sociedade, aprofundando as discussões sobre as questões socioambientais. O objetivo deste capítulo é destacar a importância da Geografia na educação ambiental.

#### **1.1 Pensando o meio ambiente**

O tema meio ambiente é complexo e seu conhecimento sistemático está em constante construção e significa entendê-lo em termos de relações, pois é difícil falar de meio ambiente somente pelo ponto de vista da natureza, sem falar da interação com a sociedade. Assim é possível notar sua complexidade, é preciso ampliar o olhar às peculiaridades aos problemas ambientais. Dentro desta complexidade, não existe um único conhecimento e nem um saber pronto e acabado, mas sim, a construção na dialética de posições atuais antagônicas e a reflexão sobre como se dá o entrelaçamento da relação homem e natureza. Isso requer a busca de novos saberes, sejam eles científicos ou populares para remetermos ao saber ambiental que Leff (2001) definiu como:

O saber ambiental é um questionamento sobre as condições ecológicas da sustentabilidade e as bases sociais da democracia e da justiça; é uma construção e comunicação de saberes que colocam o juízo das estratégias de poder e os efeitos de dominação que se geram através de formas de detenção, apropriação e transmissão de conhecimentos. (LEFF, 2001, p.7).

Abre-se neste pensamento a possibilidade para que os pesquisadores se interessem em compreender o pensamento complexo, ou seja, compreender a nova maneira de ver e pensar o mundo, lançando-se ao desafio de buscarem novos caminhos para a superação de um conhecimento fragmentado em disciplinas. Estes diálogos se fazem oportunos dentro da temá-

tica ambiental, uma vez que a epistemologia é a reflexão, o estudo de propostas críticas sobre a ciência constituída ou em processo de constituição, onde o conhecimento é acumulativo e atende a interesses e valores que se alteram com o tempo.

No termo complexo, nos deparamos com a ideia de dificuldade, mas Morin (2007) ressalta que com a palavra complexo não estamos dando uma explicação, mas sim assinalando uma dificuldade para explicar. Nesse sentido o pensamento complexo não será capaz de abrir todas as portas, mas um pensamento onde estará sempre presente uma dificuldade, um desafio a ser superado.

É dentro da complexidade que nos deparamos com a multiplicidade de fatores que compõem o meio ambiente, remetendo-nos a não falar em problemas ambientais, mas de problemática ambiental (locais, regionais e globais) e estes são tanto mais complexos à medida que o meio ambiente é concebido de maneira globalizada, ou seja, em escala planetária requerendo em sua interpretação uma articulação das diferentes perspectivas.

Percebemos também que o termo ambiente é marcado como sinônimo de ecologia, mas, há uma grande discussão em torno da redundância do termo meio ambiente, por conter duas palavras com significados similares, como observa Freitas (2001, p. 17) “A expressão meio ambiente, adotada no Brasil, é criticada pelos estudiosos, porque meio e ambiente, no sentido enfocado, significam a mesma coisa”. Logo, tal emprego importaria em repetição, toma-se como exemplo na Itália e em Portugal usa-se, apenas, a palavra ambiente.

Barbieri (2011) também contribui com a definição de meio ambiente e enfoca a questão dos vários significados atribuídos:

Meio ambiente é tudo o que envolve e cerca os seres vivos. A palavra *ambiente* vem do latim e o prefixo *ambi* denota “ao redor de algo” ou “ambos os lados”. O verbo latino *ambio*, *ambire* significa “andar em volta ou em torno de alguma coisa”. Cabe notar que as palavras meio e ambiente trazem a ideia de entorno e envoltório, de modo que a expressão meio ambiente encerra uma redundância. (BARBIERI, 2011, p. 1, grifos do autor).

Verifica-se assim que o termo meio ambiente constantemente utilizado tanto pelos meios de comunicação, livros, discursos políticos entre outras fontes revelam a diversidade conceitual e de seu uso influenciado pela vivência pessoal e profissional de cada indivíduo.

Retomando a palavra Ecologia, é um termo que Sato (1997) também define com maestria como:

A palavra *oikos* (do grego, casa - *oikos*), que deu origem à ecologia, de uma variação bastante interessante: *oikeiosis*, que tem círculos cada vez mais largos de aplicação. Opera, em primeiro lugar, no ambiente de cada um (ética -

ethos), depois no sentido da prole e da família (economia - oikos), da sociedade e da cidade (política - polis) e finalmente culmina no amor da raça humana (mundo - kósmos), proporcionando o fundamento para a ética social mais baseada na natureza do que na convenção. (SATO, 1997, p. 14).

A ecologia no âmbito das ciências propôs uma conexão dos saberes no intuito de compreender as inter-relações com os seres vivos, alcançando assim níveis maiores de complexidade, antes era estritamente científico e agora perpassa para o campo social. Esta mudança culminou no desejo de ver relações mais harmoniosas entre sociedade e ambiente passando a ser conhecido como lutas ecológicas, um movimento e prática social na década de 1970 no Brasil, que constituiu na origem da educação ambiental, a qual será tratada especificamente em outro item deste capítulo.

O século XX assistiu a lenta transformação da conotação do termo ambiente, pois até meados do mesmo, as discussões relativas a esta temática ainda tinha uma concepção naturalista e científica. A evolução do conceito de meio ambiente está intrinsecamente ligada com o desenvolvimento das atividades humanas. Pensamento compartilhado por Reigota (2002), pois para este autor o meio ambiente é:

[...] o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído. (REIGOTA, 2002, p.14).

Ao explicar que meio ambiente é um espaço determinado no tempo, delimitando fronteiras e momentos específicos, o autor nos chama atenção para que na prática de educação ambiental seja necessário como ponto de partida conhecer as representações de meio ambiente das pessoas envolvidas no processo pedagógico, demonstrando a importância de entender as inter-relações que compõem o lugar.

Ainda observa-se que tanto no senso comum como no meio acadêmico ainda existe a definição de meio ambiente dentro de uma visão naturalista tendendo a ver a natureza como o mundo da ordem biológica e equilibrada. Sob esse ponto Mendonça (2001) esclarece:

Na evolução do conceito de meio ambiente (*environment, environnemet*) observa-se o envolvimento crescente das atividades humanas, sobretudo nas quatro últimas décadas, mas ele continua fortemente ligado a uma concepção naturalista, sendo que o homem socialmente organizado parece se constituir mais num fator que num elemento do ambiente. (MENDONÇA, 2001, p. 116, grifos do autor).

A partir do pensamento do autor supracitado, reforça-se a ideia de ser necessário conhecer as representações de meio ambiente dos indivíduos e dos grupos sociais para que a

prática pedagógica seja direcionada. Esta necessidade faz com que a prática pedagógica sobre o meio ambiente seja criativa e democrática e isso tem despertado uma nova geração de pesquisadores, movimentos sociais, revistas especializadas e congressos internacionais, com uma gama de significados para o meio ambiente.

Sauvé (1997) ao refletir sobre a forma como os seres humanos concebem o termo meio ambiente e a partir deste entendimento agem no espaço, descreve seis concepções a saber:

- Ambiente como natureza: é composto por elementos naturais, englobando aspectos físico-químicos, a fauna e a flora. Nessa concepção os seres humanos estão dissociados;
- Ambiente como recurso: ambiente é um recurso que pode ser gerenciado de acordo com nossos princípios de desenvolvimento sustentável. Devemos tomar decisões corretas para assegurar os recursos para o nosso momento atual e as gerações futuras. O ser humano exerce profundas modificações no meio ambiente em seu benefício próprio;
- Ambiente como um problema: o ambiente é ameaçado pela poluição e pela degradação. As ações envolvem estratégias para identificar, analisar e diagnosticar o problema. O ser humano é visto como predador por excelência;
- Ambiente como um sistema: representado pelos mapas, fotografias aéreas, modelagens ou ecossistema;
- Ambiente como meio de vida: ambiente aqui é o nosso ambiente do cotidiano, na escola, na casa, no trabalho, no lazer. É caracterizado pelos seres humanos e seus aspectos sócio-culturais, tecnológicos e componentes históricos;
- Ambiente como biosfera: representado pelo planeta Terra;
- Ambiente como projeto de vida: o ambiente faz parte da coletividade humana, é o lugar dividido, político, identidade ecológica. Mostra a interdependência da sociedade com a natureza.

Podemos considerar que para Sauvé (1997) o meio ambiente é uma realidade tão complexa que escapa de qualquer definição conceitual e que ainda é preciso explorar as diferentes percepções que o indivíduo tem do meio ambiente.

O universo ambiental é heterogêneo, tomado e ligado ao discurso sócio histórico, produzindo uma gama de significados e, dentro das relações sociais, produz valores, ética e naturaliza certos modos de ver e comportar perante o meio ambiente e isto inclui uma série de práticas políticas e pedagógicas na esfera da organização coletiva, associações e movimentos sociais.

Reigota (2002) ao buscar entender como o conceito de meio ambiente era entendido pela sociedade, realizou um estudo a fim de identificar quais eram as percepções dos professores do ensino fundamental e médio, valorizando suas percepções e representações sobre o meio ambiente. De acordo com os resultados obtidos as representações podem ser agrupadas em três categorias: naturalista, antropocêntrica e sistêmica.

Dentro do olhar naturalista, os elementos que fazem parte da natureza intocada (primeira natureza), compostos pelos elementos abióticos (água, ar, solo) e os bióticos (seres vivos). Esta percepção de meio ambiente mostra a separação entre o homem e a natureza, o homem como sujeito histórico não se inclui no meio ambiente.

A visão antropocêntrica se coloca na dicotomia homem e natureza, evidenciando os interesses e necessidades do homem moderno e pós-moderno. O homem nesta concepção passa a ser visto como o centro do mundo e um sujeito superior à natureza. A natureza aqui é apreendida como um recurso ilimitado de riqueza e forma produtiva. Não há dúvidas que seja uma visão reducionista e compartimentada de meio ambiente se alicerçando nos princípios cartesianos e newtonianos da ciência moderna e alimentada pelo positivismo iluminista.

A visão sistêmica ou holística tem como base epistemológica a Teoria da relatividade de Albert Einstein, o Princípio da Complementaridade de Niels Bohr, o Princípio da Incerteza de Kant Heisenberg, a Teoria das Estruturas Dissipativas de Ilya Prigogine e a Complexidade Ecológica de Edgar Morin. Em linhas gerais a visão sistêmica é uma leitura complexa da realidade, tendo como pressuposto a interação dos diversos elementos que a compõem, sendo o homem, nesse contexto, visto como elemento que integra o meio ambiente.

Todavia, o debate acerca da etimologia relativa ao meio ambiente não se esgota com a adoção de uma ou outra terminologia, bem como alertou Moraes (2002) ao tratar dos fundamentos epistemológicos para o estudo do meio ambiente, quando ressalta que um dos principais problemas neste campo de estudos diz respeito à diversidade conceitual e a linguagem que o envolve. Os estudos sobre a temática ambiental surgiram em um plano bastante técnico e só aos poucos foi se afirmando a necessidade de aprofundar a reflexão metodológica e epistemológica.

A prática da reflexão metodológica e epistemológica tem sido limitada pela fragmentação do conhecimento e a questão ambiental, bem como as pesquisas em educação Ambiental têm possibilitado discussões de aspectos conceituais e metodológicos, abrindo uma nova perspectiva epistemológica para compreender o desenvolvimento do conhecimento.

Analisar e refletir sobre o conhecimento é um modo fascinante e desafiador de restituir algo que se encontra adormecido. Poderíamos aprofundar mais ainda essa discussão, todavia analisaremos a seguir algumas concepções sobre meio ambiente no campo da educação.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 2001), é importante trabalhar a partir da visão que cada grupo social tem do significado do termo “meio ambiente” e principalmente como cada grupo percebe seu ambiente em que está inserido. Para se trabalhar tanto com os alunos como a comunidade, o termo meio ambiente tem sido utilizado para indicar um espaço (componentes bióticos e abióticos e suas interações) em que um ser vive e se desenvolve, trocando energias e interagindo com ele. No caso do homem, ao espaço físico e biológico soma-se o espaço sociocultural. Os PCN, (BRASIL, 2001) classificam esses ambientes em: Elementos naturais como rios, nascentes e lagos; Áreas urbana e rural: Esta diferenciação distingue a área de concentrações urbanas, marcadas pela ação antrópica, das áreas de concentração rural, onde se localizam intervenções fortes como a monocultura; Fatores físicos e sociais do meio ambiente: Destacam-se os fatores físicos do meio ambiente ao tratar das relações de trocas de energia e uso dos recursos minerais, vegetais ou animais entre os elementos naturais ou construídos e também considera as relações sociais, políticas e econômicas da sociedade humana; Proteção ambiental para que a escola saiba como assumir responsabilidades e promover o exercício de cidadania, é preciso elucidar os conceitos que versam sobre a complexidade ambiental, particularmente em relação às terminologias como conservação, preservação e proteção ambiental e também degradação, poluição, destruição e contaminação, entre outras.

Os PCN (BRASIL, 2001) falam do uso do termo meio ambiente pelos meios de comunicação que produz e reproduz alguns preconceitos ou falsos dilemas e visões distorcidas, que muitas vezes são provocadas propositalmente para desmobilizar movimentos. Para Belloni (1994) desde meados de 1970 e 1980 quando os meios de comunicação surgem como fenômeno social, este começa ser utilizado por várias empresas mundiais cujo objetivo é a geoeconomia, para a criação de uma cultura global que forneceria os insumos para a produção de mercadorias materiais e simbólicas.

## **1.2 Educação Ambiental**

As constantes transformações na esfera econômica, cultural, política e social fazem com que os estudos de cunho ambiental tornem cada vez mais relevantes e próximos das

múltiplas realidades produzidas na dinâmica contemporânea. Diante dessa dinâmica, a escola torna-se cada vez mais uma instituição voltada para atender as características que a sociedade lhe impõe.

Daí a importância dos docentes realizarem estudos aprofundados que mostrem a dinâmica ambiental e seus pressupostos econômicos e sociais. Straforini (2004), nos fala que, faz-se necessário criar espaços que favoreçam a pesquisa transformando assim o trabalho pedagógico. Promover uma educação ambiental que possibilite a formação de uma consciência crítica, exigirá do professor uma constante atualização do conhecimento acerca das questões ambientais.

Para nos situarmos sobre a evolução dos debates mundiais, em relação à educação ambiental e o histórico da institucionalização da mesma no Brasil, traçamos um breve histórico:

- 1869 - Ernest Haeckel, propõe o vocábulo “ecologia” para os estudos das relações entre as espécies e seu ambiente;
- 1962 - Publicação da “Primavera Silenciosa” por Rachel Carlson;
- 1965 - Intensificam-se as discussões sobre as questões ambientais e em março é realizada a Conferência de Educação da Universidade de Keele, na Inglaterra, onde foi usada pela primeira vez a expressão educação ambiental e que esta deveria fazer parte da educação;
- 1972 - Publicação do Relatório “Os Limites do Crescimento” – Clube de Roma
- 1972 - Em junho foi realizado em Estocolmo, na Suécia, a primeira Conferência sobre o Meio Ambiente onde houve a discussão sobre o desenvolvimento, ambiente e o conceito de ecodesenvolvimento, considerada como um marco histórico internacional;
- 1973 - Cria-se no Brasil a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA);
- 1974 - O Seminário de Educação Ambiental em Jammi na Finlândia reconhece a educação ambiental como educação integral e permanente;
- 1975 - Congresso de Belgrado, através da Carta de Belgrado estabeleceu as metas e princípios da educação ambiental;
- 1976 - A SEMA juntamente com a Fundação Educacional do Distrito Federal e a Universidade de Brasília, realizam o primeiro curso de extensão para professores em ecologia;

- 1977 - Realizada a Conferencia de Tbilisi – na Geórgia, estabelecendo os princípios orientadores da educação ambiental, remarca seu caráter interdisciplinar, crítico, ético e transformador;
- 1977 - A SEMA - elabora um documento sobre educação ambiental para definir seu papel no contexto brasileiro;
- 1981 - A educação ambiental aparece na Lei nº 6.938/81, que institui a “Política Nacional do Meio Ambiente é incluída em todos os níveis de ensino, limitada em seus aspectos ecológico e de conservação;
- 1988 - Constituição da República Federativa do Brasil dedicou o Capítulo VI ao Meio Ambiente e no Art. 225, Inciso VI, determina ao Poder Público, promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino;
- 1989 - Cria-se o Fundo Nacional de Meio Ambiente, Lei nº 7.797/89 que apoia os projetos de educação ambiental;
- 1989 - Criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA).
- 1992 - É criado o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e os núcleos de educação ambiental do IBAMA;
- 1992 - A Conferência Mundial das Nações Unidas no Rio de Janeiro ficou conhecida como Rio-92, consolidada por meio da “Agenda 21”, pela qual se firmavam os compromissos entre diversos países. Neste documento a educação ambiental é considerada indispensável para a modificação de atitudes, para a formação de sociedades sustentáveis, com pensamento crítico e renovador com uma visão interdisciplinar;
- 1997 - É lançado os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do MEC, nos quais incluem o meio ambiente como um dos temas transversais.
- 1999 - É promulgada a Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999 que institui a Política Nacional de Educação Ambiental;
- 2001 - O Plano Nacional de Educação é aprovado pelo Congresso Nacional (Lei nº 10.172/2001), estabeleceu-se diretrizes e prazos para a educação ambiental ser tratada como tema transversal e prática interdisciplinar.
- 2012 - Realizou-se a Rio + 20” (Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável) foi um megaevento organizado pela ONU no Rio de Janeiro, de 13 a 22 de junho de 2012 para comemorar os 20 anos da “Rio 92” e que culminou com uma declaração de 49 páginas assinada pelos 188 países participantes, intitulada “O futuro que queremos”.

É mister perceber que a abrangência das questões ambientais manifestou-se em uma série de conferências, fóruns, convenções, tratados e o reconhecimento da importância e necessidade de articulação dos educadores e instituições.

Por outro lado, os professores de Geografia irão enfrentar um novo desafio atuando como mediadores despertando na sociedade por meio da prática educativa a tomada de uma consciência voltada para a preservação da natureza. BRASIL (2001) chama a atenção para a necessidade da formação e capacitação da equipe escolar para que se possa praticar uma educação ambiental abrangente e efetiva:

A opção pelo trabalho como o tema Meio Ambiente traz a necessidade de aquisição de conhecimentos e informação por parte da escola para que se possa desenvolver um trabalho adequado junto dos alunos. Pela própria natureza da questão ambiental, a aquisição de informações sobre o tema é uma necessidade constante para todos. (BRASIL, 2001, p. 47).

A educação ambiental é uma ferramenta importante para mudar as atitudes para com o meio ambiente, conduzindo as pessoas por caminhos que vislumbrem a melhoria de seu ambiente e qualidade de vida. Daí a importância dos professores de Geografia, pois cabe a estes desenvolver junto aos seus alunos o pensamento crítico.

Hoje a educação é também um instrumento mediador de interesses e conflitos entre os atores sociais, estes, por sua vez, agem no ambiente por meio de ações com capacidade variada de influenciar direta ou indiretamente na transformação da qualidade do meio ambiente.

Quintas (2009) fala que os atores sociais são: o poder legislativo (poder de legislar), Judiciário (poder de condenar e absolver), Ministério Público (poder de investigar e acusar), órgãos ambientais (poder de definir padrões de qualidade ambiental, embargar, licenciar e multar), jornalistas (poder de influenciar na formação da opinião pública), agências estatais de desenvolvimento (poder de financiamento, de criação, de infraestrutura) entre outros atores que têm grande poder de persuasão na qualidade ambiental e na vida das populações.

Vale salientar que nem sempre estes atores sociais como os dos poderes legislativo, judiciário ao tomarem determinadas decisões levam em conta os interesses e as necessidades dos grupos sociais menos favorecidos economicamente, pois, às vezes, o que pode ser benefício para uns pode transformar em significativo prejuízo para outros trazendo desagregação social e outros problemas que caracterizam a degradação ambiental definida por Araújo (2005) como alteração natural ou antrópica com impactos diretos ou indiretos ao meio ambiente.

A educação acontece como parte da ação humana de transformar a natureza em cultura, atribuindo-lhe sentido. O educador está sempre envolvido na tarefa reflexiva que implica em provocar outras leituras da vida, novas compreensões e visões possíveis sobre o mundo, pois a educação precisa ter finalidade.

Com base em Gadotti (2000), não existe receita mágica, nem métodos ou técnicas para o campo educacional, é preciso experimentar, ir a campo, explorar, e sempre que possível encontrar respostas pertinentes às perguntas elaboradas. A educação ambiental altera profundamente a educação como conhecemos não a prática pedagógica voltada para a transmissão de conhecimentos sobre ecologia, trata-se de uma educação que visa não só a utilização racional dos recursos naturais, mas basicamente a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental.

Muitas vezes deixamos de participar de coisas importantes, esperando que alguém venha nos convidar ou faça alguma coisa por nós, mas na verdade nada muda se não mudarmos primeiro. É nesse contexto de comodismo que a educação reflete a sociedade inserida, este modelo está agonizando, pois explorou ao máximo as potencialidades disponíveis na natureza, e hoje já não consegue mais responder satisfatoriamente em nenhum aspecto, principalmente no social.

É imprescindível uma mudança na forma de ensinar a educação ambiental nas escolas de simples formalidade curricular para uma visão crítica, em que os alunos conheçam os problemas ambientais ao seu redor, e consigam partir do micro para entender o macro. Saviani (1986) corrobora com esta questão afirmando que o processo de conhecer a realidade permite ao educando sair de uma visão sincrética (caótica) da totalidade da realidade vivenciada para uma visão sintética (totalmente elaborada) pela mediação da análise.

Em 1995, a Secretaria de Educação Fundamental do MEC publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com sua versão final em 1998, criaram o tema “Meio Ambiente e Saúde” (1997) e “Convívio Social, Ética e Meio Ambiente” (1998), em que a dimensão ambiental é inserida como tema transversal nos currículos do Ensino Fundamental. Os PCN são apresentados como um conjunto de proposições elaboradas para servirem de base não apenas para a elaboração e a revisão das políticas de currículo dos estados e municípios, mas também na orientação dos próprios investimentos que seriam feitos no sistema educacional, assim como os princípios no que concerne à elaboração de projetos educativos, ao planejamento e material didático utilizado e principalmente, às reflexões sobre a prática pedagógica em geral.

Por sua vez, Brasil (1998) propôs o Programa PCN em ação, atendendo as solicitações dos Estados, inserindo o tema meio ambiente sendo trabalhado transversalmente, ou seja, juntamente com todas as outras disciplinas. Os critérios adotados para a eleição dos temas transversais basearam-se em:

- Urgência: buscando a resolução de questões que se apresentam como obstáculos à concretização da plenitude da cidadania;
- Flexibilidade: possibilitando que cada escola acrescente ou modifique os temas, adequados às suas realidades;
- Universalidade: propondo a inclusão de temas relevantes dos aspectos educativos, como a Educação Ambiental, ética ou educação sexual; e
- Reconstrução: indo além da construção dos conhecimentos, mas intervindo na realidade de forma responsável através de processos participativos.

Contudo, apesar dos esforços empreendidos para a consolidação da educação ambiental no currículo do Ensino Fundamental e Médio por meio da proposta dos PCN para que a educação ambiental não ficasse reduzida às aulas de Biologia, Geografia entre outras e posteriormente, a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) estendendo-se a todos os níveis de ensino.

Para os PCN, o objetivo do ensino fundamental é que os alunos sejam capazes de perceberem-se como integrantes dependentes e agentes transformadores do ambiente, identificando seus elementos e suas integrações entre eles contribuindo para a melhoria do meio ambiente. Já no PNEA, foram definidos os princípios, objetivos, as obrigações do governo, empresas e instituições, juntamente com o papel do ensino formal e não formal na educação ambiental.

Vale ressaltar que, a inspiração sobre as discussões acerca da educação ambiental nos PCN, veio dos textos e documentos da conferência das Nações Unidas de 1972 realizado em Estocolmo, Tbilisi em 1977, posteriormente a Rio-92 onde se conferiu à educação ambiental a finalidade de formar uma população mundial consciente e preocupada com o meio ambiente e problemas relacionados futuros, sendo exigida pela constituição e declarada como prioritária em todas as instâncias de poder.

Embora, o fato dos PCN terem reconhecido que a educação ambiental ainda está longe de ser uma atividade tranquilamente aceita e desenvolvida, nesta visão, Carvalho (2008) tece sua crítica:

[...] é perceptível a ausência de um esclarecimento mais explícito de que, sem uma mudança real do quadro de miserabilidade social, na falta de vontade política, no capitalismo desumanizado e globalizado, no consumismo desenfreado e no individualismo, a Educação Ambiental sozinha não pode fazer milagres. Da mesma forma, é lamentável que o papel da sociedade civil não esteja suficientemente claro, não só em termos das iniciativas de Educação Ambiental implementadas em diferentes partes do planeta – por meio de associações, ONG, grupos de ação e instituições populares [...] (CARVALHO, 2008, p. 95).

É preciso ter a consciência que a educação ambiental não resolve sozinha, é necessário que as políticas públicas, instituições governamentais e não-governamentais tenham ações em conjunto com a população e o processo educativo para haja a melhoria da qualidade ambiental.

Nos últimos anos novas propostas curriculares começam a dar importância cada vez mais aos temas transversais (ética, saúde, meio ambiente, diversidade cultural, etc.) realçando os vínculos entre a educação e a vida. Abre-se, portanto, espaço oportuno para estabelecer um novo diálogo em sala de aula, quando professores e alunos são incentivados a discutirem variados temas pautados em eixos amplos e interdisciplinares de análises próximas da realidade do aluno.

Com base em Freire (1988), Guimarães (1995), Sato (2004) e Carvalho (2008), observa-se um consenso de que na educação ambiental o agir e o pensar são indissociáveis, é a chamada práxis da Educação Ambiental, pois se deve agir localmente (realidade do aluno) e pensar globalmente.

A educação ambiental deve ser desenvolvida e consolidada em seus pressupostos legais a fim de amparar o aluno e professor a construir uma consciência integral das questões referentes ao meio, assumindo atitudes de proteção e melhoria. Para que esse processo se efetive é relevante aos alunos conferirem significado àquilo que aprendem sobre as questões ambientais. Deve-se considerar que, os PCN (1997) indicam tal significado sendo resultado da ligação entre o que aluno aprende e sua realidade cotidiana, usando o conhecimento adquirido em outras situações.

É notório que o processo educativo, feito de forma ativa e participativa em relação ao meio ambiente, colaborará para tirar o aluno da posição de mero expectador da realidade que o cerca, para colocá-lo como participante dessa realidade, desenvolvendo o pensamento questionador, crítico e reflexivo.

Segundo Callai (2002, p. 101) “os currículos devem ser adaptados à realidade concreta e objetiva para que o aluno possa passar de mero consumidor de conhecimento e seja protagonista do processo ensino aprendizagem”. Assim, a escola voltada para uma metodolo-

gia da ação participativa dos problemas comunitários terá o desenvolvimento de um processo educativo que interessa à Educação Ambiental. Mas o que vem a ser e como fazer Educação Ambiental?

De acordo com Layrargues (2004) a Educação Ambiental surge em resposta aos desafios impostos pelos problemas ambientais, ou melhor, contra uma educação convencional que não é ambiental para incorporar a dimensão ambiental no âmbito da educação. E consiste numa modalidade de ensino vinculada a função moral de socialização humana e ideológica de reprodução das condições sociais. Percebe os seres humanos como continuidade da natureza, sendo que a cultura seria a natureza consciente de si, justificando o empenho do sistema educativo em reaproximar o humano da natureza, por meio da correção do rumo civilizatório a partir do processo de socialização ampliado à natureza, visa ainda a ampliação da esfera da ética, ecológica, e através da mudança cultural.

A educação ambiental, de acordo com a lei nº. 9795/99 (que trata da política nacional de meio ambiente) no seu artigo primeiro diz: “Entende-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente” (BRASIL, 1999). Isso nos remete a pensar a educação como forma de mudança cultural, onde os cidadãos sejam sujeitos ativos, críticos e reflexivos, engajados com uma educação para a vida, esse novo modelo também requer um embasamento teórico/prático na construção de um futuro pensado e vivido numa lógica racional e harmoniosa, buscando um equilíbrio entre o homem e o ambiente.

Para Carvalho (2008), torna-se necessário saber o modo que o educador abordará educação ambiental no processo educativo, pois o seu entendimento sobre a problemática ambiental e a vertente assumida, definirá o sujeito ecológico que irá se formar. O sujeito ecológico é definido pela mesma autora como um sujeito com postura ética de crítica a ordem vigente que hoje é baseado na exploração ilimitada dos bens materiais, arremata a autora.

A educação ambiental que ficava apenas nas interpretações de cunho naturalista, com os conhecimentos oriundos da disciplina Ciências ensinada no Ensino Fundamental ou da Biologia do Ensino Médio, sobre o funcionamento dos ecossistemas, fauna, flora, recursos hídricos, entre outros, hoje não podemos negar a importância das explicações biológicas e sua dinâmica na educação ambiental, assim não devemos reduzir o ato educativo a simples repasse de informações sem relacioná-los com as questões sociais e econômicas que envolvem o processo.

Para Leff (2001), a educação ambiental promove a construção de saberes pessoais e subjetivos, uma vez que, este, não é um saber pronto e acabado, mas sim, um processo educativo que fomenta a capacidade de construção e noção de conceitos, tendo como ponto de partida as representações que o educando possui de seu meio. Para tanto, o professor deve sair da sua prática pedagógica reprodutiva, ou seja, educação “bancária”, que favorece uma educação tecnocrática e conservadora.

Assim, no próximo tópico será abordado sobre o novo papel da Geografia e suas contribuições para a educação ambiental.

### **1.3 Geografia e suas contribuições na educação ambiental**

A Geografia assim como as demais ciências humanas e físicas tem na escola o compromisso de contribuir para formar o homem inteiro e apesar de ser um discurso muito discutido, é pouco realizado na prática do espaço social escolar. O conhecimento geográfico abre aos alunos a possibilidade de pensar o homem por inteiro em sua dimensão humana, para poder fazer sua leitura de mundo. Conforme Freire (1998) acentua:

[...] respeitar a leitura de mundo do educando, não é também um jogo tático com o que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de interligir o mundo. (FREIRE, 1998, p. 122).

Nos últimos anos, um número significativo de geógrafos vem se especializando no entendimento das questões socioambientais, numa perspectiva globalizante, ou seja, demonstrando que as relações sociedade-natureza constituem uma problemática única, não sendo possível investigá-la numa Geografia separada em Geografia Física e Geografia Humana, ou por meio de uma única área do conhecimento.

A Geografia como uma das ciências que entende a relação sociedade e meio ambiente, tem a responsabilidade de devolver a sociedade respostas para os problemas socioambientais, por meio de projetos de educação ambiental, criando debates em busca de soluções, com a realização de laudos técnicos com diagnósticos ambientais.

Moreira (2009) nos fala que o meio ambiente não existe deslocado e desligado da condição de reprodutividade da vida dos homens, onde a evolução da sociedade humana é a progressiva incorporação da natureza à existência social dos homens, a contar da própria escala biológica de sua evolução. A evolução da história dos homens é o próprio processo de in-

corporação da natureza à de sua reprodução como seres vivos, que se entrelaçam, às relações econômicas, social, cultural em nível crescente. O mesmo autor ainda complementa:

A natureza pela natureza não faz parte da vida e das preocupações do homem. Ela só entra nos planos enquanto um processo metabólico no qual a natureza é incorporada como dado essencial à reprodução dos homens enquanto seres vivos e esta reprodução incorpora por sua vez conteúdo social à natureza. Em Geografia falamos de socialização da natureza, para referir a esse processo de incorporação recíproca na qual a natureza é transformada na sociedade na mesma medida em que a sociedade é transformada em natureza. (MOREIRA, 2009, p. 12).

A Geografia assume um papel importante, uma vez que seu objeto de estudo é o espaço produzido nas inter-relações homem-natureza-sociedade. Portanto, a Geografia pode e deve contribuir para a atuação do cidadão no seu contexto cultural, no sentido de repensar o espaço produzido e possibilitando sua reorganização, objetivando condições mais saudáveis de vida.

A ciência geográfica propicia subsídios necessários na compreensão da relação dialética natureza-sociedade, como forma de questionar a histórica dependência econômica, política e financeira e também a apropriação privada dos meios de produção e os problemas ambientais. A Educação Ambiental deve ser um assunto diretamente vinculado à sociedade em seus poderes de decisão.

Um ponto relevante é a questão da legislação ambiental no momento em que ela começa a “incomodar os destinatários desta legislação”, pois a partir de 1965, temos uma legislação voltada para o cunho mais ambientalista e de proteção ao meio ambiente, mas levou certo tempo para que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA) e os mecanismos de gestão ambiental fossem aprimorados e implementados. A criação da Secretaria do Meio Ambiente em 1973 é um marco na história da política ambiental brasileira, pois naquela época as medidas do governo se concentravam principalmente nas denúncias de poluição industrial e rural, desde então as mudanças foram significativas.

A Educação, por sua vez, qualificou-se para aquisição de uma nova cultura, até mesmo na religião houve uma releitura de suas doutrinas e fundamentos espirituais e na comunicação, criou-se programas na mídia para informar a população sobre os problemas ambientais. Na Geografia, podemos encontrar em várias universidades cursos de pós-graduação tanto no nível *lacto senso* ou *stricto senso* em estudos ambientais e gestão ambiental.

Cabe a Geografia, assim, como as demais ciências ter o compromisso de retirar as máscaras do desenvolvimento econômico. O conhecimento geográfico abre a possibilidade da discussão e a contestação do sistema capitalista, possibilitando aos alunos pensar o homem

por inteiro em todas suas dimensões e contribuir para poder fazer sua leitura de mundo, pois as maiores vítimas das injustiças ambientais não percebem de maneira clara a situação em que estão expostas ou se veem sujeitas.

Decorrente das preocupações citadas anteriormente, a educação geográfica precisa estimular a discussão sobre a ocupação do território em todas as suas escalas, que preserve os recursos ambientais e assegure condições mínimas de sobrevivência a todos os grupos sociais independente de sua localização. Sobre o ensino da Geografia, Rosa (2008) reforça:

[...] A Geografia é uma ciência fundamental para o cidadão entender as questões sociais, sendo necessário, portanto, uma relação com outras ciências [...] a Geografia poderá contribuir para que o aluno entenda a realidade concreta construída pelos cidadãos. O espaço escolar deve ser compreendido por meio de conhecimentos significativos, levando em conta as relações construídas pelos alunos em seu espaço de vivência, por meio de experiências diárias de seu entorno. (ROSA, 2008, p. 52).

O ensino da Geografia deve ser trabalhado pelo professor por meio de uma linguagem que favoreça o aluno a expressar ideias, opiniões, sentimentos e conhecimentos sobre o mundo, respeitando a sua realidade. Assim, os temas como meio ambiente e outros afins são estudados de forma acentuada por várias áreas do conhecimento, em consequência dos problemas ambientais nas últimas décadas, oriundos de um modelo civilizatório devastador, resultado da voracidade capitalista dos dominadores. Na mídia, ressaltam previsões catastróficas dos cientistas sobre o futuro da humanidade, assim todos os dias nos noticiários há destaque sobre destruição de florestas, queimadas, contaminação da água, poluição, extinção de espécies, aquecimento global entre outros, pouco divulgados pelos canais de comunicação.

Os seres humanos vivem em sociedade e, em suas variadas atividades, relacionam-se com o meio ambiente, assim, cada sociedade tem seu modo próprio de deixar suas marcas no meio ambiente, as quais são resultado de suas práticas econômicas, políticas, religiosas e culturais, logicamente, dentro de suas particularidades. As distintas formas de se relacionar economicamente com o ambiente é que caracterizam a transformação da natureza em recurso natural. Nesse sentido, os diferentes povos com diferentes culturas atribuem sentidos diferentes à natureza. Uma floresta não tem o mesmo significado para um determinado povo que vive nela há séculos e para um madeireiro que vê ali uma forma de aumentar seu capital.

O homem ao produzir sua vida material cria técnicas, que são utilizadas na exploração e na produção da primeira natureza. O avanço das técnicas determinaram a produção de excedentes e como consequência a diversificação das atividades. Inovações tecnológicas resultaram em uma maior produtividade do trabalho, num sistema de troca de excedentes e divi-

são territorial das atividades. Esta afirmativa é comprovada com Santos (2008), que nos traz a reflexão sobre as técnicas, pois para o autor, tanto os objetos quanto as ações derivam da técnica e estão por toda parte, na produção, na circulação, na política, na cultura e permanentemente no corpo e no espírito do homem. Vivemos em um emaranhado de técnicas.

Podemos observar que a cada época, através das técnicas, determinado grupo social transforma o meio ambiente. O petróleo que há duzentos anos era utilizado apenas para acender lamparinas, hoje é o principal combustível que movimenta as indústrias e os transportes e constitui em uma riqueza não renovável. Uma corrente majoritária de cientistas afirma que agravamos as mudanças do clima quando queimamos carvão, petróleo e gás. Cerca de 80% da matriz energética do planeta é combustível fóssil. Porto-Gonçalves (2004) complementa esta afirmação ao dizer:

Nenhuma sociedade produz o carvão, o ferro, o chumbo, a água e outros minerais, assim como o homem não produz os dias e as noites, a radiação solar, sem o que não vivemos. Somos como espécie, em grande parte, extratores de petróleo, carvão, ferro, manganês, água e outros minerais, e não seus produtores. Observemos que dizer que somos produtores significa que depende de nossa capacidade criativa a existência do que é produzido. Dizer que somos extratores sinaliza que extraímos algo que não fazemos, o que significa manter prudência no seu uso. (PORTO-GONÇALVES, 2004, p.61).

Além de fornecer recursos naturais, o meio ambiente tem a função de receber os rejeitos e dejetos produzidos nas atividades econômicas e domésticas. Nenhuma espécie é tão eficiente quanto o ser humano para gerar lixo. E ainda vemos a irresponsabilidade dos empresários nas linhas de montagem que se esmeram em lançar no mercado produtos que ditam o padrão de felicidade e de conforto. Entretanto, não pensamos no ciclo de vida útil das embalagens.

Capra (2006) faz uma dura crítica à cultura que leva a estilos de vida doentios e à manipulação da realidade.

Com a evolução científica e o Iluminismo, o racionalismo crítico, o empirismo e o individualismo passaram a ser os valores dominantes, em conjunto com uma orientação secular e materialista, o que levou à produção de bens supérfluos e de artigos de luxo [...] (CAPRA, 2006, p. 187).

Ainda somos abastecidos com propagandas mexem com a emoção das pessoas e estimulam para o consumo de produtos desnecessários. Elas estão presentes de forma ininterrupta na mídia, instigando um “novo estilo de vida” e que por doutrinar e manipular os consumidores, conseqüentemente as pessoas acabam se tornando reféns deste estilo de vida.

Neste processo dinâmico, na relação do ser humano com a natureza é que se manifesta a sua principal característica: a apropriação de forma indiscriminada e utilitarista dos recursos disponíveis na natureza, caracterizando o atual modelo civilizatório urbano-industrial que desenvolve valores individualistas e consumistas na sociedade. Portanto, o consumo passa a ser um elemento fundamental para manter esse sistema. Daí a importância de perceber através desta reflexão que, os problemas na relação homem e natureza está longe de acabar, pois o consumo continua eclodindo fazendo com que em diferentes setores da sociedade cresça gradativamente, agravando a situação socioeconômica de milhares de pessoas.

Nossa obsessão pelo crescimento econômico e pelo sistema de valores que lhe é subjacente criou um meio ambiente físico e mental na qual a vida se tornou externamente insalubre. Talvez o aspecto mais trágico desse dilema social seja o fato de que os perigos à saúde criados pelo sistema econômico são causados não só pelo processo de produção, mas pelo consumo de muitos artigos que são produzidos e promovidos por campanhas maciças de publicidade para aumentar a expansão econômica. (CAPRA, 2006, p. 240).

Concordamos que com a industrialização, os avanços tecnológicos e o aumento da população, fizeram aumentar a quantidade de contaminantes químicos eliminados no meio ambiente, ocasionando sérias implicações ao bem estar das pessoas e para a qualidade do meio ambiente. Outro agravante é a quantidade de lixo que é gerada por este contínuo crescimento populacional e sua concentração nos centros urbanos. Cabe a Geografia contribuir para a construção de um novo paradigma que contemple as aspirações da população por uma melhor qualidade de vida.

Consideramos ser importante que as aulas de Geografia, aliadas a educação ambiental, constituir-se em momentos para analisar as transformações que a sociedade produz e suas consequências para o meio em que vivem. Bigotto (2008) argumenta que não é obrigação da escola resolver os problemas ambientais, mas é seu papel desenvolver o interesse pelo conhecimento e a capacidade de julgamento das pessoas que compartilham da mesma realidade. Compactuamos com o autor e complementamos que há muito tempo a escola deixou de ser apenas um lugar onde se aprende a ler, escrever e as quatro operações fundamentais (adição, subtração, multiplicação e divisão).

A educação ambiental deve ser participativa, comunitária, criativa e que valoriza a ação. É uma educação crítica da sociedade da realidade vivenciada formadora da cidadania. Também contribui para a transformação de valores e atitudes através da construção de novos hábitos e conhecimentos, criadora de nova ética, sensibilizadora e conscientizadora para as

relações integradas ser humano/sociedade/natureza objetivando a melhoria da qualidade de todos os níveis da vida.

Isso requer um esforço e acompanhamento bem maior dos órgãos responsáveis, para que estes possam promover seminários, cursos de atualização, oficinas e formação continuada para o efetivo desenvolvimento desse educador, dando-lhe oportunidade de reivindicar seu direito a toda e qualquer educação, à capacitação e também à formação ambiental.

Enfim, nem a Geografia ou tampouco a educação ambiental sozinhas não vão conseguir transformar a sociedade, mas devem estimular um trabalho pedagógico transformador da realidade e abrir caminhos para o debate e reflexão acerca dos problemas ambientais.

No próximo capítulo abordaremos o processo de implantação e fundamentação do projeto Escola Ativa no Brasil, as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste para as quais o projeto foi direcionado em decorrência dos altos índices de fracasso escolar nos anos iniciais do ensino fundamental, principalmente nas classes multisseriadas do meio rural. Trataremos também do caminho e procedimentos metodológicos da pesquisa para realizar a coleta e análise dos dados e dos mapas mentais construídos pelos alunos, considerando a realidade da Escola Francisca Mariana Luiz.

## CAPITULO II

### 2 O PROGRAMA ESCOLA ATIVA

O projeto Escola Ativa, foi originalmente desenvolvido na Colômbia em 1970 para atender as classes multisseriadas daquele país, orientado pelos pressupostos escolanovistas. O programa destinava-se a atender as regiões rurais com pouca população e também com problemas de baixa qualidade educacional. (BRASIL, 2008)

A proposta da Escola Ativa era ensinar para as crianças já alfabetizadas que poderiam desenvolver as tarefas escolares sozinhas, como uma série de atividades didáticas, possibilitando ao professor cuidar de outras crianças que ainda não eram alfabetizadas. O projeto promoveria a interação das diferentes áreas do conhecimento a partir da perspectiva do aprender fazendo e ainda conseguiriam estabelecer uma ligação entre a escola e o processo produtivo permitindo às crianças prosseguirem nos estudos mesmo com interferência do ciclo agrícola. Ao voltar para a escola retornariam com seu guia de aprendizagem na atividade que haviam parado, sem perder o ano letivo.

Por meio dos incentivos provenientes do Estado o projeto *Escuela Nueva* também recebeu o apoio financeiro de agências mundiais como o Banco Central (BC), transformando-se em experiência modelo para ser disseminada na América Latina, tendo como fundamentação teórica o pensamento escolanovista da educação rompendo com a metodologia da educação passiva, autoritária no início do século XX. Dessa forma articulou a filosofia de Dewey, Freinet, Montessori, Makarenko, a epistemologia de Piaget e a abordagem histórico cultural de Vygotsky.

De acordo com Cambi (1999), o movimento pela Educação Nova efetivou-se a partir do século XIX principalmente na Europa e América do Norte, em decorrência das revoluções burguesas e jacobina na França, a Revolução Industrial na Inglaterra e a Independência norte-americana, definindo a organização político econômica e socioeducacional no mundo ocidental. Assim o papel da educação passou a ser visto como fundamental para o desenvolvimento econômico e social, buscando a formação do cidadão que tem a escola como instituição chave para formar o novo cidadão. Neste sentido a família tem papel importante na formação do sujeito disciplinado e consciente de seus deveres.

A Educação Nova ou Pedagogia Nova mudou o rumo da educação tradicional e intelectual, visando êxito no ensino e preservando os valores humanos. A escola começou a ser pensada como instituição essencial no desenvolvimento e formação de um novo homem e

também na transformação da sociedade usando como referência os ideais democráticos. As bases da Escola Nova fundamentaram-se na gratuidade, laicidade, obrigatoriedade e coeducação, ganhando evidência a partir das ideias do americano John Dewey.

John Dewey foi um dos mais importantes teóricos escolanovista, desenvolvendo suas ideias sobre a educação considerando que na sala de aula faltava vivência da organização social. Para Dewey (2002), a escola traz na sua ambição preparar os futuros membros do tecido social num meio em que as condições do espírito social faltavam “Um espírito de livre comunicação, troca de ideias, sugestões, resultado de experiências anteriores bem ou mal sucedidas, torna-se nota dominante em aula” (DEWEY, 2002, p.25). Ao criticar o papel do professor pela falta de interatividade, pelo excesso de formalismo, a importância que davam à memorização e a forma autoritária na qual tratava os alunos, mostrou que a escola não se preocupava com o desenvolvimento integral do aluno, não valorizando a sua criatividade e autonomia, valores considerados fundamentais para a pedagogia ativa.

Neste sentido, Dewey (2002) propôs inovar a prática pedagógica por meio de um ensino ativo, valorizando os saberes escolares com troca de experiência, possibilitando uma convivência harmoniosa através de atividades que despertem assim o espírito democrático. Conseqüentemente, o currículo tinha um papel importante na organização deste conhecimento, pois este deveria refletir-se sobre os valores democráticos e desenvolver potencialidades. As ideias de Dewey difundiram-se no mundo inteiro interferindo no pensamento educacional de diversos países promovendo transformações significativas no campo educacional principalmente no Brasil com Programa Escola Ativa a partir do movimento da Escola Nova, constituída no final do século XIX e início do XX.

## **2.1 O Programa Escola Ativa no Brasil**

O Programa Escola Ativa foi implantado no Brasil em 1997, com o objetivo de ampliar o acesso à educação básica no meio rural e melhorar a qualidade de ensino nas salas multisseriadas e investindo na estrutura física das escolas, meio de transporte, recursos pedagógicos para a escola. Este fato se deu após a participação de técnicos do Projeto Nordeste (Projeto de Educação Básica para o Nordeste), do Estado de Minas Gerais e do Maranhão quando foram convidados pelo Banco Mundial a participarem na Colômbia de um curso sobre *Escuela Nueva – Escuela Activa* realizado em 1996.

Com base em Gonçalves (2009), é preciso compreender o contexto histórico em que o Brasil encontrava-se para entender a busca por reformas educacionais. Nos anos de

1990, no mundo configurava-se a nova divisão internacional do trabalho, caracterizado pela presença de grandes empresas multinacionais no comércio mundial e pela flexibilização das relações trabalhistas e dos processos produtivos. No meio rural evidencia-se o uso de tecnologias e insumos (sementes, agrotóxico, fertilizantes), maquinários de ponta e o uso de capital nacional e internacional para a produção de grãos voltados para o mercado externo.

A nova conjuntura mundial exigia uma mão de obra cada vez mais especializada para atender não só a demanda mundial, mas também conhecimentos específicos no campo, pois somente o manejo da enxada não atenderia mais as exigências de produção do campo, principalmente com a entrada de novas tecnologias, exigindo novos conhecimentos e especialização. Os trabalhadores também reivindicavam direitos à educação, mas que fosse realizada no próprio campo. Como resposta, o governo federal através de programas de educação para o campo como o Programa Escola Ativa, procurou combater o analfabetismo e também controlar as massas e movimentos organizados no campo. As universidades teriam que formar professores para atender uma nova demanda de alunos. (GONÇALVES, 2009)

Ainda com base nas ideias de Gonçalves (2009) as mudanças foram por muitas vezes induzidas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) que emprestaram dinheiro para realizar a reforma dos Estados e reformulação das políticas sociais e políticas públicas desde que os países ficassem condicionados às suas normas de estruturação para países endividados.

Surge então, a proposta de implantar esta metodologia para ajudar os professores nas classes multisseriadas. Assim realizou-se em 1996 um seminário reunindo todos os Secretários de Educação e Diretores de Ensino dos Estados do Nordeste para conhecer o projeto colombiano. Decidiram pela implantação do projeto Escola Ativa nos Estados da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Piauí, tiveram assistência técnica e financeira do Projeto Nordeste/MEC, nos Estados da região Norte com exceção de Sergipe e Alagoas que aderiram em 1998 à proposta.

O processo de implantação do projeto Escola Ativa no Brasil, conforme Sena (2005) pode ser dividido em fases:

- Fase I - Implantação e testagem. Esta fase buscava entre os períodos dos anos de 1997 e 1998 na Região Nordeste preparar a implantação do projeto, capacitar técnicos e professores, contratar supervisores pedagógicos para acompanhar o projeto e elaborar os Guias de Aprendizagem.

- Fase II – Expansão I. Neste período (1999 a 2004) ocorreu a ampliação do número de escolas atendidas nos Estados da região Nordeste, mas também a extensão do projeto para as regiões Norte e Centro-Oeste nos municípios que compunham as Zonas de Atendimento Prioritário (ZAP), definidas assim pelo programa FUNDESCOLA.
- Fase III - Consolidação. Esta fase compreendida entre os anos de 2002 a 2006 com a criação de formadores (multiplicadores), possibilitando mais autonomia aos Estados e municípios nas ações de monitoramento e formação dos profissionais de sua rede.
- Fase IV - Expansão II. Nesta fase foram incorporados municípios que não faziam parte da ZAP. Para os municípios cabia a responsabilidade de capacitar seus educadores e de adotar a escola de estrutura física e de kit pedagógico (conjunto de materiais didáticos como globo, mapas, etc.). Ao programa da FUNDESCOLA incumbia os materiais instrucionais para a formação de educadores e de guias de aprendizagem (livros didáticos do programa Escola Ativa) para os alunos.
- Fase V – Disseminação e Monitoramento. O projeto nesta fase, estruturalmente, pertence às ações educacionais da Coordenação Geral de Fortalecimento Institucional (CGFOR/Diretoria de Programas Especiais/FNDE/MEC). A Escola Ativa contava como responsáveis pela sua implantação uma rede de gestores, técnicos, educadores e pais, o que possibilitou o fortalecimento das ações de monitoramento, implementação e avaliação do projeto.

Assim, percebemos mediante as fases de sua implantação, o Programa Escola Ativa (PEA) valoriza o profissional da educação escolar buscando condições adequadas de formação, envolve várias ações que estabelecem vínculos entre universidades, secretarias de educação municipais e estaduais por meio de cursos de formação. Isso possibilita o intercâmbio e formas variadas de aprendizagem com trocas de experiências. Ao aprofundar e propiciar melhores condições para o desenvolvimento da escola do campo o Projeto Escola Ativa procura respeitar a diversidade e cultura local.

No contexto da educação do campo o PEA tem como objetivo proporcionar condições para o trabalho com as diferenças regionais e com as populações que constituem os

povos do campo, tendo como propósito a superação da visão tradicional e preconceituosa sobre o espaço rural e seus habitantes.

[...] um dos problemas do campo no Brasil hoje é a ausência de políticas públicas que garantam seu desenvolvimento e formatos adequados à melhoria da qualidade de vida das pessoas que ali vivem e trabalham. No contexto atual do país, defender políticas públicas específicas para o campo não significa discriminá-lo ou pretender insistir em uma postura dicotômica entre o rural e urbano. Ao contrário, no nosso caso, precisamos de políticas públicas para romper o processo de discriminação, para fortalecer a identidade cultural negada aos diversos grupos que vivem no campo, e para garantir atendimento diferenciado ao que é diferente, mas não deve ser desigual. (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2005, p. 49).

Para o PEA é preciso garantir a valorização da população rural através de políticas públicas que promovam o desenvolvimento social, não separando homem de seu contexto e nem de seu processo produtivo.

Foi a partir da Primeira Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo realizada em Luziânia (GO) em 1998, que foi incorporado o conceito de Educação do campo iniciando um novo marco de debates sobre o assunto. Esse encontro defendeu o direito dos povos do campo às políticas públicas de educação com respeito às suas especificidades. Através dessa conferência defendeu-se a ampliação, acesso, permanência e direito à escola pública de qualidade no campo pelo estudo do lugar onde vivem, conforme sua estrutura ética e condição cultural e histórica.

Essa concepção de educação do campo foi incorporada ao documento das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo de 2002, oriundas dos debates acumulados historicamente pelos movimentos sociais, pelas universidades, pelos governos e pelas ONG. Nas diretrizes, a identidade da escola do campo é definida:

[...] pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa dos projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (art. 2º, parágrafo único CNE/CEB, 2002).

As diretrizes destacam a importância na afirmação de que a escola é um direito universal e ajudam os professores a organizar e nortear a sua prática educativa, tornando-a cada vez mais próxima da realidade dos sujeitos do campo, centrada em sua cultura, no seu lugar e em suas particularidades.

Ao compreender que o campo tem suas particularidades coloca a educação do campo com uma nova perspectiva de fortalecer a identidade e autonomia das populações do campo refletindo diretamente a sua relação com a terra, trabalho e educação. Neste sentido a estratégia metodológica da Escola Ativa tem como meta a inclusão escolar e social dos alunos moradores do campo, pois trabalha a sua identidade, autoestima e respeito à diversidade cultural e etnia. Além disso, desenvolve ações para garantir a aprendizagem significativa, valorização da cultura do campo e sua população.

Em agosto de 2004 ocorreu a II Conferência Nacional Por uma Educação do Campo novamente na cidade de Luziânia (GO) onde foi firmada uma agenda política para a Educação do campo. Assim em 2004 o Ministério da Educação cria a coordenação Geral da Educação do Campo sinalizando a consolidação do projeto histórico da educação conduzido e organizado pelos sujeitos sociais do campo. Firmou-se uma nova agenda política definida na Carta de Luziânia, conforme Brasil (2010, p. 15):

Defesa de um projeto que contemple o desenvolvimento sustentável do campo, contrapondo ao latifúndio e ao agronegócio; defesa de uma educação que fortaleça, valorize e transforme a agricultura familiar/camponesa; defesa de uma educação que supere a oposição entre o campo e a cidade; defesa da mudança da forma arbitrária atual de classificação da população e dos municípios como urbanos ou rurais; defesa do campo como um lugar de vida, cultura, produção, moradia, educação, lazer, respeitando a natureza, as especificidades sociais étnicas, culturais e ambientais de seus sujeitos; defesa de políticas públicas que efetive o direito a educação bem como a formação de profissionais da educação do campo e direitos sociais para todos que vivem no campo e do campo e defesa de políticas públicas que elevem a escolarização dos povos do campo. (BRASIL, 2010, p. 15).

É preciso compreender que uma educação voltada para a realidade, transforma o campo, porque por meio dela se renovam os valores e as atitudes. Esta afirmação é também discutida pela Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) 9394/96, segundo esta lei a escola do campo deve ter um planejamento adaptado às peculiaridades das populações do campo, por meio de conteúdos curriculares, metodológicos e calendário escolar apropriado às necessidades e interesses das populações conforme o artigo 28,

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especificamente: I- Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - Organização escolar própria, incluindo a adequação ao calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III- Adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996, p. 12).

Para melhor comentar o artº 28, é necessário complementar que os artigos 23 e 26 da LDB 9394/96 também contemplam a diversidade do campo em todos os seus aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e etnia a educação do campo, vale dizer que os direitos que a LDB defende não são colocados na sua totalidade em prática nas políticas educacionais, destaca apenas a necessidade de adequação da educação às especificidades de cada região para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

Em 2001 foram aprovadas as Diretrizes Operacionais - Resolução CNE/CEB, nº 1 de 03 de abril de 2002 estabeleceu que a educação escolar deveria adequar seu currículo a partir da realidade dos sujeitos do campo, isso deu ao Programa Escola Ativa subsídios para criar mecanismos pedagógicos na busca de estímulos, elaboração de conhecimentos com base na realidade local onde a escola está inserida. Definiu-se assim através do Projeto Político Pedagógico as prioridades curriculares conforme a realidade local, anseios e problemas.

A adesão ao Programa Escola Ativa ocorre a pedido dos municípios junto a SECAD/MEC, em que o prefeito faz a solicitação por meio de ofício, comprometendo-se a atender as exigências básicas como: ter salas multisseriadas, ter pelo menos um técnico capacitado, proporcionar capacitação aos professores, disponibilizar os Guias de Aprendizagem bem como o material didático e implantar um sistema de supervisão. De acordo com Gonçalves (2004, p.40) “a adesão do município ao programa nem sempre significa adesão aos princípios teóricos do programa, mas pode refletir apenas uma maneira de captar recursos para o município de forma mais fácil”.

Os municípios prioritários são definidos pelo SECAD a partir dos indicadores socioeconômicos e também pelos índices de desempenho escolar dos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental. Após ser incluído no programa são disponibilizados os Guias de Aprendizagem, conjunto de material didático (composto de um globo terrestre, uma bússola, um esqueleto humano de 45cm, um conjunto com régua, esquadro, compasso e transferidor, dois alfabetos móveis cursivo, dois alfabetos móveis Script, um jogo memória de sílaba, um ábaco vertical aberto, um material pedagógico e dourado, um tangran, um jogo de números com pinos emborrachados, um jogo alfanumérico, uma Escala Cuisenaire, um jogo pedagógico bloco lógico e um jogo de xadrez, também recebem capacitação de técnicos e professores.

O Programa Escola Ativa, segundo o MEC (2010), está presente em todas as Unidades Federativas e 3.109 municípios, abarcando 39.732 mil escolas beneficiando 1.321.833 alunos distribuídos nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e parte do Sul e Sudeste. As escolas recebem conjuntos pedagógicos e cadernos de ensino pedagógico específicos para a salas multisseriadas e os professores recebem capacitação continuada de 240 horas.

Em 2008: foram distribuídos 1.185.740 livros didáticos e beneficiados 296.435 alunos. Em 2009: foram distribuídos 5.024.558 livros didáticos e 92.229 conjuntos pedagógicos, beneficiando 694.237 alunos. Em 2010: foram distribuídos 7.379.395 livros didáticos e beneficiados 1.307.931 alunos. Foram distribuídos, ainda em 2010, 30.743 conjuntos pedagógicos para atender 694.237 alunos que aderiram em 2008. Ainda, encontrava-se em andamento o processo licitatório de produção e distribuição de 149.042 conjuntos pedagógicos, para atendimento às escolas da adesão 2009.

## **2.2 O caminho da pesquisa na Escola Municipal Francisca Mariana Luiz**

Este trabalho de cunho qualitativo traz instrumentos de análise que permite o estudo dos valores, atitudes e representações ao reconhecermos as adversidades cotidianas da Escola Municipal Francisca Mariana Luiz. Para delinear esta pesquisa optamos pela pesquisa qualitativa. Conforme Demo (1990) é preciso desmitificar a pesquisa levando para o cotidiano, consideraremos vários procedimentos e etapas, com base nos objetivos propostos.

A abordagem metodológica qualitativa permite ao pesquisador mergulhar no contexto da pesquisa, buscando compreender os sentidos, as emoções e os significados que os fenômenos adquirem cotidianamente para os sujeitos envolvidos. Por meio da pesquisa qualitativa podemos compreender os fenômenos vividos e experienciados por meio das descrições feitas pelos sujeitos, valoriza as verdades essenciais acerca da realidade a partir das experiências vividas, mas também trabalha com situações em que as realidades simbólicas são formas embasadas por meio de representações e expressas por meio de palavras. (BORBAN apud TRIVIÑOS, 1987).

Os procedimentos metodológicos são as estratégias desenvolvidas na pesquisa, assim após ter delimitado o problema, elaborado os objetivos, é indispensável a escolha dos materiais e métodos a serem seguidos. O primeiro procedimento foi fazer uma revisão teórica, contemplando os autores que discutem a Geografia, Educação Ambiental, bem como as diretrizes do Programa Escola Ativa. A pesquisa bibliográfica permitiu abranger o conhecimento tornado público em relação ao objeto de estudo e possibilitar as discussões das informações obtidas dando cientificidade à investigação. Ela propicia o estudo de um objeto sob um novo enfoque.

A busca de materiais considerados úteis à realização da pesquisa como livros, teses, dissertações, revistas especializadas, documentos, trabalhos de conclusão de cursos e *sites*

de bibliotecas que possuam um acervo digital de dissertações e teses de outras universidades, melhorará a qualidade da pesquisa.

Assim, a pesquisa teórica proposta delinea-se a partir de consultas a autores que subsidiam a discussão sobre a educação ambiental. A pesquisa já conta com o aporte teórico de autores que tratam da temática e da definição de Educação Ambiental, como Dias (1992, 1999), Cascino (1999), Carvalho (1992), Carvalho (2008), Foladori (2001), Guimarães (1995, 2000), Loureiro (2000, 2002, 2004), Reigota (2004), Leff (2001, 2006), Porto-Gonçalves (2004), Ruscheinsky (2002), Santos (1994, 2008) e Sato (2004), que procuram definir e contextualizar historicamente as relações entre homem e natureza, bem como falando sobre a trajetória da Educação Ambiental no mundo e no Brasil. A pesquisa ainda contará com autores que trabalham o ensino da Geografia como Cavalcanti (1998), Rosa (1999, 2008), Straforini (2004) e Callai (2000).

Nesta busca de informações documentais para a caracterização do município de Campo Alegre de Goiás (GO) foram feitas consultas em instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em Catalão (GO), onde foram levantadas informações sobre o número da população urbana e rural do município de Campo Alegre de Goiás (GO), uma vez que a cidade não possui agência do IBGE, foi feito o levantamento do Censo Agropecuário, sobre o Produto Interno Bruto (PIB) do Estado de Goiás. Na Prefeitura Municipal de Campo Alegre de Goiás. Ainda será analisado o cadastro das famílias da Comunidade do Assentamento Paineiras, objetivando obter informações quanto à situação de moradia, saneamento, meios de comunicação, transporte, faixa etária, escolaridade e produção agrícola nos lotes das famílias.

No que se refere à Secretaria de Educação de Campo Alegre de Goiás e na própria escola, serão analisados documentos da Escola Municipal Francisca Mariana Luiz, como o histórico da escola, Projeto Político Pedagógico, números de alunos e professores, nível de formação dos docentes, projetos, bem como a caracterização da escola. Ainda foram analisados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da educação básica; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB); a Lei Federal 9795/99 que regulamenta a Educação Ambiental no Brasil e as Diretrizes Operacionais para a educação básica nas escolas do campo. Na Secretaria de Educação de Catalão foram analisados documentos que remetem a implantação do Programa Escola Ativa em Goiás.

Por sua vez, a pesquisa de campo teve papel fundamental, pois somente por meio dele é que se conhece a realidade pesquisada, visto que toda a complexidade do universo pesquisado exigia um aprofundamento maior da investigação, o que só seria possível a partir de

um contato direto com os sujeitos envolvidos no processo, por meio de entrevistas. De acordo com Roesch (1999), a qualidade dos dados obtidos depende da habilidade do entrevistador, do nível de segurança que se estabelece entre entrevistador e entrevistado e da relevância da pesquisa para os entrevistados.

Para Queiroz (1991), a entrevista é a forma mais antiga e difundida da coleta de dados orais, nas ciências sociais, elas, ora fornecem dados originais, ora complementam dados já obtidos em outras fontes. Na verdade, a entrevista está presente em todas as formas de coleta dos relatos orais, pois estes implicam sempre um colóquio entre pesquisador e narrador. Desta forma, buscou-se conhecer a realidade da Escola Francisca Mariana Luiz, bem como da comunidade do Assentamento Paineiras com registros obtidos por meio de gravação de voz e anotações, assim pode-se contar com todo o material fornecido pelo entrevistado. A gravação das entrevistas foi previamente combinada, deixando a cargo dos entrevistados definir o melhor horário e lugar. A entrevista feita com três professores(a) da escola e com nove mães de alunos.

As entrevistas se caracterizam por expressar conversas entre duas ou mais pessoas, em que são obtidas informações da realidade dos atores sociais envolvidos na pesquisa, suas condições de trabalho, cotidiano e suas relações com a escola. De acordo com Poupart (2008), as entrevistas são um meio eficaz para apreender as expectativas sociais de um grupo, de uma instituição, elucida condutas, à medida que estas só podem ser interpretadas considerando a própria perspectiva dos atores.

Realizamos entrevistas semi-estruturadas com um professor e duas professoras, da Educação Infantil e Ensino fundamental, buscamos questionando sobre sua concepção sobre o meio ambiente e educação ambiental bem como sua aplicabilidade no cotidiano escolar. Abordamos também as dificuldades enfrentadas em sua prática escolar com a metodologia do Programa escola Ativa. Ressaltamos que para a realização das entrevistas houve a autorização por escrito de todos os envolvidos na pesquisa, no qual assumimos o compromisso de não divulgar o nome dos mesmos, conforme o Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás.

Em relação aos pais ou responsáveis pelos alunos, foram entrevistadas em suas referidas casas somente as seis mães, pois os pais, encontrava-se trabalhando na lavoura. Questionamos sobre sua participação nas atividades e projetos escolares que envolvesse a educação ambiental.

Quanto aos alunos (todos menores de 18 anos) foram entrevistados somente os matriculados do segundo ao quinto ano, correspondendo a um do quinto ano, cinco do quarto

ano, dois do terceiro ano e somente um aluno do segundo ano. Para a escolha dos sujeitos da pesquisa foram levados em conta os seguintes critérios: pessoas que demonstram preocupação com as questões ambientais e formadores de opinião além de serem pessoas atuantes na comunidade em que a escola está inserida. As entrevistas foram gravadas e orientadas por um roteiro semi-estruturado para que os objetivos fossem alcançados.

Outro recurso metodológico produtor de sentidos sociais e passível de interpretação é a fotografia. Martins (2009) argumenta que o visual se torna cada vez mais documento e instrumento indispensáveis na leitura científica dos fatos e dos fenômenos sociais. Não só como documento em si, mas como registro que perturba as certezas formais, oriundas do cientificismo. As fotografias foram tiradas dos sujeitos somente foram utilizadas na pesquisa, não havendo publicação das mesmas.

### **2.3 A Escola Municipal Francisca Mariana Luiz: o *locus* da investigação**

No Município de Campo Alegre de Goiás as escolas multisseriadas, desde 1979 em que a primeira escola rural foi inaugurada, fizeram parte do contexto educacional e produtivo do município. Escola Municipal Francisca Mariana Luiz possui três salas de aula, um salão (onde são realizados eventos, palestras e reuniões), cozinha e dois banheiros. Possui ainda uma área de recreação para os alunos frente à escola. Conforme podemos observar (Foto2):

**Foto 2-** Escola Municipal Francisca Mariana Luiz (2013)



**Fonte:** Pesquisa de campo (maio, 2013). **Autora:** ALVES, I. M. C.

A clientela da escola corresponde a 22 alunos, distribuídos na Educação Infantil e Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, divididos em salas multisseriadas. O corpo docente é formado por duas professoras e um professor respondendo a uma diretora. Nos serviços gerais a escola conta com uma funcionária que faz a limpeza e a merenda. As aulas são ministradas no período matutino recebendo alunos que moram nas regiões circunvizinhas do Assentamento Paineiras.

O Assentamento Paineiras teve início na década de 1986, quando a Companhia de Promoção Agrícola (Campo) fez o parcelamento da área por meio do Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER), criado em 1979, negociado entre os governos do Brasil e do Japão. O PRODECER foi estruturado em três etapas (PRODECER I, II e III), incorporando uma área de 350 mil hectares nos Estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Tocantins, Maranhão e em Goiás.

O PRODECER foi estabelecido a partir de 1979 nos municípios de Iraí de Minas, Coromandel, Paracatu e Paracatu, no Estado de Minas Gerais. Ele é considerado o maior programa de intervenção público/privada sobre o Cerrado (entendido como porção territorial do Planalto Central e segundo maior bioma do país). Foram incorporados 70 mil hectares do Cerrado para o desenvolvimento de tecnologia para a produção de grãos, principalmente milho, soja e trigo, foi investido US\$ 50 milhões. No PRODECER II, o projeto foi iniciado em 1985, abrangeu uma área maior que o primeiro projeto, foram 200 mil hectares de cerrado nos Estados de Minas Gerais, Goiás, Bahia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, com investimentos japoneses de US\$ 350 milhões. Já no PRODECER III, o programa cobre uma área que corresponde a 80 mil hectares nos Estados do Maranhão e Tocantins. O investimento para a fase inicial foi de US\$ 138 milhões. Para o PRODECER III foram destinados US\$ 850 milhões.

A função do PRODECER foi tornar o Cerrado uma área produtora de grãos, principalmente a soja que estava em falta no mercado japonês. Gomes (2008) coloca que os principais fatores que contribuíram para a ocupação e produção nas áreas do Cerrado favoráveis à agricultura e a agropecuária intensiva foram: a) os naturais: topografia plano-ondulada, pluviosidade, temperatura, umidade, recursos hídricos abundantes em termos de drenagem de superfície, vastidão de terras férteis agricultáveis; b) econômicos: preço das terras acessíveis, mão de obra disponível e barata; financeiros comerciais: política de incentivo dos governos federais, estaduais e municipais, existência de um “cinturão financeiro comercial” formado pelos centros regionais como Goiânia, Anápolis e Brasília. O cinturão financeiro tem a função de alimentar as empresas com capital de empréstimos e viabilizar as transações comerciais de veículos, máquinas, ferramentas, implementos e insumos de toda natureza.

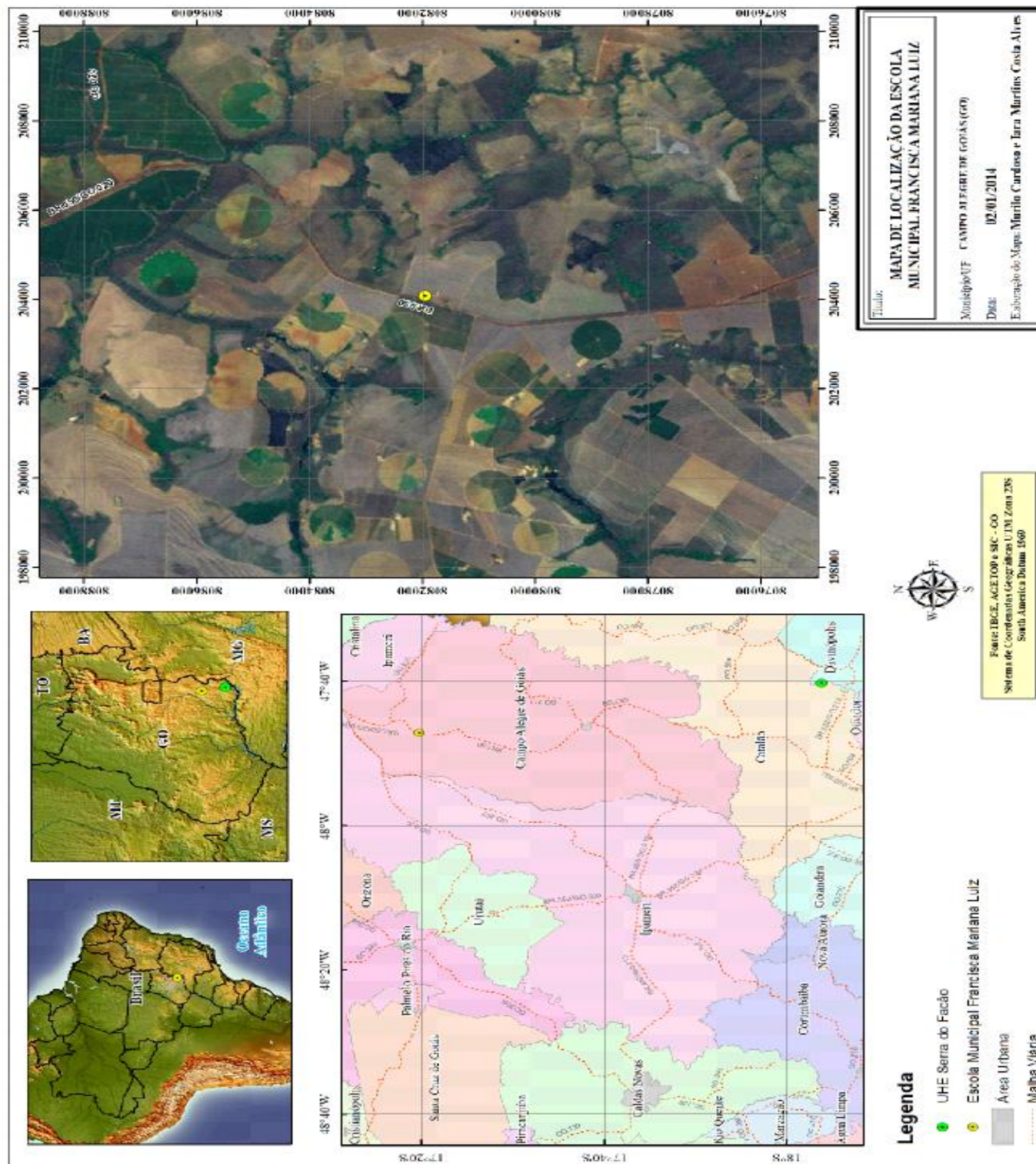
O PRODECER é uma continuidade de outros programas de assentamentos dirigidos implantados no país como o Programa de Desenvolvimento do Cerrado (POLOCENTRO), Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba (PADAP) e o Programa de Crédito Integrado do Cerrado (PCI).

O Assentamento Paineiras é uma das etapas desta reocupação dos Cerrados, as primeiras famílias vieram do Estado do Paraná de diversas cidades entre elas Maringá, Mandaguari, Sarandi e São Pedro do Ivaí. A implantação se deu nos municípios de Cristalina e Campo Alegre de Goiás em 1986, próximo a BR-050, em uma área de 8.275 hectares, parcelada em 29 lotes, com área entre 200 e 400 hectares.

As culturas tradicionais que antes eram feijão, milho verde, cebola e tomate industrial deram lugar a soja, milho e café nas áreas de chapadas. Devido os investimentos financeiros, o produtor pôde ter acesso às novas tecnologias disponibilizadas no mercado como a implantação dos sistemas de irrigação por gotejamento e pivô central, possibilitando assim o melhor uso do solo com diversas safras ao longo do ano. Isso proporcionou o aumento da produção em larga escala, a nível de exportação, principalmente, como ainda acontece com a soja, o milho e o café.

A seguir, na figura 1 poderemos visualizar no mapa a localização da Escola Municipal Francisca Mariana Luiz em relação a cidade de Campo Alegre de Goiás (GO) e os distritos vizinhos. A escola fica no Assentamento Paineiras chamado também pela comunidade de Projeto Paineiras.

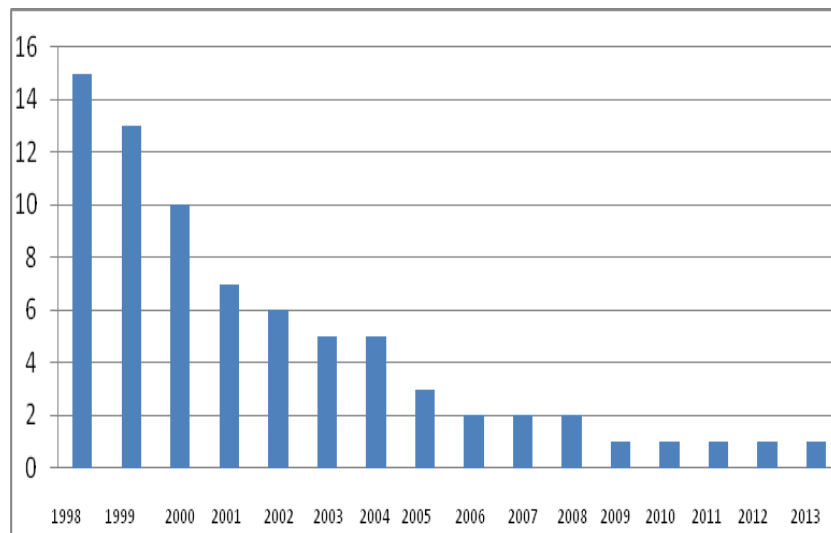
**Figura 1 - Localização da Escola Municipal Francisca Mariana Luiz dentro do Assentamento Paineiras**



**Fonte:** IBGE, ACETOP, SEC – GO. **Elaboração:** CARDOSO, Murilo; ALVES, I. M. C. (2014).

No Gráfico 1 podemos observar que a partir do ano de 1998 houve uma redução das escolas rurais devido a vários fatores como a falta de investimento na educação rural e de boas condições de vida, a baixa ou a falta de remuneração do trabalho, acesso ao crédito, mercado para seus produtos, fez com que as famílias fossem obrigadas a migrar para as cidades em busca de melhores condições de vida. Assim, com a redução do número de alunos nas escolas não justificava o funcionamento da mesma, diante deste quadro que se repetiu ano após ano, ficava mais barato para o poder público levar estes alunos até a cidade. Atualmente no município mediações de Campo Alegre de Goiás resta somente uma escola no campo, Escola M. Francisca Mariana Luiz, *locus* desta pesquisa. Como podemos observar o gráfico de redução das escolas rurais de 1998 até 2013.

**Gráfico 1-** Redução das escolas rurais no município de Campo Alegre de Goiás - 2013



**Fonte:** Secretaria Municipal de Educação de Campo Alegre de Goiás (2013)

Cabe aqui a reflexão, mesmo que as políticas de Educação do Campo estimulem a permanência do aluno morador do campo estudar em uma escola próxima a sua moradia e principalmente pelas melhorias como transporte, qualificação dos professores e políticas públicas e programas sociais voltados para a melhoria das escolas do campo bem como acesso a elas, este reflexo não pode ser visto no município de Campo Alegre de Goiás em que a tendência é fechar a única escola ainda existente, pois fica mais barato ao município transportar os alunos para a cidade do que manter três professores, uma diretora e uma merendeira na escola.

De acordo com Brasil (2010) o Programa Escola Ativa propicia aos professores metodologias que auxiliam na construção de um projeto interdisciplinar que deve ser pautada pela ação-reflexão-ação, tendo como elemento norteador do processo a realidade (sociedade e a escola que temos), a finalidade (a sociedade e a escola que queremos) e a mediação (como aproximar a sociedade/escola que queremos).

Os Guias de aprendizagem são livros específicos, organizados por módulos, oferecendo uma sequência de trabalho ao aluno e ao professor. São divididos por disciplinas (Português, Matemática, Geografia, Ciências e Alfabetização). São auto-instrutivos de forma que o aluno possa desenvolver parte de suas atividades em sala de aula e outra em casa, desenvolvendo a sua autonomia, sem minimizar a importância do educador. Cabe ao educador ampliar as atividades para além do livro do estudante.

Desta forma, os Guias de aprendizagem estão estruturados em unidades, módulos e seções que correspondem às atividades básicas que procuram despertar o interesse do aluno pelo tema estudado, tendo como objetivo explorar os conhecimentos prévios, convidando os alunos à aquisição de novos conhecimentos. São abordadas situações a partir da realidade do aluno.

Contudo é na atividade prática que o aprofundamento dos estudos acontece, pois “[...] permite que o aluno reforce o conhecimento adquirido e as atitudes e valores a serem desenvolvidos ou fomentados” (BRASIL, 2010, p. 114). Finalmente as atividades de aplicação e compromisso é que permitem ao professor comprovar se o aluno está apto a aplicar o que aprendeu em situações concretas favorecendo o questionamento e problematização da realidade.

[...] os *Cadernos de Ensino e Aprendizagem* do PEA têm recebido severas críticas quanto ao seu conteúdo, sendo considerado insuficiente para a formação dos alunos, pois valoriza demasiadamente as práticas cotidianas em detrimento da teoria. Nesse sentido, há sempre o perigo de se cair num pragmatismo exacerbado, numa supervalorização da prática em detrimento da teoria e da reflexão – ideia pragmatista de prática, vista como atividade do cotidiano individual, numa prática coletiva que, para ser entendida, necessita da teoria, e, portanto, não pode separar-se dela. (BEZERRA; LIMA; NETO, 2010, p. 30, grifo dos autores).

Os Guias de aprendizagem assumem a função de currículo no Programa Escola Ativa, orientando a prática pedagógica ao manter a organização curricular estruturada em função das áreas de conhecimento, permanecendo assim como mobilizadoras do conhecimento.

Os Cantinhos de aprendizagem são organizados por conteúdos com base em materiais fabricados pelos alunos e montados por alunos, professores e comunidades. Sua função é

“[...] proporcionar ao aluno oportunidade de vivenciar no espaço escolar, os conteúdos dos guias de aprendizagem e das atividades complementares” (BRASIL, 2010, p. 147). É um local organizado pelos educandos, educador e comunidade com acervos diferenciados.

Quanto à organização dos “Cantinhos de Aprendizagem”, Brasil (2010) recomenda que sejam espaços montados pelos alunos, pois assim irá potencializar o desenvolvimento da pesquisa e para que tenha valorização de seu trabalho, seja coletivo ou individual, e sempre de acordo com área de conhecimento (Matemática, Ciências, Língua Portuguesa, Geografia, História). Desse modo, os “Cantinhos de Aprendizagem” permitem trabalhar de forma prática os conhecimentos teorizados nos Guias, considerado atividade central na metodologia da Escola Ativa, conforme visualizamos (Foto 3) em que é apresentado o “Cantinho da Matemática” contendo tabuada, jogos didáticos como o dominó, contador, blocos lógicos, relógio, que ajudam tanto os alunos quanto professores na aprendizagem:

**Foto 3** - Escola Municipal Francisca Mariana Luiz: “Cantinho da Matemática”



**Fonte:** Pesquisa de campo (maio, 2013). **Autora:** ALVES, I. M. C.

No entanto, quando nos deparamos com o “Cantinho da Geografia” (Foto 4) observamos a “pobreza” de material composto somente por dois globos terrestres e um envelope contendo os mapas que deveriam estar abertos e em destaque para os alunos.

**Foto 4** - Escola Municipal Francisca Mariana Luiz: “Cantinho de Geografia”



**Fonte:** Pesquisa de campo (maio, 2013). **Autora:** ALVES, I. M. C.

Os “Cantinhos de aprendizagem” deveriam ser melhor explorados, pois por meio deles o professor poderá desenvolver atividades de manipulação, comparação de objetos e realização de experimentos. A comunidade, as entidades agrícolas, religiosas, instituições de saúde, pais e alunos entre outros membros da comunidade também podem participar tanto na construção quanto na aquisição de materiais para esses “cantinhos”.

A escola para o MEC deve ser tratada como parte da comunidade onde está inserida e aprofundar cada vez mais esta relação com atividades curriculares que expressem a cultura, e o dia a dia da comunidade. Isso significa:

Oferecer atividades que desafiem os alunos, possibilitando-lhes desenvolver experiências pertinentes de aprendizagem; Promover a participação ativa dos alunos como protagonistas da construção de sua aprendizagem e de sua formação como cidadãos autônomos. (BRASIL, 2010, p. 43).

Daí a importância de se trabalhar com os saberes dos alunos, os conhecimentos que os alunos trazem para que estes se sintam mais valorizados. A escola deve trabalhar com os saberes universais (Matemática, Português, História, Geografia, Ciências), mas contextualizando com o meio onde vivem e desenvolvem suas atividades.

Destacamos que nos Guias de Aprendizagem é proposta atividade sobre o meio ambiente de forma sucinta, porém o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Municipal Francisca Mariana Luiz (2012) traz essa informação. Ressalto porém que o PPP referente ao

ano de 2013 encontrava-se em fase final de acabamento, por isso tomamos como base o ano de 2012:

[...] se propõe que o trabalho com o tema Meio Ambiente contribua para que os alunos sejam capazes de:

- conhecer e compreender, de modo integrado e sistêmico, as noções básicas relacionadas ao meio ambiente;
- adotar posturas na escola, em casa e em sua comunidade que os levem a interações construtivas, justas e ambientalmente sustentáveis;
- observar e analisar fatos e situações do ponto de vista ambiental, de modo crítico, reconhecendo a necessidade e as oportunidades de atuar de modo reativo e propositivo para garantir um meio ambiente saudável e a boa qualidade de vida;
- perceber, em diversos fenômenos naturais, encadeamentos e relações de causa-efeito que condicionam a vida no espaço (geográfico) e no tempo (histórico), utilizando essa percepção para posicionar-se criticamente diante das condições ambientais de seu meio;
- compreender a necessidade e dominar alguns procedimentos de conservação e manejo dos recursos naturais com os quais interagem, aplicando-os no dia a dia;
- perceber, apreciar e valorizar a diversidade natural e sociocultural, adotando posturas de respeito aos diferentes aspectos e formas do patrimônio natural, étnico e cultural;
- identificar-se como parte integrante da natureza, percebendo os processos pessoais como elementos fundamentais para uma atuação criativa, responsável e respeitosa em relação ao meio ambiente. (PPP E. M. F. M. L., 2012, p. 23).

Cabe aqui um parêntese, ao analisarmos o PPP da escola no item “Meio Ambiente” já citado acima, deparamos com a cópia exata do PCN Meio Ambiente e Saúde no item “Objetivos Gerais de meio ambiente para o ensino fundamental”. O PPP das escolas do campo precisam ser uma construção coletiva, com a participação de todos os atores (alunos, professores, pais e comunidade), conforme é proposto no “Guia de Aprendizagem.

Na ilustração do Guia de aprendizagem de Geografia (Foto 5) observamos o exercício proposto em que o aluno deve procurar a saber o que é preservação de plantas e animais em um ambiente, mas quando notamos o texto que é dado como forma introdutória, verificamos a escassez de informações do mesmo. Quando nos deparamos com a apresentação desta atividade, é um momento de reflexão da prática pedagógica, onde todos participam, traçam metas, e direcionam seus trabalhos quanto o processo educativo, portanto mostrar e respeitar a realidade da escola deve ser a primeira preocupação, mas sempre visando desenvolvimento social, político e cognitivo dos alunos.

**Foto 5** - Atividade proposta pelo Guia de Aprendizagem de Geografia

Para preservar a fauna (animais) e a flora (plantas) de uma região existem muitos projetos. Um deles é a criação de Parques Nacionais.

**Leia:**

Os Parques Nacionais, também chamados Unidades de Conservação, são áreas protegidas que permitem que suas características naturais sejam preservadas. Há, também, parques estaduais, municipais e até particulares que cuidam da preservação da natureza.

- Procure saber o que é preservação de animais e de plantas de um meio ambiente.
- Discuta com seu colega sobre a importância da preservação da natureza. Anote a ideia mais interessante.

**Fonte:** Guia de aprendizagem de Geografia (2013), 4º ano.

Assim, tratando-se do meio rural é preciso estimular uma reflexão sobre os processos os modelos de desenvolvimento rural para que estes colaborem com a minimização da pobreza e que contribua para a preservação dos recursos naturais e resolução dos problemas ambientais.

Levando em conta o PPP da Escola Municipal Francisca Mariana Luiz não verificamos nenhuma estratégia metodológica descrita para que a Educação Ambiental faça parte do dia a dia da escola, ficando restrita apenas a cópia do PCN. A escola rural precisa de uma Educação Ambiental diferenciada baseado em seu contexto histórico, social que valorize os saberes que os alunos e comunidade trazem para a escola.

Apesar de não ter estratégias descritas no PPP, a coordenadora, professores e comunidade buscam resgatar a união entre escola e comunidade.

A escola tornou-se distante da sociedade. Os muros a separam do cotidiano da vida dos educandos, pais, comunidade. A comunidade na qual a escola encontra-se inserida, no campo, com possibilidades e saberes acumulados por agricultores e agricultoras, aparenta estar desconectada dos conhecimentos apresentados pelos educadores. (MEURER, 2010, p.15).

Por isso a relação escola /comunidade é considerada um dos elementos componentes do currículo escolar possibilitando aquisição de saberes, crenças, hábitos, trocando conhecimentos entre si.

A Educação do Campo precisa resgatar os valores do povo que se contrapõem ao individualismo, ao consumismo e demais contra valores que degradam a sociedade em que vivemos. A Escola é um dos espaços para antecipar, pela

vivência e pela correção fraterna, as relações humanas que cultivem a cooperação, a solidariedade, o sentido de justiça e o zelo pela natureza. (ARROYO; CALDART; MOLINA, 1998, p. 162).

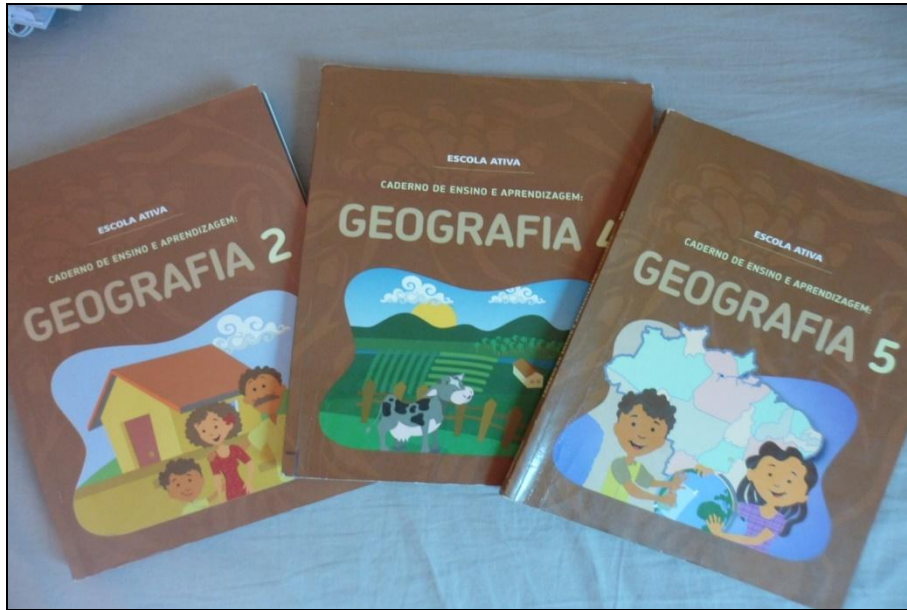
Para que ocorra a aprendizagem são necessárias situações reais, em que os alunos possam manipular objetos e observar diretamente o processo, bem como interagir com a comunidade. Sob esse ponto, é preciso levar em conta que os povos do campo primam por dar continuidade aos conhecimentos e valores adquiridos ao longo do tempo. Porém, ao professor cabe planejar estas oportunidades para que os alunos coloquem seus conhecimentos prévios em prática, colocando-os frente a novas experiências. Os Conteúdos de Ensino são organizados de acordo com as seguintes áreas de conhecimento: Português, Matemática, Geografia, História, Ciências e Alfabetização conforme o Brasil (2010).

Nos Guias de Aprendizagem de Geografia, do 1º ao 5º ano, cujo objetivo é mostrar ao aluno que a cidadania é também o modo de como se relacionar com a sociedade e a natureza, o Programa da Escola Ativa propõe atividades de aprendizagem por meio de entrevistas, anotações, explicações, comparações entre outros. Em seguida, o Guia orienta a organização do cantinho de aprendizagem dessa disciplina.

No que tange a respeito da Educação Ambiental, os guias falam a respeito da preservação da natureza de modo abrangente em todos os livros. A partir da leitura do livro didático de Geografia do 1º ao 5º ano utilizado pela Escola M. Francisca Mariana Luiz observou-se que os alunos e professoras encontram dificuldades de trabalhar o meio ambiente se ficarem focados somente nos livros.

Ao nosso ver, os Guias de aprendizagem explanam de forma superficial a Educação Ambiental, quase que inexitem, ficando somente a cargo de meros conhecimentos gerais, não dando margem a problematização. Com base nos exemplos, podemos constatar que embora uma das propostas da educação do campo seja a sustentabilidade, os Guias de aprendizagem não caminham na mesma direção, uma vez que a Educação Ambiental deva ser feita desde os primeiros anos iniciais da educação básica. Conforme verificamos Foto 6 nos Guias de aprendizagem de Geografia:

**Foto 6** - Guias de aprendizagem de Geografia



**Fonte:** Pesquisa de campo (maio, 2013). **Autora:** ALVES, I. M. C.

Ressalta-se que desde o início do ano letivo a coordenadora pedagógica da Escola Municipal Francisca Mariana Luiz ao perceber a deficiência dos Guias de aprendizagem implementou as aulas com textos didáticos, projetos e aulas práticas de Educação Ambiental de forma interdisciplinar.

Com base em Libâneo (2006), a interdisciplinaridade é a interação entre duas ou mais disciplinas para superar a fragmentação, isso requer mudanças de atitudes e conceitual no pensamento e na prática dos professores diante da rigidez da organização disciplinar. O ambiente escolar é um local privilegiado para o desenvolvimento da educação ambiental, tendo em vista a prática interdisciplinar.

#### **2.4 As categorias geográficas presentes no estudo**

Ao longo de todo o trabalho observamos a presença de várias categorias geográficas considerando que o campo se constitui um espaço de relações sociais e de poder ao longo da história, não ignoramos aqui as categorias presentes nem a importância das mesmas, mas utilizaremos a categoria geográfica “lugar” para compreender a realidade e o cotidiano da Escola Municipal Francisca Mariana Luiz. Para Wizniewsky (2010, p.32), “[...] a análise da Escola do Campo, na Geografia, se aproxima da noção de “lugar” e de seus sujeitos”, então a forma de tratar o cotidiano e os conhecimentos a serem abordados na escola revelam a ligação que o aluno tem com o lugar e sua interação com este.

Partindo desse pressuposto, o estudo do lugar constitui uma alternativa metodológica para o ensino de Geografia, permitindo a abordagem de questões sociais, econômicas, culturais e principalmente ambientais. De acordo com Callai (2002),

Estudar e compreender o lugar em Geografia significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das condições naturais ou humanas. [...] as explicações podem estar fora, sendo necessário buscar motivos tanto internos quanto externos para compreender o que acontece em cada lugar. (CALLAI, 2002, p. 84).

A partir do que coloca Callai (2010), sobre compreender o lugar, nos remete a pensar na construção dos conceitos a partir da própria vivência da criança, oportunizar ao aluno seu próprio conceito, facilitando a compreensão e formação de uma consciência crítica em relação a sua realidade e suas particularidades. Os conceitos são fundamentais para a compreensão da realidade, pois permite à criança captar a essência dos objetos, desenvolver habilidades para ampliar seu desenvolvimento, pois a aquisição do conhecimento é gradativa e deve ser estimulada.

Reforçando a ideia de que lugar é uma forma de estudar e compreender o mundo Callai (2010, p. 30), complementa a sua definição “Lugar é onde vivemos, moramos, trabalhamos, enfim, onde acontece nossa vida”. Assim, quando refletimos sobre o cotidiano, a escola e o lugar é preciso pensar na criança inserida nele e a escola deve dar o suporte para que isto aconteça. A criança precisa conhecer o local onde vive, pois a partir do momento em que assimila o conceito de lugar, passa a ter noção de pertencimento ao lugar e que direta ou indiretamente é um organizador e construtor desse espaço. Callai (2002) diz,

Na nossa vida, muitas vezes sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar onde vivemos. (CALLAI, 2002, p. 26).

Este pensamento reflete a preocupação de muitos professores, não só os da Geografia, mas de outras áreas do conhecimento, os professores acabam tendo como opção os livros didáticos que abordam conteúdos como regiões, continentes, países, mas esquecemos que não só os alunos desconhecem o lugar onde vivem, os próprios professores de Geografia o desconhecem e ficam ocupados com números e conceitos.

O conhecimento do aluno sobre o lugar onde vive possibilitará uma maior interação com a comunidade e ao conhecer os aspectos geográficos econômicos, sociais e ambientais poderá fazer com que o aluno além de refletir, busque soluções para os problemas locais.

É na compreensão do lugar que extraímos os elementos para pensar e refletir sobre o mundo, pois é um processo construtivo que depende das interações da criança com o meio, assim pode-se dizer que a construção cognitiva está associada a condições que propiciam a aquisição deste.

No próximo item iremos relatar como se deu a construção das perguntas para as entrevistas.

## **2.5 Construção das perguntas para a entrevista**

Para o direcionamento da entrevista construiu-se um questionário (Anexo 1), a primeira questão refere-se ao registro dos dados pessoais e profissionais de cada professor. O restante, dezoito questões, procuram verificar o conhecimento, percepção e a importância que a educação ambiental tem em sua prática pedagógica.

Diante dessas considerações, a pesquisa empírica procurou analisar através da entrevista a prática docente em relação à educação ambiental dentro da metodologia da Escola Ativa.

Na pesquisa realizada com as mães, buscou-se saber o nível de participação destes na escola e mais diretamente nas atividades que envolvem a comunidade e a educação ambiental.

A pesquisa com os alunos do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental, buscou investigar o entendimento destes sobre o que os alunos entendem por meio ambiente e as questões ambientais, assim, por meio dos desenhos, captamos a visão perceptiva dos alunos a respeito do meio ambiente que veem hoje e como gostariam que fosse.

## **2.6 Análise interpretativa das entrevistas com os professores**

Neste item, apresentamos as análises interpretativas e o resultado das entrevistas feitas aos professores da escola pesquisada. Apresentaremos o perfil dos professores e suas concepções a respeito do tema. Para não serem identificados devido ao número pequeno de docentes chamaremos de professor e professora, conforme norma do Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás e do compromisso assumido com os mesmos.

Na premissa de que a escola deve promover o ensino a partir da realidade do aluno, entendemos que a vivência da escola vai mais além, é preciso conhecer a realidade destes professores (a) que atuam na Escola Municipal Francisca Mariana Luiz.

O quadro de professores é composto por duas professoras que moram em Campo Alegre de Goiás, ambas formadas em Pedagogia com pós-graduação em Psicopedagogia e um professor formado em Letras morador da cidade de Catalão (GO). No que se refere a tempo de serviço no magistério tem entre 5 e 24 anos como professores concursados. As experiências das professoras e do professor como docentes em escolas rurais variam entre 4 a 7 anos, o que indica razoável experiência profissional. Em relação à carga horária semanal, as professoras estão atuando em sala com 30 horas e o professor atua na escola apenas uma vez por semana ministrando três disciplinas.

Não podemos ignorar que a carga horária de um(a) professor(a) que reside distante de seu local de trabalho sempre vai além, iniciando no trajeto de casa até a escola. Para as professoras o deslocamento até a escola está associada à jornada de trabalho, pois a mesma começa às cinco horas da manhã, quando o motorista da prefeitura em uma Kombi (Foto 7) começa a pegá-las e dois alunos ao longo do trajeto pela BR050. O percurso até a escola demora cerca de 1 hora e apesar da aula na escola iniciar às sete horas e trinta minutos, as professoras têm que estar lá às seis horas, pois a Kombi que conduz as professoras à escola é a mesma que volta, levando os alunos (moradores de fazendas vizinhas) que estudam na cidade, em sua maioria do 6º ano ao Ensino Médio, e as aulas começam também às sete horas e trinta minutos.

O transporte dos alunos é feito em duas etapas: a primeira o ônibus (Foto 8) sai de Campo Alegre de Goiás às três horas da manhã e segue em direção à primeira fazenda para pegar o primeiro aluno às quatro horas e meia, após recolher parte dos alunos consegue chegar à escola por volta de seis horas. Assim, já com a presença das professoras na escola, o motorista deixa os alunos e parte para a segunda etapa, recolhendo o restante e retornando à escola por volta das sete horas e trinta minutos.

As professoras aproveitam este tempo em que esperam pela chegada de todos os alunos para organizar a sala, o material a ser utilizado no dia e até mesmo colocam em dia a organização dos diários e planos de aula. Quando terminam as aulas, às onze horas e trinta minutos, não significa que irão para casa naquele momento. Começa aí uma nova jornada, pois é necessário esperar a chegada dos alunos que vêm da cidade na Kombi e que as crianças da primeira etapa sejam levadas para casa, pois, na segunda etapa, as mesmas crianças que vêm da cidade irão na segunda etapa, juntamente com o restante das crianças. De acordo com o motorista da Kombi, ele percorre mais de 250km por dia.

**Foto 7** - Transporte utilizado pelas professoras



**Fonte:** Pesquisa de Campo (maio, 2013). **Autora:** ALVES, I. M. C.

**Foto 8** - Ônibus utilizado para o transporte dos alunos



**Fonte:** Pesquisa de Campo (maio, 2013). **Autora:** ALVES, I. M. C.

O tempo de deslocamento diário e espera da chegada da condução que as leva para a cidade, juntos, corresponde a mais da metade do tempo gasto em sala de aula. Estamos considerando nestes percursos os dias em que não ocorram intempéries, percalços como: pneu furado, ônibus quebrado, já nos períodos chuvosos o percurso requer atenção redobrada por parte de ambos os motoristas, poisos “atoleiros” nas estradas são constantemente motivo de

grandes atrasos de chegada tanto na escola quanto em casa. Estes são fortes indicativos de condições de trabalho a que são submetidas as professoras que trabalham em escolas do campo.

A rotina diária de trabalho destas professoras não acaba quando chegam em casa, pois além do planejamento semanal, preenchimento de fichas avaliativas, preparo de atividades que já tomam parte significativa de suas tardes, deparam-se com o desafio das disciplinas, pois, embora todos os professores possuam curso superior, a escola não conta com profissionais especializados para ministrar disciplinas de extrema importância como Matemática, História, Geografia e Língua Portuguesa, sendo apenas um profissional apto para Língua Estrangeira.

Essa realidade obriga aos professores, principalmente àqueles com formação em Pedagogia, a se desdobrarem para atender às especialidades e, no caso da escola *locus* da pesquisa no, 5º ano. Assim, o preparo de atividades, que já excedem a sua própria carga semanal em sala de aula. Ao final da semana estas professoras já estão no limite de seu cansaço físico e mental.

Para a análise das concepções de meio ambiente dos professores, recorreu-se a três categorias delimitadas por Reigota (2002): naturalista, antropocêntrica e globalizante.

Os professores cuja representação de meio ambiente é antropocêntrica desenvolvem uma prática pedagógica centrada na transmissão de conteúdos científicos; os de representação globalizante alternam a transmissão de conteúdos com atividades inovadoras, enfatizando aspectos não-imediatos do meio ambiente; os de representação naturalista identificam o meio ambiente com a natureza e assim a sua prática pedagógica está voltada para o conhecimento da mesma, preservada ou deteriorada. (REIGOTA, 2002, p. 74).

Neste primeiro quadro abordaremos as definições que os professores têm de meio Ambiente:

**Quadro 1** - O que é meio ambiente?

“... natureza, as plantas, os animais...” P. 1

“... tudo, é a natureza, a água, o ar...” P. 2

“...lugar onde vivemos, é a natureza, a água, ...” P. 3

**Fonte:** Pesquisa de campo (agosto, 2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

Entre os professores, o meio ambiente é representado e concebido predominantemente relacionado à natureza e fragmentado das relações de interdependência, na qual os se-

res humanos não estão inseridos. Este tipo de percepção promove a compreensão do meio ambiente distante da existência humana, ficando somente em mera apreciação dos ecossistemas. Esta visão contribui para o agravamento dos problemas ambientais, pois quando desconSIDERAMOS o homem como participante, desconSIDERAMOS também que suas atitudes cotidianas possam ser impactante para o meio ambiente.

Reigota (2004) entende que a complexidade do significado do termo meio ambiente ainda não alcançou consenso digno de unificação. Percebemos que há uma pluralidade de concepções e conceitos presentes em acepções políticas, científicas e principalmente culturais. Assim o autor considera a noção de meio ambiente como uma representação social e possibilita compreender as relações sociais e práticas ambientais experienciadas pelos sujeitos. Dando continuidade à pesquisa, questionamos os professores sobre o que entendem por educação ambiental, conforme o quadro a seguir.

**Quadro 2** - O que você entende por educação ambiental?

“Conscientização de como as crianças devem cuidar do meio ambiente.” P. 1

“Trabalhar o meio ambiente com os alunos, orientá-los conscientizá-los que devemos cuidar do nosso ambiente e de nosso planeta.” P. 2

“Educação ambiental é aquela em que usamos o espaço que temos, trabalha com as crianças, leva elas a tá conhecendo mais um pouco, além do que ela conhece e explora este espaço que temos, já que se trabalha em uma escola rural.” P. 3

**Fonte:** Pesquisa de campo (agosto, 2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

Nesta questão, observamos a preocupação de dois professores em informar seus alunos da importância de cuidar do meio ambiente. Apenas um dos professores, refere-se que a educação ambiental precisa ser trabalhada a partir do local vivenciado pelo aluno. É importante salientar que é necessário conhecer a realidade, seus espaços de vivência, ou seja, sua escola, seu trajeto para casa, os arredores da comunidade, como aponta Castrogiovanni (2009, p. 105) “[...] ir para além da sala de aula, o aprendizado do lugar permite contatos e convívio envolvendo sujeitos sociais que se encontram num espaço conhecido, ou pelo menos aproximado [...]” entendemos que para uma efetiva aprendizagem é preciso explorar para que os alunos percebam na prática os conceitos repassados em sala de aula.

Para aprofundar e compreender melhor a visão dos professores, questionamos sobre a fonte de informação que recorrem para desenvolver as atividades e assuntos sobre educação ambiental:

**Quadro 3** - Fonte de informação para desenvolver a educação ambiental

“Internet, reportagens na televisão, material que a diretora traz.” P. 1

“Os próprios livros didáticos, internet, tv.” P. 2

“O material que a secretaria de educação disponibiliza, internet, tv.” P. 3

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

Podemos perceber que a internet e a televisão são as principais fontes de conhecimento sobre a educação ambiental. As informações que a mídia passa influem consideravelmente na prática do professor dentro de sala, bem como sua opinião acerca do tema. Não podemos ignorar que os professores utilizam também material que a secretaria de educação disponibiliza,

Conforme os PCN (BRASIL,1998), a televisão e a imprensa constituem uma importante fonte de informações sobre o meio ambiente para a maioria das pessoas, no entanto, muitas vezes as questões ambientais são abordadas de forma superficial ou equivocada pelos meios de comunicação. O ideal seria que os professores tivessem cursos e também um considerável acervo de livros sobre educação ambiental para que pudessem estar sempre atualizados.

**Quadro 4** - Disciplinas envolvidas no desenvolvimento da educação ambiental

“Ciências, ... sempre que possível todas..., trabalhamos em todas as disciplinas.” P. 1

“Tentamos trabalhar em todas as disciplinas, né... interdisciplinar.” P. 2

“Na minha disciplina é difícil trabalhar, mas sempre que possível tento introduzir algo sobre o meio ambiente.” P. 3

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

As respostas apresentadas nos indicam que todos os professores procuram trabalhar de forma interdisciplinar. O ensino de Ciências supracitado reflete a realidade de muitas escolas que usam somente as aulas de Ciências para trabalhar a educação ambiental e geralmente o tempo destinado a estas aulas não é suficiente para a construção de um entendimento acerca da relação homem e natureza. Quando o tema meio ambiente é desenvolvido no ensino de Ciências, de acordo com Amaral (2001), é colocado

[...] como ilustração dos conceitos ensinados (por exemplo, citar animais carnívoros, ao estudar a cadeia alimentar); ou como campo de aplicação da teoria (por exemplo, apresentar a circulação atmosférica após estudar ciclos

convectivos); ou como tópicos de conhecimento que ressaltam os distúrbios ambientais relativos ao conteúdo estudado (por exemplo, tratar de poluição da água, após estudar a hidrosfera); ou como acervo de recursos naturais (por exemplo, tratar de recursos minerais, após estudar solos e rochas). (AMARAL, 2001, p. 89).

Assim, quando a educação ambiental é apenas mero conteúdo a ser transmitido nas aulas de Ciências, acaba perdendo o seu caráter de transformação de atitudes e mudança de paradigmas. As dificuldades de trabalhar a educação ambiental fica evidente na fala “Na minha disciplina é difícil trabalhar, mas sempre que possível tento introduzir algo sobre o meio ambiente.”

**Quadro 5** - Participação dos alunos e professores nos projetos e atividades de educação ambiental

“Eles sempre participam de tudo, os alunos adoram.” P.1

“Todos nós participamos, são atividades diferentes, e aí os alunos se divertem também com os projetos.” P. 2

“Todos os alunos participam e os professores também.” P. 3

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

Nesta questão referente á participação dos alunos e professores, todos foram categórico em afirmar o envolvimento nas atividades de educação ambiental. Precisamos ressaltar as palavras “os alunos se divertem”, pois quando a atividade é prazerosa através dela pode-se chegar ao objetivo proposto. Para Vygotsky (1999),

a criança começa com uma situação imaginária, que é uma reprodução da situação real, sendo a brincadeira muito mais lembrança de alguma coisa que realmente aconteceu, do que uma situação imaginária nova. À medida que a brincadeira se desenvolve, observamos um movimento em direção à realização consciente do seu propósito. (VYGOTSKY, 1999, p. 119).

Ainda de acordo com o autor supracitado é preciso dar um incentivo para colocar as crianças em ação. A atividade lúdica, prazerosa é uma proposta educacional para enfrentar os desafios no processo ensino-aprendizagem, que por sua vez permite um desenvolvimento global por meio de descobertas e criatividade, assim a criança pode se expressar, criticar e transformar a realidade.

**Quadro 6** - Dificuldades encontradas nos projetos e atividades de educação ambiental

“Foi a falta de material para estar trabalhando. Falta espaço para gente ir e locomoção.” P. 1

“As dificuldades, é porque nós temos um currículo a ser cumprido e conteúdo a serem trabalhado e as vezes nós temos dificuldade de fugir um pouco para poder trabalhar o meio ambiente. Agente tenta interdisciplinar e incluir, mas tem as dificuldades, pois foge um pouco do que temos que ensinar.” P. 2

“Falando em nome da escola, somos uma escola de prefeitura, municipal... dependemos muito deles também, as vezes só a vontade da gente trabalhar não é o suficiente, então bate de frente com eles... não tem tempo, as vezes não tem condições de estar vindo já que são mais de trinta quilômetros da cidade, então precisamos tá tentando desenvolver aqui só com a ajuda do povo da comunidade daqui onde a escola funciona. Talvez seja um dos caminhos para viabilizar esses projetos.” P. 3

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

Na questão referente às dificuldades com os projetos e atividades em educação ambiental, a pesquisa demonstrou diferentes pontos de vista, o primeiro refere-se a falta de material para trabalhar na escola. Esta é uma realidade enfrentada pelas escolas públicas e não poderia ser diferente na escola *locus* de nossa pesquisa. No segundo relato, “As dificuldades, é porque nós temos um currículo a ser cumprido e conteúdo a serem trabalhado...”, podemos notar que a exigência de cumprir os conteúdos do currículo faz com que o professor fique preso a uma “camisa de força” (currículo).

**Quadro 7** - Espaços utilizados para realizar a educação ambiental

“Visitamos umas áreas ao redor da escola. Lotes com vários tipos de plantações e algumas explicações dos donos dos lotes.” P. 1

“Com o nosso projeto este ano nós visitamos ao redor da escola, observamos tudo que tem o meio ambiente, fizemos trabalhos com os alunos em sala. Recentemente nós fizemos visitas nas lavouras... lavoura de plantação de repolho, de alho, de cebola, de café. Fizemos muitas perguntas para o produtor, ele foi ensinando direitinho para nós. É uma aula muito rica.” P.2

“Esse ano nós temos o projeto de visitar as lavouras que tem ao redor. Os professores tem explorado bastante esse tema, eles vão visitar, vão estar olhando, vão estar percebendo de que maneira eles cuidam dessas plantações e é claro sem falar no desgaste ambiental que sempre tem devido o desmatamento para que naquele local seja plantado, seja feito como agricultura. Aqui no projeto (Assentamento Paineiras) percebemos isso... é tem muito verde, porém irrigado, porém usando pivô. Percebemos que a agricultura não pára e de uma forma ou de outra o meio ambiente tá sendo destruído, é claro tirando da terra seu sustento da família, mas temos que perceber este lado, o meio ambiente está sempre em dificuldades, sempre precisando de auxílio. P. 3

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

Conforme os relatos, os espaços mais utilizados para desenvolver a educação ambiental foram as visitas nas propriedades ao redor da escola. Vê-se que os professores procu-

ram explicar na prática como acontece a dinâmica da produção na lavoura, como o uso de maquinário, irrigação através de pivô e variedades de plantaçoão como repolho, alho, cebola, café. Ressaltamos porém que estas visitas ocorrem eventualmente e a parte significativa do projeto é desenvolvida em de sala.

O espaço escolhido pelo professor deve estar de acordo com a metodologia adotada e com as atividades propostas. É preciso também abordar a realidade próxima, na perspectiva de aumentar a compreensão e promover a análise crítica por meio de atividades significativas como as saídas a campo.

A atividade praticada fora de sala de aula, seja no campo ou na cidade, é uma didática que permite ao aluno ter um maior conhecimento das questões ambientais que o circundam. Reigota (2004, p. 30) coloca que “o professor pode educar ambientalmente em qualquer lugar” e que é preciso sair da sala de aula, não que esta atividade dentro de sala não seja importante, mas corre-se o risco de tê-la como única atividade possível, quando é apenas mais uma.

**Quadro 8** - Materiais utilizados para atualização e desenvolvimento dos trabalhos de educação ambiental

“Livros sobre meio ambiente, vídeos, a internet...” P. 1

“Os próprios livros didáticos, internet, material que a diretora traz, fazemos reciclagem de material...” P. 2

“Vídeos, textos da internet, o livro didático...” P. 3

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

Sendo a educação ambiental um tema da atualidade torna-se primordial a constante atualização dos educadores ambientais. De acordo com as respostas dos professores, os livros didáticos e a internet são a maior fonte de informação para a atualização. O uso de vídeos também aparece em evidência em duas respostas, mas somente uma resposta corresponde ao uso de livros sobre o meio ambiente.

Cabe às escolas oferecerem cursos complementares aos professores. De acordo com os PCN (BRASIL,1998) é necessário que os professores também se disponham a aprender sobre o assunto dando continuidade aos seus estudos, a fim de manter-se atualizados.

**Quadro 9** - Momentos da disciplina em que trabalha a educação ambiental

“Sempre tentamos trabalhar com eles, mas é mais na disciplina como Ciências.” P.1

“Eu trabalho com várias disciplinas, tento trabalhar de forma interdisciplinar o meio ambiente.” P.2

“Na minha disciplina é difícil, mas tento sempre que possível.” P. 3

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

Buscou-se conhecer em que momento o professor introduzia os assuntos da educação ambiental. Na primeira resposta, quase que limitou-se na disciplina de Ciências. Barcelos (2008, p. 46) diz que este é um exemplo que uma “quase total ausência de iniciativas de educação ambiental” e complementa que é uma mentira que as aulas de educação ambiental sejam para professores de Ciências, Biologia ou Geografia.

A complexidade da temática ambiental envolve uma abordagem metodologicamente ampla, interdisciplinar, sem abrir mão do saber especializado. Assim aprende-se com as outras disciplinas como estas lidam com as questões ambientais, abordando aspectos sociais, históricos, geográficos, matemáticos, filosóficos entre outros tantos.

**Quadro 10** - Incentivos que os professores recebem para realizarem os projetos de Educação Ambiental

“Recebemos incentivo da diretora e da secretária de educação. Incentivo mais verbal.” P. 1

“O primeiro incentivo que acho muito rico vem das próprias crianças. É o gosto delas de trabalhar o projeto, dos pais quando agente encerra, pedimos ajuda dos pais, participação e eles ajudam.” P. 2

“Somente da direção mesmo, verbalmente.” P. 3

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

Conforme as respostas dos professores entrevistados, dois deles responderam que existe incentivo verbal da diretora e da secretaria de educação, porém nenhum mencionou a questão de disponibilidade de material, recursos financeiros e cursos de capacitação para realização e execução dos projetos de educação ambiental. A falta de recursos financeiros e materiais geram dificuldades no desenvolvimento da educação ambiental. Outro ponto importante foi o principal incentivo destacado na fala de um dos professores “*o maior incentivo vem dos alunos*”. Diante de tantos percalços no caminho trilhado, é admirável que um educador retire o maior incentivo para trabalhar a educação ambiental de seus alunos.

**Quadro 11** - Participação das famílias nos projetos de educação ambiental

“Participação... eu acho pouco. Os pais deveriam tá participando mais porque é o ambiente onde eles estão vivendo. Tem pouca participação.” P.1

“Esse ano na escola por enquanto eles estão ajudando nas atividades que mandamos para casa e queremos mais participação no encerramento e também fizemos visitas que tem a participação dos pais.” P. 2

“Todos os projetos que temos desenvolvido aqui nós tentamos integrar as famílias neles, no sentido de estar colaborando, ajudando, incentivando as crianças a tá participando, mas ainda é pouco, necessita de mais. Trazer esses pais para junto da escola e fazer com que eles coloquem a experiência deles aqui na escola junto com os professores para que dê tudo certo na tarefa que desenvolvemos.” P.3

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

Na Escola Municipal Francisca Mariana Luiz de acordo com os professores há pouca participação dos pais nos projetos desenvolvidos pela escola. Os professores querem, por meio de diálogos e participação, estreitar os laços para troca de informações e experiências. Muitos pais são presentes e participam do processo de escolarização dos filhos, mas outros não se consideram pertencentes ao campo, ou seja, não têm identidade com o lugar onde vivem e tiram seu sustento. No caso dos pais dos alunos da escola em questão são funcionários de fazendas circunvizinhas, sujeitos a qualquer hora serem dispensados de seus trabalhos. Esta sensação de insegurança no vínculo empregatício, leva ao não pertencimento ao lugar. Carlos (2007) corrobora,

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida. “No lugar emerge a vida, pois é aí que se dá a unidade da vida social”. (CARLOS, 2007, p. 22, grifos da autora).

É importante o envolvimento da escola nos assuntos da comunidade e vice-versa, pois assim a realidade próxima é conhecida e faz parte do cotidiano das aulas. Desta forma tanto a escola quanto a comunidade poderão contribuir para que novas práticas e posturas favoráveis ao meio ambiente sejam incorporadas.

**Quadro 12** - Problemas ambientais no entorno da escola

“É a lavoura que tem em volta da escola com os produtos que são usados nela (agrotóxico).” P.1

“Eu preocupo porque plantam lavoura em volta da escola, então a área da escola mesmo... muito pequena, jogam veneno (agrotóxico), eu acho que isso é muito perigoso. Inclusive já aconteceu deles jogarem veneno e agente nem ter aula no dia, porque realmente isso polui e prejudica as crianças.” P.2

“Acredito que é o desmatamento pelas lavouras que são colocadas. Árvores aqui a gente quase não tem a não ser as que plantamos dentro da escola. Acho que isso gera um... assim.... atrapalha bastante esse meio ambiente...e as vezes quando a plantação está no auge, é o veneno (agrotóxico) que é jogado, acho que atrapalha muito as crianças.” P. 3

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

Fica evidente a preocupação de todos os professores quanto aos “venenos” (agrotóxicos) que são jogados na lavoura no entorno da escola. Conforme definição apresentada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), agrotóxicos são:

Produtos e agentes de processos físicos, químicos ou biológicos, destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens, na proteção de florestas nativas, de culturas florestais e de outros ecossistemas e de ambientes urbanos, hídricos e industriais, cuja finalidade seja alterar a composição da flora ou da fauna, a fim de preservá-las da ação danosa de seres vivos considerados nocivos, bem como as substâncias e produtos empregados como desfolhantes, dessecantes, estimuladores e inibidores de crescimento. (ANVISA, 2006, p. 361).

O problema com os agrotóxicos veio junto com as técnicas produzidas na agricultura nos últimos setenta anos e, isso, modificou o meio rural em seus aspectos social e ecológico. As novas técnicas têm como objetivo de elevar os índices de produtividade, mas as consequências foram devastadoras como, a poluição dos rios, a erosão, a desertificação do solo, os desmatamentos indiscriminados e a contaminação dos alimentos pelos agrotóxicos.

Visando reduzir a exposição dos alunos em épocas de aplicação dos agrotóxicos, a diretora pede sempre ao agricultor dono das terras vizinhas da escola que jogue somente o produto na parte da tarde, pois neste período não há atividades na escola. Infelizmente isto não é o suficiente para proteger as crianças, pois no dia seguinte à aplicação, ainda é possível sentir o cheiro do produto.

A seguir, a Foto 9, mostra o quanto a lavoura está perto da escola, a divisa entre a lavoura e a escola é um simples alambrado, ainda observamos uma igreja e escondido atrás das árvores um centro comunitário.

**Foto 9** - Lavoura no entorno da escola



**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

**Quadro 13** - Melhor forma de ensinar educação ambiental

“Saindo com as crianças para fora da escola, mostrando a eles como é o meio ambiente.” P.1

“As aulas passeio iriam ajudar muito.” P. 2

“É preciso mostrar para os alunos as transformações que estão ocorrendo no meio ambiente.” P.3

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

Diante das respostas apresentadas pelos professores, podemos constatar que as idas à campo seria a melhor forma para ensinar sobre o meio ambiente. A resposta vem ao encontro com as respostas dos alunos conforme o Quadro16, quando perguntamos aos mesmos sobre a melhor forma de ensinar sobre o meio ambiente de sua comunidade.

**Quadro 14** - Vantagens e desvantagens de trabalhar com a metodologia da Escola Ativa

“O material é pobre, a gente quase não usa os livros da Escola Ativa. Eu participei de dois cursos, mas eles foram muito vagos, eles não explicavam diretamente como é trabalhar com a Escola Ativa. Sinto essa deficiência muito grande, houve essa falta de estar explicando como se trabalhar certo.” P.1

“Os livros para trabalhar os conteúdos não são bons, portanto trabalhamos com os livros do Projeto Buritis... são mais completos. Trabalhar com salas multisseriadas não é fácil, exige muito da gente. Como eu sou uma professora novata na escola e no trabalho com a escola ativa... tem cursos para trabalhar, estamos aguardando. A Escola Ativa oferece cursos.” P.2

“A Escola Ativa, assim eu já tenho quatro anos aqui na escola e sempre colocam Escola Ativa, mas sempre como algo jogado, não temos um material didático que corresponde. É principalmente na minha disciplina, eu tento colocar da forma que eu acho que as crianças vão aproveitar, apesar de

que é muito difícil ... por não ter esse auxílio, porque assim ... o planejamento, o incentivo da direção é grande em torno disso, porém essa capacitação ainda não teve, porém falta, acabamos vindo despreparado, então a gente vai colocar de acordo com o conhecimento que possui e as vezes vem um livro, vem outro mas não passa essa capacitação. Para mim eu sinto grande a dificuldade neste ponto.” P. 3

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

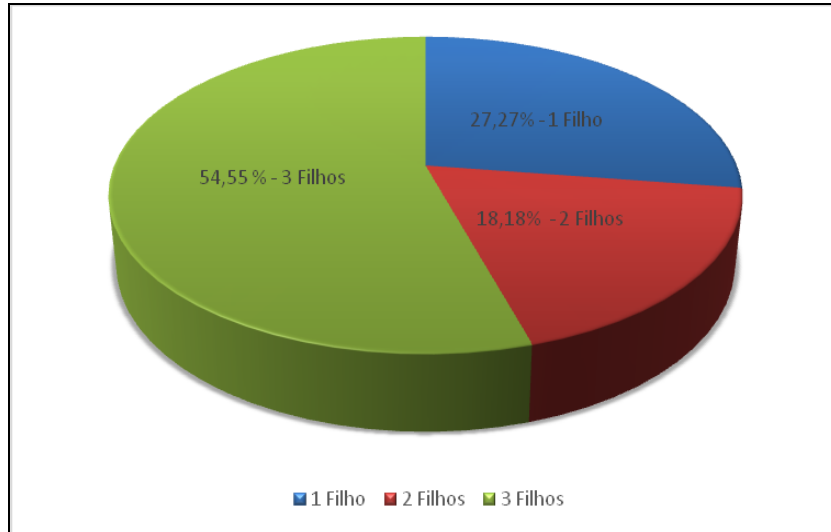
Todos os professores expressaram dificuldades de trabalhar com a metodologia da Escola Ativa, em turmas multisseriadas, principalmente pela falta de treinamento. A principal dificuldade centra-se na organização dos conteúdos e as atividades a serem trabalhadas nos diversos anos, pois, de acordo com os relatos, os guias de aprendizagem (livro didático da Escola Ativa) são “pobres” em relação ao conteúdo.

## **2.7 Análise interpretativa da entrevista com os pais**

Para a coleta de informações com os pais dos alunos foram feitas visitas domiciliares o que possibilitou a interação com os familiares responsáveis pelos alunos, analisamos principalmente a participação dos pais na escola e nos projetos ambientais, pois a metodologia da Escola Ativa propõe uma interação entre escola e comunidade, visando à formação integral do aluno. Em todas as propriedades visitadas fomos recebidas pelas mães dos alunos, pois apesar desta pesquisa ter sido realizada em um domingo, os pais não estavam presentes, pois devido a época de colheita na fazenda, que se estende durante toda a semana até altas horas da noite, exigia a presença deles na lavoura todos os dias da semana.

Observamos que as mães ficaram com um certo receio de responder as perguntas, assim algumas limitaram-se a responder sim ou não, sem estender o assunto, por mais que fossem questionadas. Por tratar-se de perguntas abertas, procuramos organizar e agrupar por aproximação de respostas obtidas. Iniciamos a entrevista questionando quantos filhos estudam na escola, conforme o Gráfico 2:

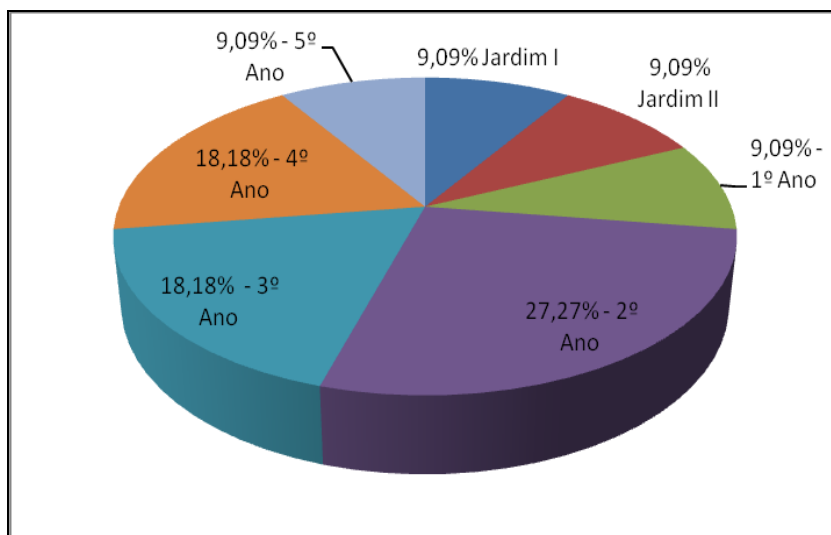
**Gráfico 2** - Quantidades de filhos que estudam na Escola Municipal Francisca Mariana Luiz



**Fonte:** Pesquisa de campo (2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

Na primeira questão proposta, das 6 mães entrevistadas, quanto ao número de filhos que estudam na escola 54,55% tem 3 filhos, 27,27% apenas 1 filho e 18,18% 2 filhos.

**Gráfico 3** - Alunos por ano (Educação Infantil e Ensino Fundamental) que estudam na Escola Municipal Francisca Mariana Luiz

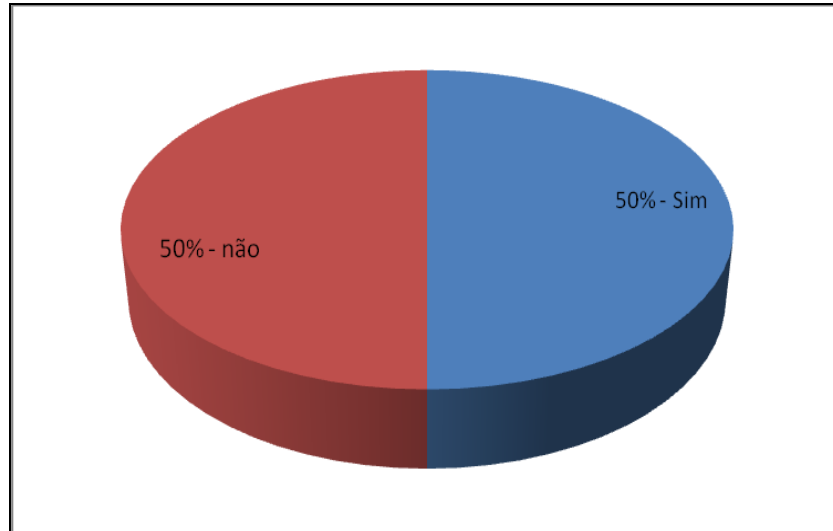


**Fonte:** Pesquisa de campo (2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

Com relação à quantidade de filhos que estudam na Educação Infantil até o Ensino fundamental, porém ressaltamos que a escola funciona até o 5º ano do Ensino Fundamental. Assim temos 9,09% no jardim I, 9,09% no jardim II, 9,09% no 1º ano, 27,27% no 2º ano, 18,18%, no 3º ano, 18,18% no 4º ano e 9,09% no 5º ano. Assim posto, tentou-se no próximo

item, se as mães sabem que a escola em que seus filhos estudam usam a metodologia da Escola Ativa, conforme Gráfico 4:

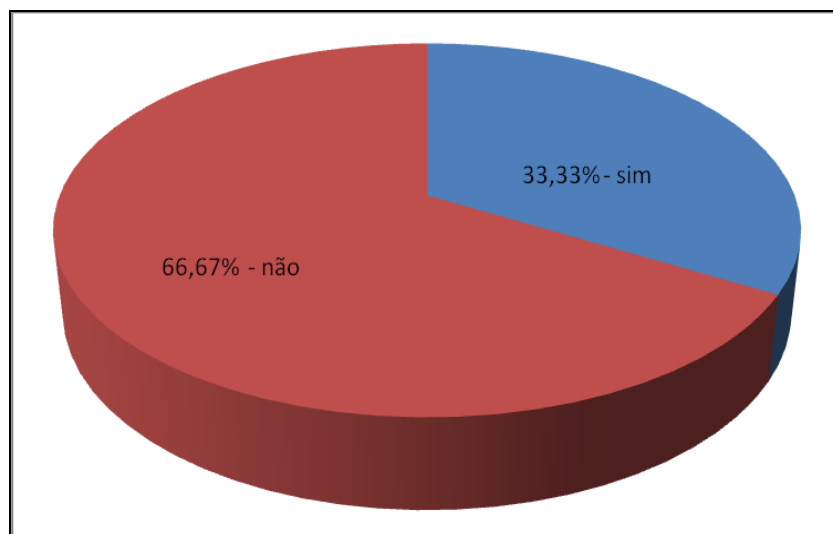
**Gráfico 4** - Mães que sabem que a escola da comunidade tem o Programa Escola Ativa



**Fonte:** Pesquisa de campo (2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

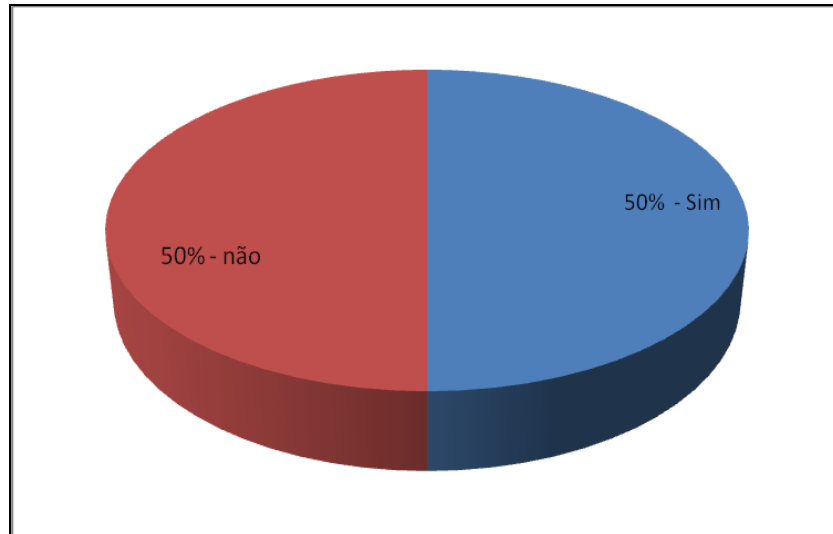
Para nossa surpresa, das 6 mães entrevistadas, 50% sabiam que é uma escola do Programa Escola Ativa, porém, somente uma, sabe como funciona (Gráfico 5), os outros 50% responderam que não sabem que a escola usa a metodologia. A escola, como parte da comunidade deve procurar estreitar estes laços e esclarecer qual a metodologia que está seguindo.

**Gráfico 5** - Mães que sabem como funciona o Programa Escola Ativa



**Fonte:** Pesquisa de campo (2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

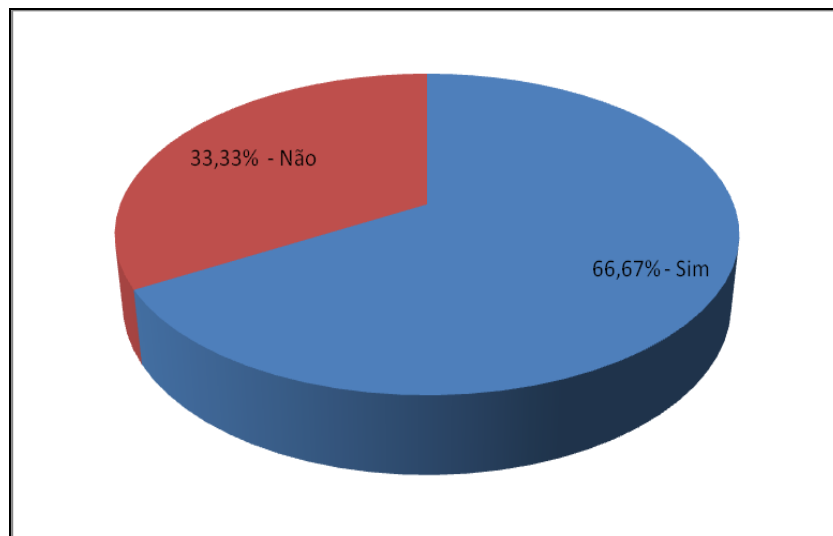
**Gráfico 6** - Mães que costumam dar opinião sobre o que gostariam que seus filhos aprendessem na escola



**Fonte:** Pesquisa de campo (2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

Nesta questão perguntamos se as mães opinavam sobre o que gostariam que seus filhos aprendessem na escola, 50% disseram não e os outros 50% disseram que sim. Levantamos a questão, se seus filhos melhoraram a aprendizagem, mesmo sem conhecer a metodologia da Escola Ativa, conforme o Gráfico 7.

**Gráfico 7** - Seus filhos melhoraram a aprendizagem com a Escola Ativa?

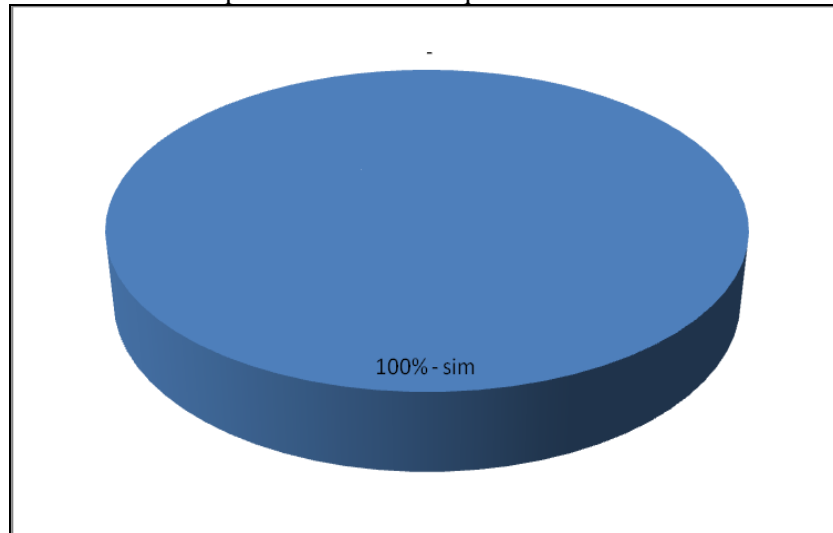


**Fonte:** Pesquisa de campo (2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

Apesar de 66, 67% das mães não conhecerem a metodologia da Escola Ativa, os mesmos 66,67% falaram que seus filhos melhoraram a aprendizagem e 33,33% colocaram que não. Nas falas percebemos que as mesmas não estendem o assunto quando questionados a

que atribuíam a não melhoria da aprendizagem. No Gráfico 8 abordamos as mães sobre sua presença na escola.

**Gráfico 8** - Mães presentes na escola quando solicitadas

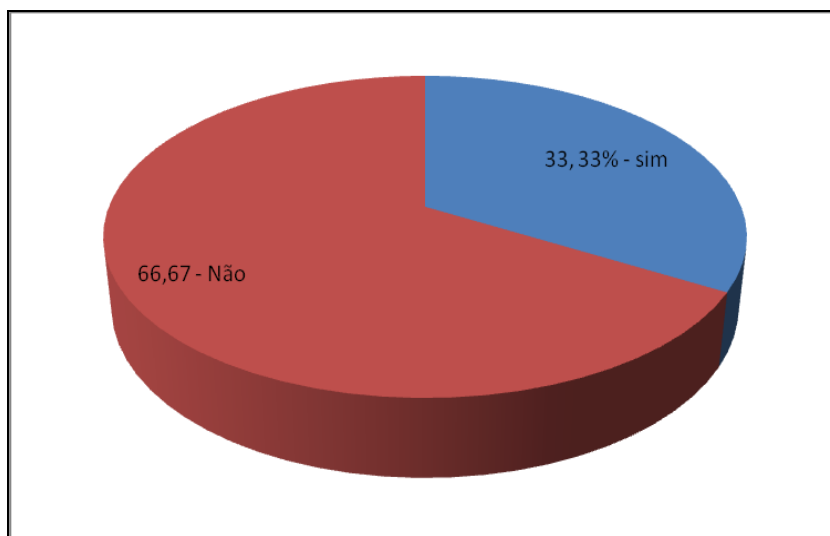


**Fonte:** Pesquisa de campo (2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

Para 100% das mães, falaram que sempre que solicitadas vão à escola, percebemos que é preciso que a escola convoque os pais como constatamos na fala “*toda vez que me chamam eu vou lá*”, essas visitas não ocorrem por iniciativa dos mesmos. A participação das mães pode influenciar de modo efetivo no desenvolvimento de seus filhos.

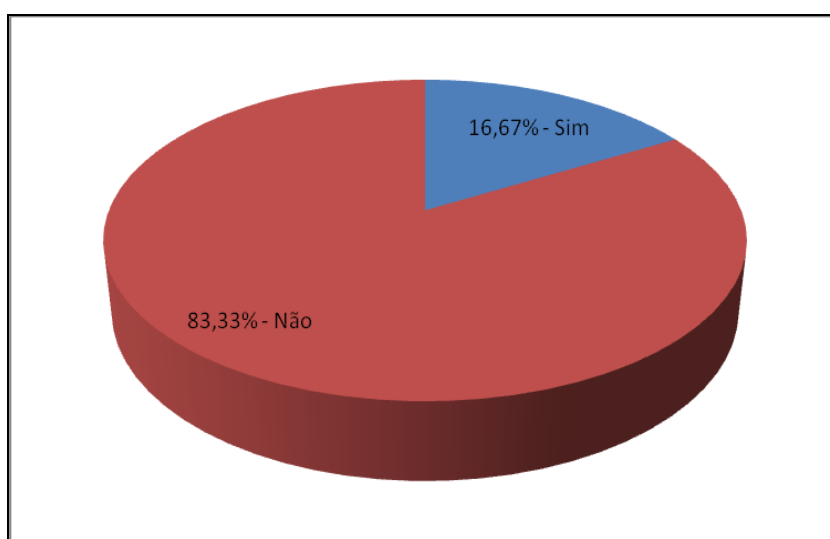
A educação recebida, na escola, e na sociedade de um modo geral cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos, a atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e conseqüentemente no comportamento da criança na escola (VYGOTSKY, 1984 p.87).

Sendo a escola um prolongamento do lar, é cada vez mais importante sensibilizar os pais a participarem da educação de seus filhos e, não somente participar para receber informações sobre como vai a vida escolar de seus filhos. A escola deve criar mecanismos para atrair os pais para dentro da escola. Continuando a investigação sobre a participação das mães na escola, questionamos a participação das mesmas nos projetos pedagógicos.

**Gráfico 9** - Mães que Participam na execução dos projetos pedagógicos

**Fonte:** Pesquisa de campo (2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

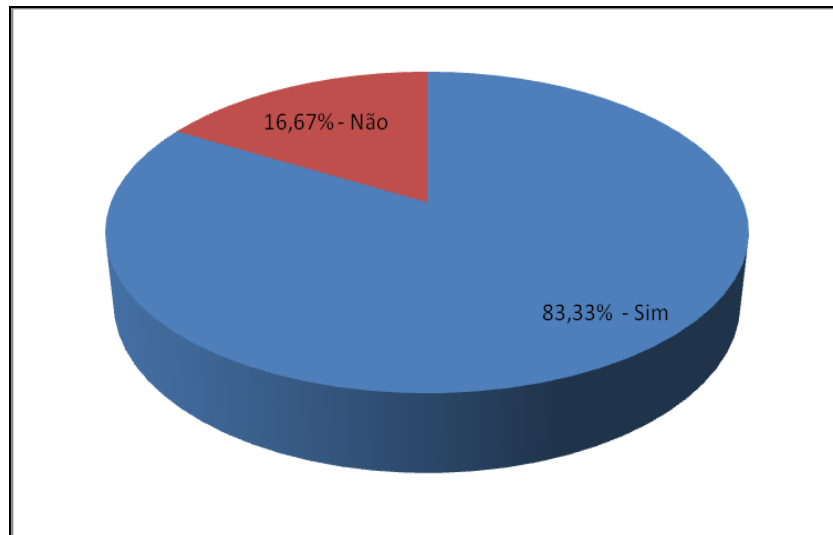
A participação das mães na execução dos projetos pedagógicos da escola é algo desafiador, tanto para os professores quanto para a escola, seja no campo ou na cidade. Observamos nas entrevistas que 66,67% não participam da execução dos projetos pedagógicos e 33,33% disseram que participavam, mas das duas entrevistadas que relataram a participação, uma é funcionária da escola. Então devido à relação empregatícia, deve participar. Assim concluímos que as mães têm participação insignificante na execução dos projetos pedagógicos. No Gráfico seguinte, abordamos a participação das mães com algum trabalho voluntário na escola.

**Gráfico 10** - Mães que fazem algum trabalho voluntário na escola?

**Fonte:** Pesquisa de campo (2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

Na sequência da análise, ainda sobre a participação dos pais na escola, 83,33% disseram que não realizam nenhum trabalho voluntário na escola e 16,67% fazem trabalhos voluntários na escola quando solicitadas pela diretora.

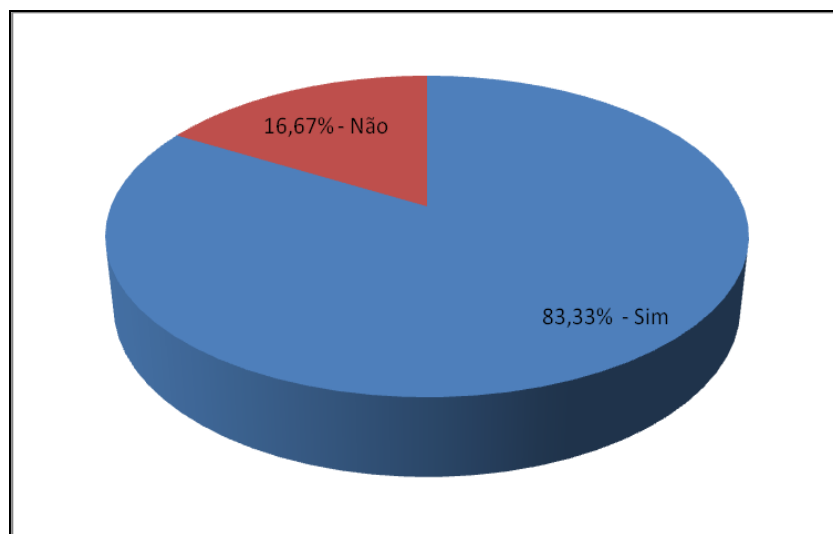
**Gráfico 11** - Mães que percebem a importância uma escola voltada para a realidade da comunidade



Fonte: Pesquisa de campo (2013). Org.: ALVES, I. M. C.

Quando questionamos se achavam importante que a escola seja voltada para a comunidade, podemos perceber na fala de uma mãe a importância da comunidade em que vive: *“acho muito importante, porque se você não voltar este trabalho para a comunidade não tem como desenvolver a criança para a nossa realidade.”*

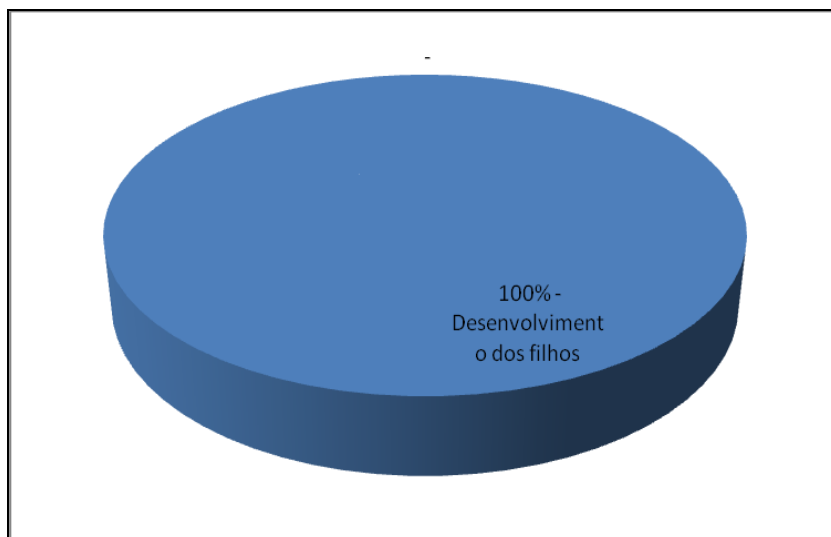
**Gráfico 12** - Participam da reunião de pais



Fonte: Pesquisa de campo (2013). Org.: ALVES, I. M. C.

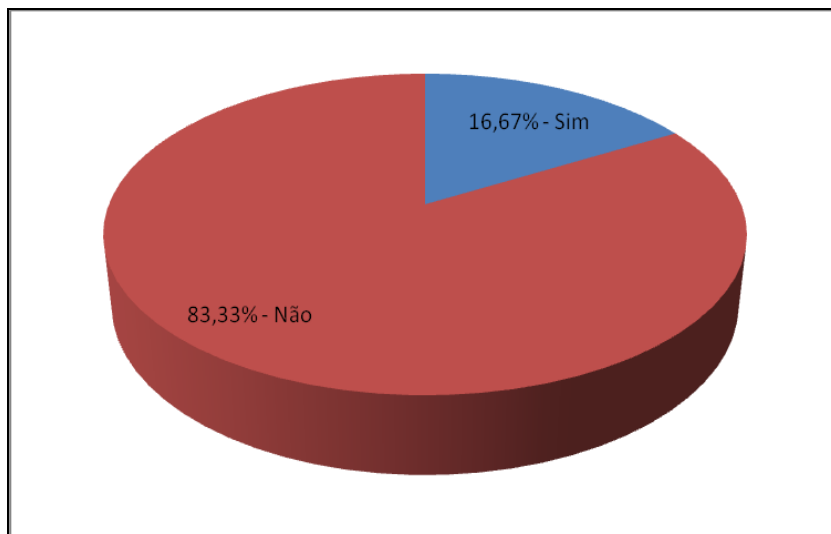
Dentre as seis mães entrevistadas 83,33% disseram que sempre participavam da reunião de pais e somente uma, correspondendo a 16,67%, disse que não participava. Sempre que marcavam as reuniões era liberado, pela diretora da escola o transporte dos pais nos ônibus escolares, devido a distância de algumas fazendas até a escola. Outro problema, é que muitos não possuem veículo próprio e dependem inteiramente do transporte fornecido pelo dono da fazenda onde trabalham.

**Gráfico 13** - Além do desenvolvimento escolar de seus filhos, outros assuntos discutidos



**Fonte:** Pesquisa de campo (2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

**Gráfico 14** - Discutem sobre os problemas da comunidade

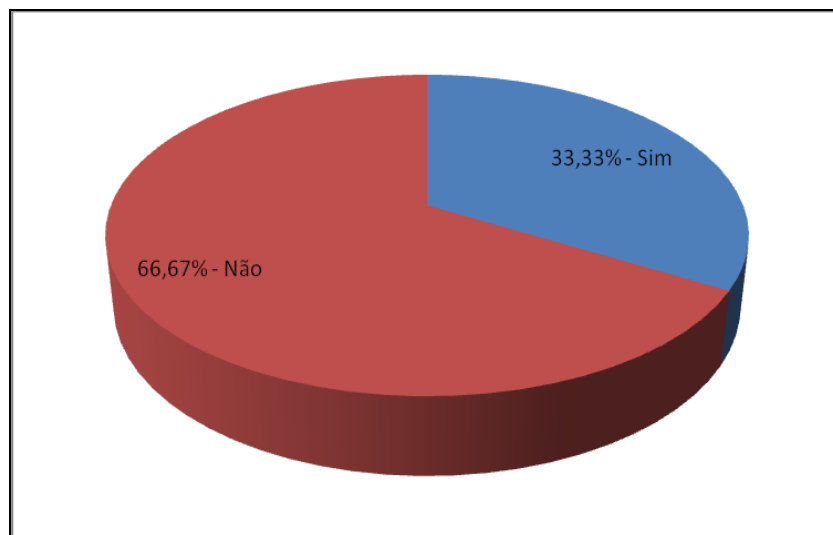


**Fonte:** Pesquisa de campo (2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

Com relação aos assuntos discutidos nas reuniões, tentou-se saber se além do desenvolvimento e aprendizagem escolar dos filhos, se assuntos da comunidade eram discutidos nas mesmas, conforme Gráficos 13 e 14. Os dados apresentaram que 100% dos assuntos tratados nas reuniões referiam-se ao desenvolvimento das crianças, como relatado por uma mãe *“O assunto é realmente educação, comportamento, o psicológico da criança. É sempre mais voltado para a criança, os que participei.”*

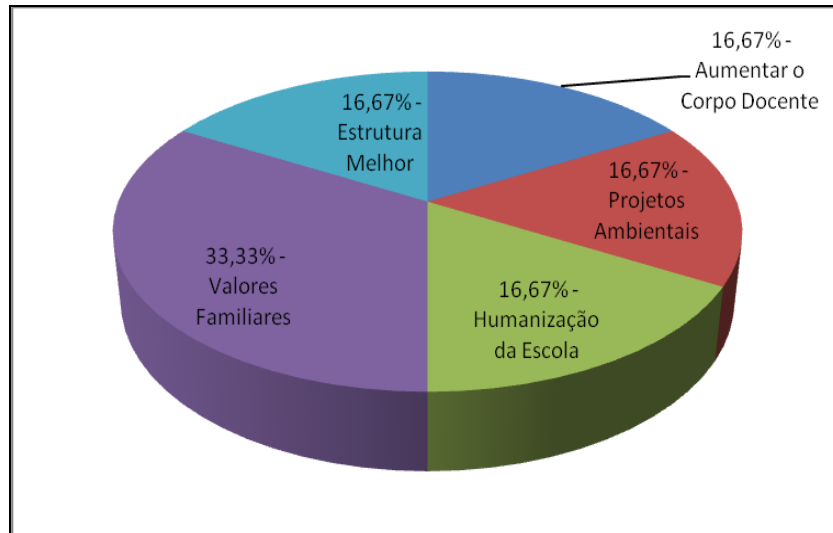
A escola não deve ser somente um espaço onde prepara o indivíduo para a cidadania, mas um espaço de diálogos, oportunizando a reflexão e discussão de diferentes assuntos, pelos diferentes segmentos. Ressaltamos porém que somente uma pessoa (Gráfico 14) disse que tratavam de outros assuntos, mesmo assim não referiu-se a nenhum em especial.

**Gráfico 15** - Conhecem os projetos que a escola desenvolve relacionados com a educação ambiental



**Fonte:** Pesquisa de campo (2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

Outro assunto tratado com as entrevistadas, foi o conhecimento ou não dos projetos desenvolvidos pela escola, relacionados à educação ambiental. Assim, 66,67% disseram que não conhecem os projetos e 33,33% disseram que sim, fica claro que a escola precisa realizar mais projetos ambientais, trazendo a família para dentro destes projetos, dividindo assim as responsabilidades e colhendo frutos dos mesmos, contribuindo assim para uma sociedade melhor.

**Gráfico 16** - Como querem a escola de seus filhos

**Fonte:** Pesquisa de campo (2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

A escola almejada pelas mães foi um questionamento com o objetivo de fazer com que os pais envolvessem na construção de um espaço representativo na vida de seus filhos, qual foi a nossa surpresa com vários pontos de vista, pois 33,33% dos pais buscam valores familiares, 16,67% querem a humanização da escola, 16,67% acham que a escola deve melhorar sua estrutura, 16,67% veem a necessidade de mais projetos ambientais e 16,67% anseiam o aumento do corpo docente.

Quando consideramos as mudanças ocorridas na organização social e na estrutura familiar nos últimos tempos, a escola passa a ser crucial no desenvolvimento da criança, pois a família delega além da educação formal a passagem de valores. Podemos observar nas palavras de uma das mães:

*[...] por ser uma escola rural eu acho ela muito diferente da escola da cidade, particularmente eu gosto muito desta escola. Na cidade, falta assim, [...] falta humanizar mais as escolas, pois elas são muito frias, sabe tá faltando valores né. Para você ver as crianças de 1ª a 4ª série não sabem cantar o hino nacional, pode perguntar, eles não sabem [...], para elogiar nossa pátria precisa humanizar. É o amor, a fraternidade não está tendo, [...] as escolas estão cada vez mais frias e cada vez mais perigosas. Eu gostaria de uma escola mais humana. (Mãe 1, pesquisa de campo, 2013).*

Faz parte da escola resgatar os valores que por ora se perdem na nossa sociedade, como o respeito, solidariedade, a tolerância e até mesmo o patriotismo. Assim, a vida na zona urbana é atribuída ao individualismo, o egoísmo, a violência, a falta de tempo e já a vida na zona rural, aparece fortalecida por relações de cooperação, capaz de formar cidadãos melhores, solidários e atentos às necessidades do outro.

Na Escola Francisca Mariana Luiz, todas as segundas feiras é tocado o hino nacional o qual é acompanhado pelos alunos como forma de resgatar o patriotismo. Ao nosso entender, quando a mãe se refere que as escolas estão ficando cada vez “mais frias e perigosas”, a mesma refere-se a violência que tem permeado o sistema escolar como agressões verbais e físicas tanto entre alunos, quanto entre alunos e professores.

Sabe-se que os atos tidos como indisciplinados deixaram de ser encarados como eventos esporádicos e particulares do cotidiano das escolas brasileiras, para se tornarem, talvez uma das razões nucleares do alegado desgaste ocupacional dos profissionais da educação. (AQUINO, 2003, p. 8).

É preciso promover atividades comunitárias e lazer para os moradores contando com a participação do corpo escolar e outros profissionais, levando-os a transformar o medo em posturas que superem esta mentalidade violenta. Apontar a violência, aprender a reconhecer-la, mantê-la consciente e promover uma reflexão crítica sobre a realidade da escola, será um grande ponto de partida no combate à violência escolar.

A questão da falta de professores para que as matérias fossem melhor distribuídas é um ponto que não passou despercebido pelos pais. Percebemos uma certa insatisfação dos pais ao ter somente dois professores ministrando aulas para o 3º, 4º e 5º ano, no mesmo espaço, refletindo de forma prejudicial no ensino-aprendizagem. Deparamos também com o fato de uma professora dar aula para o Jardim I, II, Alfabetização, 1º e 2º ano. Este posicionamento dos pais fazem com que continuamente sejam comparadas as escolas entre a escola do campo e da cidade como podemos evidenciar.

*[...] tem tanta coisa, a questão do professor, [...] cada um em uma série, mas é tá faltando professores cada um em uma serie. (Mãe 2, pesquisa de campo, 2013).*

*[...] lá (Escola M. F. M. L) o ensino é mais [...], o ensino não é igual ao da cidade, é diferente lá, só tem o professor de Inglês e a professora. Só dois professores e lá na cidade é um monte de professores, se fosse assim era para ser mais avançado né. (Mãe 3, pesquisa de campo, 2013).*

De acordo com Arroyo (2004) este é um pensamento errôneo, pois não adiantaria importar um modelo de educação, também fracassado nas escolas urbanas. Para o autor,

A palavra multisseriada tem um caráter negativo para a visão seriada urbana. Como se a escola seriada urbana fosse boa, modelo; e multisseriada fosse algo que vamos destruir, para um dia criar a escola seriada do campo. Por favor não cometam este disparate. Não tragam para o campo a estrutura escolar seriada urbana. (ARROYO, 2004, p. 83).

Corroborando o pensamento do autor supracitado, a educação do campo não deve englobar somente os saberes universalmente produzidos, mas levar em conta os aspectos de sua diversidade, seu histórico e os anseios de sua diversidade nas quais as escolas estão inseridas.

E continuando, a infraestrutura (energia elétrica, água potável, esgoto sanitário, biblioteca, internet, entre outros) das escolas rurais ainda é um dos principais obstáculos para o desenvolvimento de um ensino de qualidade no campo, pois tem impacto direto na qualidade do ensino e no desempenho pedagógico. Geralmente, são escolas rurais localizadas em pequenas comunidades, longe da sede do município, possui poucas salas de aula, pois a clientela atendida não atinge a quantidade necessária para a formação de turmas separadas. As escolas funcionam em prédios pequenos e construídos de forma inadequada quanto a ventilação e iluminação. Podemos visualizar este cenário nas palavras:

*Gostaria que tivesse mais sala para os alunos, [...] que fizesse uma área para que os alunos não fiquem correndo no sol. (Mãe 3, pesquisa de campo, 2013).*

Assim, a educação do campo tem-se caracterizado, ao longo dos anos, como um espaço de descasos e precariedade, passando pela ausência de políticas públicas, o que reflete na vida social dos que ali moram. Conforme Baptista (2003),

*[...] já existe um consenso sobre as precariedades da educação e da escola rural: elementos humanos disponíveis, falta de processos de formação, supervisão e monitoramento, alto nível de evasão escolar e repetência, defasagem idade-série, turmas multisseriadas, infra-estrutura e espaço físico insuficientes, salários desestimulantes. Além dessas condições impera o preconceito de que a escola rural é para o pobrezinho, o matuto, a criança conformada com a pouca aprendizagem, incapaz de ser avaliada com rigor. (BAPTISTA, 2003, p. 36).*

Na perspectiva do autor, a precariedade da educação do campo vai além dos problemas de infraestrutura das escolas, estas só refletem o descaso do governo pela população rural. Tudo foi inovado no campo como o maquinário, a genética e produção de grãos, agrotóxicos potentes, enquanto a educação do campo caminha, passa por um processo lento e desmotivador.

Outro aspecto relevante na pesquisa é questão do lixo. Todo lugar em que haja atividade humana é produzido lixo e no cotidiano escolar sempre encontramos valiosas oportunidades para trabalhar a educação ambiental por meio do lixo produzido na escola. Inde-

pendentemente de onde esteja, seja na zona urbana ou zona rural produzimos lixo. Neste comentário observamos a indignação pelo descarte do lixo em qualquer lugar.

*Hoje em dia as crianças não sabem cuidar do meio ambiente, eles acham de jogar lixo em qualquer lugar, por mais que falem, eu não sei deveria ter um programa pra incentivar a eles vê a realidade. (Mãe 4, pesquisa de campo, 2013).*

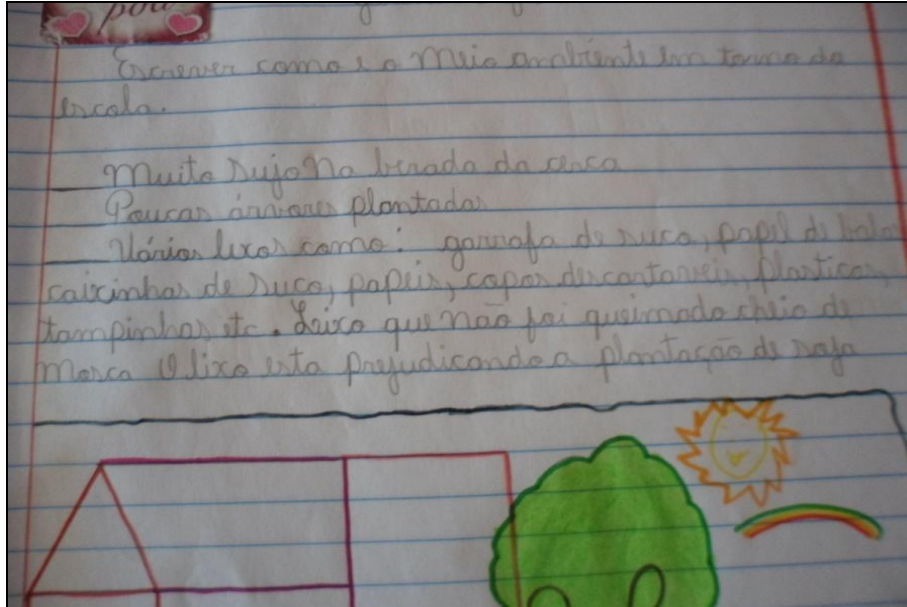
Travassos (2006) diz que o papel da escola não se reduz simplesmente a incentivar a coleta seletiva do lixo, em seu território ou em locais públicos, para que seja reciclado posteriormente. Os valores consumistas da população tornam a sociedade uma produtora cada vez maior de lixo. A necessidade que existe é, na verdade, de mudanças de valores. Mesmo assim, os educadores, de uma maneira geral, acreditam que, para resolverem o problema do lixo basta apenas ensinar que lixo deve ser colocado dentro do latão de lixo e para por aí.

## **2.8 Análise interpretativa das questões dos alunos**

Para a realização do levantamento da percepção dos alunos sobre as concepções de meio ambiente, foi desenvolvido um questionário com duas questões abertas. Os alunos antes da aplicação do questionário estavam em uma aula que findava o projeto de educação ambiental “Cuidar hoje para garantir o futuro” desenvolvido pela professora em que os alunos fizeram uma redação sobre como é o meio ambiente em torno da escola. Logo, ao perceber a riqueza de dados que poderiam ser colhidos e a importância para esta pesquisa com o exercício proposto pela professora (Foto 10), resolvemos expor aqui a redação de uma aluna do quarto ano, embora pequena, mas refletindo a realidade apreendida por esta. Este texto reforça a interpretação feita do Quadro 16 no que tange aos projetos ambientais.

Observamos que esta aluna do 4º ano descreve em simples palavras a situação no entorno da escola: “muito sujo na beirada da cerca, poucas árvores plantadas e vários lixos como: garrafas de suco, papéis, copos descartáveis, plásticos, tampinhas, etc. Lixo que não foi queimado cheio de mosca. O lixo tá prejudicando a plantação de soja.” A aluna compreende os danos que o lixo está causando não só para a escola, mas também para a lavoura.

**Foto 10** - Redação feita por uma aluna do 4º ano sobre o meio ambiente em torno da escola



**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES, I. M. C.

A princípio, para aplicação do questionário, após a atividade da professora, os alunos permaneceram em sala e quando explicamos sobre as questões, mostraram-se pensativos e tímidos, pois, mesmo explicando, pensaram que iam ser avaliados. Somente depois, com a explicação da professora, os alunos ficaram mais tranquilos. Apresentamos a eles as seguintes questões, conforme Quadro 15:

**Quadro 15** - O que é meio ambiente? Escreva quatro palavras que lembram o meio ambiente.

- “É a natureza, animais, árvores, plantas, água, ar.” A. 1  
 “É cuidar da natureza, dos animais, da plantação.” A. 2  
 “É o ar, árvores e a natureza.” A. 3  
 “É cuidar da natureza.” A. 4  
 “São as plantas, as árvores.” A. 5  
 “É a natureza.” A. 6  
 “Árvore, ar, natureza, rio” A.7  
 “É o ar, natureza, árvores e plantas.” A. 8

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

Todos os alunos relacionaram o meio ambiente com o ambiente natural, apresentando uma visão naturalista, representado por meio de plantas, animais, rio, árvores e o ar. No

entanto dois alunos, ao definir o meio ambiente relataram aspecto de conservação. Observamos também que a definição que os alunos têm do meio ambiente tem traços do mesmo dado pelos professores. Neves (2003) define, “a naturalista que percebe o meio ambiente somente como natureza ou enfatiza a defesa ou proteção do meio ambiente ou descreve o homem como espoliador da natureza”. (NEVES, 2003, p. 5).

A visão naturalista acaba separando o ser humano do meio ambiente, colocando-o como mero observador, sem o sentimento de pertencimento ou responsabilidade. Ainda persistem muitos modelos tradicionais de educação que não colocam as relações humanas juntamente com o meio ambiente. Torna-se urgente e necessária a discussão sobre o meio ambiente, possibilitando ao aluno fazer uma avaliação de forma crítica dos problemas ambientais. No próximo quadro, questionamos os alunos sobre como a professora poderia ensinar sobre o meio ambiente de sua comunidade.

**Quadro 16** - Formas sugeridas pelos alunos para ensinar sobre o meio ambiente da comunidade

“Passeio, atividades, idas a represa.” A. 1

“Passeios nos lotes e na represa.” A. 2

“Levar para ver o cerrado.” A.3

“Fazer um passeio.” A. 4

“Passear na mata.” A. 5

**Fonte:** Pesquisa de campo (ago. 2013). **Org.:** ALVES I. M. C.

Todos os alunos foram unânimes em relatar que a melhor forma de ensinar sobre o meio ambiente são os passeios realizados aos arredores da escola e nas propriedades vizinhas. Dos oito (8) alunos participantes somente cinco (5) responderam a questão. Sendo que dois (2) falaram da ida à represa, somente um (1) aluno referiu-se ao cerrado e outro ao passeio na mata.

A educação ambiental não é tarefa fácil, deve-se considerar que os alunos gostam do contato com a natureza. Assim quando, os alunos ficam presos em sala de aula dificulta sua interação com o meio ambiente. Sampaio (2007) ressalta que o que está do lado de fora gera muito mais encantamento e curiosidade nos alunos, e quando estes retornam dos passeios, ocorre uma aula rica e todos querem compartilhar suas experiências.

Vale ressaltar, que embora os alunos já tivessem contato com a natureza por serem moradores de fazenda, os mesmos se mostraram empolgados quanto as aulas passeio nas

regiões vizinhas. Assim, é preciso que os professores mudem suas posturas diante da educação ambiental, com aulas mais recreativas e que instiguem a curiosidade dos alunos.

O próximo item se reveste de importância, à medida que o mapa mental passa a ser uma forma de expressão e reflete seu desenvolvimento físico e suas percepções em relação ao meio ambiente.

### **2.8.1 Análise dos mapas mentais**

O desenho reflete o desenvolvimento da criança, expressa suas emoções, seus sentimentos, uma visão, um raciocínio e, muitas vezes, algo que não consegue expressar através de palavras. Os desenhos podem também revelar aspectos de sua percepção do meio ambiente, sem um encadeamento de palavras. Para Moreira (1991, p. 160) “o desenho é o traço no papel ou em qualquer lugar da superfície, mas também como a criança concebe seu espaço de jogo com materiais de que dispõe”. Em razão disto, o desenho irá proporcionar à criança expressão e integração aos sentimentos, assume um papel fundamental para representar o que a criança pensa de si e do mundo que a cerca.

Muitos adultos criticam o desenho infantil por não conhecer seu real valor, não levam em conta os “rabiscos”, mas o processo criativo não é o mesmo para todas as crianças, embora obedeça um ritmo pessoal, sofre influência do meio e de sua cultura. Deste ponto adiante os desenhos para efeito de análise serão chamados de mapas mentais. Segundo Kozel (2009), os ambientes percebidos pela imaginação não podem ser locais diferentes, mas sim espaços vividos, e que se revelariam nas imagens representadas nos mapas mentais realizados pelo sujeito. De acordo com a mesma autora,

Entendemos os Mapas mentais como uma forma de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. Eles podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado. (KOZEL, 2009, p.1).

Corroborando com a autora, os mapas mentais refletem as representações dos indivíduos quanto ao espaço vivido. Acabam por ser uma forma de expressão de sentimentos, percepções e retratam ainda lugares e fatos ocorridos. Tuan (1983) coloca que os mapas mentais são meios de estruturar e armazenar conhecimentos, são dispositivos mnemônicos (arte ou técnica de desenvolver a memória) ou seja, quando se deseja memorizar eventos, pessoas e sua localização. No ensino de Geografia, o mapa mental surge como uma importante ferra-

menta metodológica, como forma avaliativa e lúdica, tornando o ensino de Geografia mais significativo para o aluno.

Assim, prosseguimos com a realização da pesquisa, após explicadas as razões da mesma aos alunos, foi solicitado que realizassem um desenho em folha A4, representando como viam o meio ambiente naquele momento, e outro desenho sobre como gostariam que o meio ambiente fosse. Além do papel A4 foi disponibilizado lápis de cor, canetas hidrocor e lápis de cera. O tempo estipulado para a confecção dos mapas mentais foi de 1 hora.

Kozel (2008) diz que trabalhar a metodologia dos mapas mentais com crianças é menos complicado do que com adultos.

A maioria dos alunos não apresentam dificuldades e desempenham esse tipo de “tarefa” com desenvoltura e satisfação, concluindo os desenhos mesmo antes do término do tempo disponível. Por outro lado, o mesmo não se pode esperar do público adulto, uma vez que caso se deseje coletar algum dado junto a esse público, estes, muitas vezes, mostram-se reticentes e receosos no desempenho de tal prática. (KOZEL, 2008, p. 40).

A confecção dos mapas mentais com os alunos tornou-se uma atividade divertida e prazerosa para ambas as partes. É importante frisar que os mapas mentais podem mostrar muito da cultura, do cotidiano e outras informações que só dizem a respeito de quem o fez. Através deles conseguimos conhecer uma fração de como cada aluno participante percebe e se relaciona com o lugar a sua volta e com o meio ambiente.

A maioria dos participantes não apresentam dificuldades em desempenhar a tarefa, alguns terminaram antes do término do tempo estipulado, mas outros três alunos, receosos, não conseguiram realizar o segundo mapa mental.

Para a interpretação dos mapas mentais utilizou-se da metodologia de Kozel (2009), que considera quatro quesitos importantes para análise, como: Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem (ícones diversos, letras, mapas, linhas e figuras geométricas), interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem (formas dispostas horizontalmente, isoladas, dispersas e quadros em perspectiva), interpretação quanto à especificidade dos ícones (elementos da paisagem natural, paisagem construída, elementos móveis, elementos humanos) e outros aspectos ou particularidades.

Os mapas mentais, a seguir, foram organizados por série e tem o objetivo de avaliar a percepção que os indivíduos têm do espaço onde estão inseridos.

**Foto 11** - Mapa mental 1 - representação do meio ambiente presente e futuro.



**Fonte:** Aluna do 5º ano da E. M. F. M. L. **Org.:** ALVES I. M. C. 2013.

A aluna, ao representar o mapa mental, utilizou-se de uma folha de caderno, por não gostar de desenhar em folha em branco, mesmo após a nossa insistência a mesma não abriu mão. Para que a atividade fosse realizada da melhor forma possível, atendemos o pedido, justificando assim este mapa mental não estar em folha branca A4.

Observando o mapa 1, nota-se que a aluna os representou de forma vertical e dispersa, ocupando todo o espaço com riqueza de detalhes e cores entre os vários ícones de representação da paisagem natural como árvores de diferentes espécies, animais terrestres e aquáticos (cachorro e peixe), o rio com grande volume de água, o sol, as nuvens e o arco-íris.

Enquanto que no mapa 2, está representada a ideia que a aluna faz do futuro, os mesmos ícones no mapa 1, que estavam em harmonia, encontram-se sem vida e degradados. Ambos os mapas mostram a maturidade da aluna quanto a percepção do presente e futuro da relação homem e natureza demonstrando a preocupação com a paisagem natural, pois uma vez alterada, o homem não consegue permanecer no meio ambiente.

Nos mapas 2 e 3, ambos construídos de forma horizontal, há presenças de ícones de paisagem natural (nuvens, árvores, sol, água e flores), ícones de elementos construídos (cesto de lixo , torneira) e ícones palavras junto com os elementos humanos que reforçam a necessidade da expressão formal para fixar a ideia a ser mostrada, ilustrando que a aluna absorveu os ensinamentos da professora no tocante ao não desperdício de água e ao jogar o lixo no cesto e que o aprendizado realizado na escola é levado em conta no cotidiano familiar. Tuan, (1980) considera que,

[...] estilos de vida dificilmente são verbalizados [...] chegamos a compreender algo do estilo de vida de um povo, incluindo a sua atitude em relação ao mundo somente através da evidência acumulada dos atos diários e ao caráter das circunstâncias físicas onde ocorrem. (TUAN,1980, p. 201).

**Foto 12** - Mapa mental 2 - representação do meio ambiente hoje.



**Fonte:** Aluna do 4º ano da E. M. F. M. L.  
**Org.:** ALVES I. M. C. 2013.

**Foto 13** - Mapa mental 3 - representação de como gostariam que o meio ambiente fosse.



**Fonte:** Aluna do 4º ano da E. M. F. M. L.  
**Org.:** ALVES I. M. C. 2013.

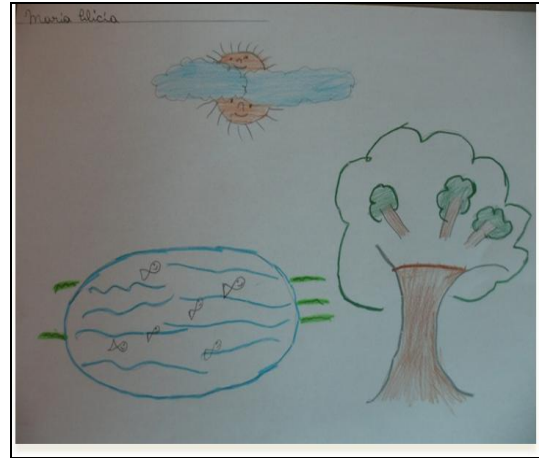
Na representação do mapa 4, vários ícones que ocupam todo espaço. Observamos ícones de elementos naturais (árvore de grande porte em chamas), elemento humano (o homem destruindo a natureza através do fogo e do machado em suas mãos).

**Foto 14** - Mapa mental 4 - Representação do meio ambiente hoje.



**Fonte:** Aluna do 4º ano da E. M. F. M. L.  
**Org.:** ALVES I. M. C. 2013

**Foto 15** - Mapa mental 5 - Representação de como gostaria que o meio ambiente fosse.



**Fonte:** Aluna do 4º ano da E. F. M. L.  
**Org.:** ALVES I. M. C. 2013

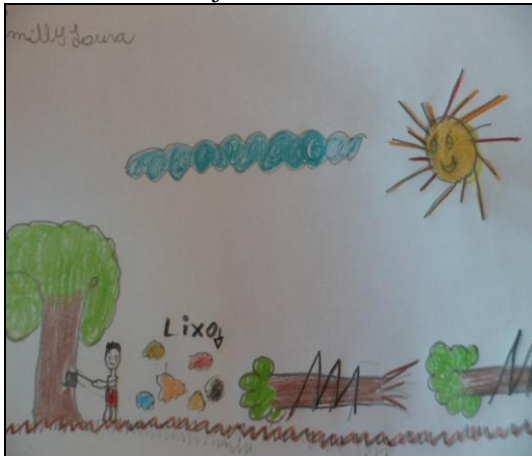
Ainda no mapa 4, vê-se ao lado uma placa criada pela aluna, simbolizando “proibido provocar incêndios”, a mesma também em chamas, demonstrando o desrespeito pela legislação ambiental. Outro ponto a ressaltar é que o fogo vai da linha de base até a copa da grande árvore, demonstrando a intensidade do incêndio provocado.

No mapa 5, referindo-se ao meio ambiente desejável pelo aluna representado por vários ícones de elementos naturais (o sol está se esforçando para observar o meio ambiente atrás de nuvens, um lago com os peixes, árvore) denotando um ambiente preservado. Possui ainda vegetação verde e rasteira nas margens do lago, que parece ser artificial, pois não possui entrada e nem saída do curso d’água, o que indica que o homem que destrói também pode construir e reparar o dano causado ao meio ambiente.

Nos mapas mentais 6 e 7 a representação foi feita de forma horizontal, com apresentação de vários ícones de paisagem natural (nuvens, sol, árvores, chuva, peixes, flores) elementos construídos (machado) e o elemento humano (homem).

Através da análise do mapa 6, é possível perceber que a aluna entende o meio ambiente como sendo a relação homem e natureza de forma predatória e destrutiva, fato comprovado ao retratar um homem com uma ferramenta (machado) desmatando.

**Foto 16** - Mapa mental 6 - Representação do meio ambiente hoje.



**Fonte:** Aluna do 4º ano da E. M. F. M. L.  
**Org.:** ALVES I. M. C. 2013

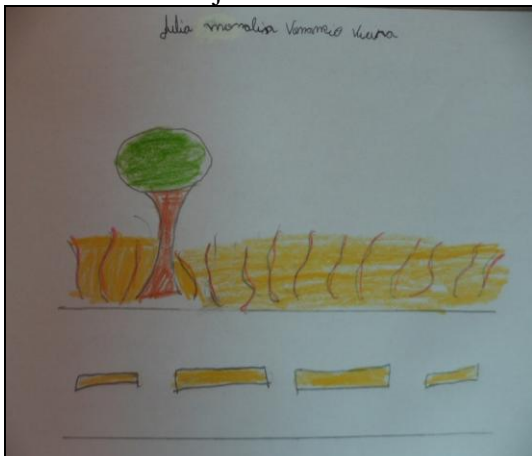
**Foto 17** - Mapa mental 7 - Representação de como gostaria que o meio ambiente fosse.



**Fonte:** Aluna do 4º ano da E. M. F. M. L.  
**Org.:** ALVES I. M. C. 2013

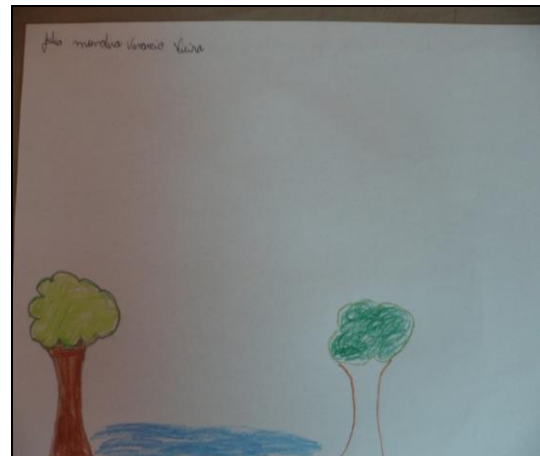
Já no mapa 17, o homem agora é retirado de cena, há somente elementos naturais como a presença de árvores nas margens, linha de base representada por vegetação rasteira, rio sem poluição com grande número de peixes e a presença de flores ao lado da árvore, o que demonstra que há regeneração da natureza.

**Foto 18** - Mapa mental 8: Representação do meio ambiente hoje.



**Fonte:** Aluna do 4º ano da E. M. F. M. L.  
**Org.:** ALVES I. M. C. 2013

**Foto 19** - Mapa mental 9: Representação do meio ambiente como gostaria que fosse.



**Fonte:** Aluna do 4º ano da E. M. F. M. L.  
**Org.:** ALVES I. M. C. 2013

No mapa 8, a aluna utilizou-se da forma horizontal, não ocupando todos os espaços da folha. Poucos ícones são observados dividindo-se entre elementos de paisagem natural (árvore e o fogo) e elemento de paisagem construída (estrada asfaltada). O elemento marcante é o fogo demonstrando seu lado devastador.

Este tipo de situação é corriqueira nas margens das estradas, pois na época de seca os proprietários das terras nas margens da estrada temem que sua propriedade ou lavoura se-

jam atingidas pelo fogo, então, no intuito de conter e até mesmo proteger, os mesmos fazem os “aceiros” que são faixas ao longo das cercas onde a vegetação é eliminada da superfície do solo. As queimadas empobrecem o solo, afetam negativamente a biodiversidade e a dinâmica dos ecossistemas além de poluir e causar acidentes nas estradas.

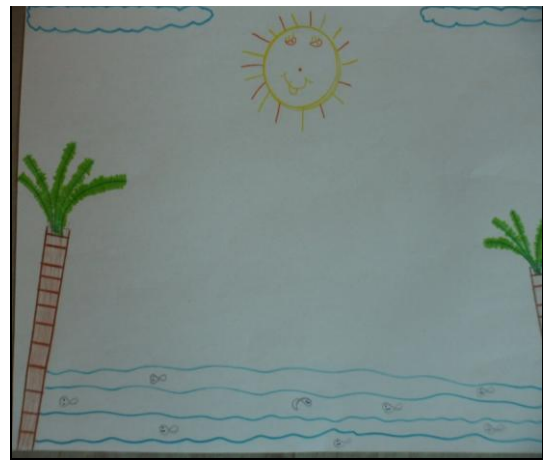
Entretanto, os elementos de paisagem, como o rio por entre as árvores verdes e de espécies diferentes do mapa 9, revelam uma qualidade de vida favorável, traz cor e vida, o oposto das paisagens cinzentas das grandes cidades.

**Foto 20** - Mapa mental 10 - Representação do meio ambiente hoje.



**Fonte:** Aluna do 4ºano da E. M. F. M. L.  
**Org.:** ALVES I. M. C. 2013

**Foto 21** - Mapa mental 11- Representação do meio ambiente como gostaria que fosse

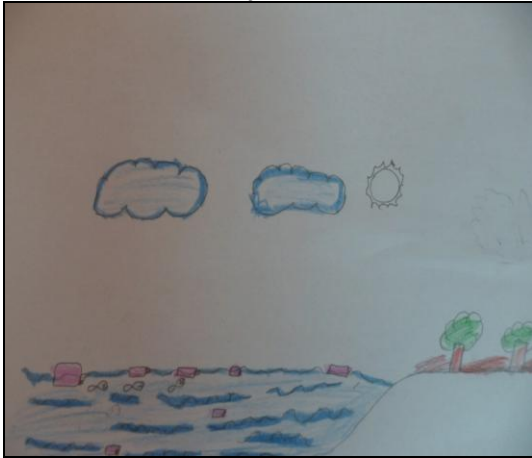


**Fonte:** Aluna do 4º ano da E. M. F. M. L.  
**Org.:** ALVES I. M. C. 2013.

O mapa 10, ilustra um rio totalmente poluído com todo tipo de lixo doméstico (garrafas, chinelo, caixa de papelão, bola, entre outros), que também por sua vez representam os ícones. Por ter desenhado somente uma margem supõem-se que o rio é bastante largo, porém sua margem está totalmente devastada com nenhuma vegetação rasteira. Ao longe, temos árvores grossas e finas em chamas altas demonstrando o poder do fogo (aluna enfoca muito mais a chama do que a árvore). A disposição do mapa dá de forma horizontal, utilizando-se de figuras geométricas (círculo e quadrado) para representar o lixo.

Já o mapa 11 mostra o equilíbrio da natureza, com ícones de paisagem natural como os peixes, os coqueiros e um rio, ao contrário do mapa anterior, sem poluição. Para esta aluna o meio ambiente é composto apenas de elementos naturais.

**Foto 22** - Mapa mental 12 - Representação do meio ambiente hoje.



**Fonte:** Aluno do 4º ano da E. M. F. M. L.  
**Org.:** ALVES I. M. C. 2013.

**Foto 23** - Mapa mental 13 - Representação do meio ambiente como gostaria que fosse.



**Fonte:** Aluno do 4º ano da E. M. F. M. L.  
**Org.:** ALVES I. M. C. 2013.

Na representação do mapa mental 12, temos um dia de sol, com nuvens carregadas, também temos um lago com grande quantidade de lixo leve na superfície com peixes na superfície, buscando oxigênio. Quanto a vegetação, apresenta-se na margem direita e rasteira. No mapa 12 podemos identificar a semelhança dos ícones presentes no mapa 11, no que tange a poluição do rio. O mesmo não acontece com o mapa 13 que mostra um rio sem poluição, porém sem os peixes e elementos construídos.

**Foto 24** - Mapa mental 14 - Representação do meio ambiente hoje.



**Fonte:** Aluno do 3º ano da E. M. F. M. L. **Org.:** ALVES, I. M. C. 2013.

O mapa mental 14 se dá de forma horizontal, com a utilização de todos os espaços, com riqueza de cores e ícones, com elementos de paisagem natural (água, grama, animais silvestres, árvore com frutos, sol, nuvens) e a presença do elemento humano. Ao inserir o elemento humano, indica que, para o aluno, o homem também faz parte do meio ambiente. Percebemos a predominância de elementos naturais com vários animais, onde as pessoas se sentem bem e felizes. Este aluno representou apenas o meio ambiente que ele vê hoje.

Conforme descreve Tuan (1980), as pessoas apresentam-se atentas para os aspectos do meio ambiente que lhes impõem respeito ou garantem a satisfação de sua vida. Nesse sentido, o brincar junto à natureza implica na satisfação do aluno e no respeito que tem pelas plantas e animais.

**Foto 25** - Mapa mental 15 - Representação do meio ambiente hoje.



**Fonte:** Aluna do 2º ano da E. M. F. M. L. **Org.:** ALVES, I. M. C. 2013.

Nesta representação 15, o espaço foi pouco aproveitado, visto que só foi utilizada a parte central da folha e na horizontal. Pela análise, podemos perceber que o aluno entende o meio ambiente como sendo uma relação do homem com a natureza, visto que o homem está com um motosserra em suas mãos, ferramenta utilizada para cortar árvores. Assim, a relação homem e natureza aqui se dá de maneira predatória e destrutiva.

Observamos que os alunos apresentam uma visão naturalista do conceito de meio ambiente, pois a maioria dos mapas mentais apresentou ícones de elementos de paisagem natural como chuva, árvores, peixes, rio, sol, nuvens e também o elemento humano que, para alguns alunos, fazem parte do meio ambiente. Todos os mapas mentais elaborados refletem a

relação dos seres vivos com o meio onde estão inseridos e sua capacidade de abstrair do mundo aquilo que é visível.

Acreditamos que o mapa mental realizado pelos alunos pode ser um instrumento valioso de avaliação para que o professor saiba qual é a percepção ambiental de seus alunos, porém deve-se sempre tomar o cuidado para não haver classificação dos alunos, não importando a qualidade da grafia ou se um desenha melhor ou pior que o outro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos, ao longo desta pesquisa a concepção de meio ambiente, a Geografia e sua contribuição para educação ambiental e para na educação no/do campo. Problematizamos se a Escola Municipal Francisca Mariana Luiz desenvolve práticas educativas ambientais, além de questionarmos a relação escola/comunidade a partir das práticas de projetos ambientais.

Para tanto, situamos, historicamente, a educação ambiental, bem como a evolução do conceito de meio ambiente, através de alguns autores que estudam o tema juntamente com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Nesse percurso, destacamos que a educação ambiental pode oportunizar novos processos de aprendizagens individuais e institucionais. É um tema transversal o qual pode estar presente em todas as disciplinas sem deixar de lado as suas especificidades

Porém, em nossa opinião, a educação ambiental não está inserida em todas as disciplinas, conforme constatamos por meio das entrevistas com os professores. O ideal seria que a educação ambiental permeasse todas as disciplinas e que estimulasse reflexões e ações, que envolvessem juntos alunos, professores, funcionários e principalmente os pais, que somente comparecem a escola quando solicitados e não participam ativamente dos projetos ambientais, ficando a cargo destes as tarefas que são desenvolvidas em casa.

Percebemos que são grandes os obstáculos para a realização de um trabalho docente, em que seja possível a educação ambiental numa perspectiva mais abrangente. Assim é preciso haver uma reflexão sobre a prática diária dos professores e isso exige um esforço para superar as limitações impostas pela sua realidade profissional.

No que tange ao Projeto Político Pedagógico (PPP) como organizador da ação educativa, este deve proporcionar oportunidades de diálogo e formação do professor para convergir em propostas pedagógicas coerentes com a realidade do campo. A Escola Municipal Francisca Mariana Luiz possui em seu PPP o item “meio ambiente” no qual deparamos com a cópia exata do PCN “Meio ambiente e saúde” no item “objetivos gerais de meio ambiente para o ensino fundamental”, ou seja, foram desconsideradas as realidades socioeconômica e política desses sujeitos e seus saberes, não estabelecendo as relações sociais de produção efetivas no campo com os problemas ambientais da comunidade.

Durante o processo de investigação foi necessário buscar também em documentos oficiais o Projeto Escola Ativa, e a educação no/do campo, uma vez que a escola *locus* de

nossa investigação situa-se no campo. Destacamos as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional dentre as quais percebemos o reconhecimento de que a educação no meio rural precisa ser diferenciada, em seus artigos 23, 26, 27 e 28 como referência na intenção de construção de um currículo que atendesse às especificidades locais e regionais e sendo necessário professores que valorizem e compreendam o campo como um espaço em movimento que faz parte dos saberes historicamente constituídos.

A aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (DOEBEC) – Resolução CNE/CEB n° 1 de 3 de abril de 2002 significou a oficialização, na política educacional brasileira, da necessidade de uma educação que atenda as necessidades e especificidades dos sujeitos das escolas do campo a que dá subsídios ao Programa Escola Ativa para elaborar conhecimentos com base na realidade local.

Em consonância com a aplicação do direito à educação dessas populações, o governo brasileiro implantou o Projeto Escola Ativa, substituída em 2012 pelo Programa Escola da Terra, com classes multisseriadas atendendo aos alunos do 1° ao 4° ano do Ensino Fundamental. Este projeto vem de uma experiência colombiana denominada *Escuela Nueva* ou *Escuela Activa*, implantada no Brasil em 1997 e tem suas bases teóricas fundamentadas nas concepções escolanovista de educação, sobretudo, nas ideias de Dewey que propunha inovar a prática pedagógica por meio de um ensino ativo, valorizando os saberes escolares.

Construir este trabalho ainda nos trouxe alguns questionamentos sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores em trabalhar com a metodologia do Programa Escola Ativa em salas multisseriadas. No que se refere a sua prática pedagógica, todos os professores comentaram a falta de treinamento para trabalhar com várias turmas juntas, em uma só sala, era a maior dificuldade dos mesmos.

Este fato precisa ser compreendido em sua complexidade pois, a falta de treinamento adequado alia-se ao excesso da jornada de trabalho que não se limita a sala de aula, mas após a mesma com a preparação das aulas para várias turmas e às vezes o estudo de matérias que estão fora de sua habilitação profissional, às dificuldades de transporte e as longas distâncias percorridas para chegar até a escola. Faz-se necessário cursos constantes e uma equipe pedagógica que desse suporte e acompanhamento.

Ao longo deste trabalho foi possível ver particularidades da Escola do Campo. Para tanto a pesquisa qualitativa, visitou a escola e as entrevistas foram realizadas com professores,

mães. Além das atividades direcionadas aos alunos que nos possibilitaram revelar um pouco deste universo.

Dentre os resultados averiguou-se as concepções de meio ambiente e educação ambiental dos professores e constatou-se a visão naturalista da educação ambiental, sendo a mesma uma forma de “informar” o aluno para que cuide do meio ambiente. Este pensamento influencia diretamente a sua prática em educação ambiental, pois os alunos possuem a mesma concepção de meio ambiente dos professores.

Outro aspecto verificado foram os materiais que os professores utilizam como parâmetro em seu cotidiano escolar sobre as questões ambientais. Os mesmos materiais que usam para ministrar suas aulas, servem também de atualização como o livro didático, pesquisas na internet e esporadicamente reportagens na televisão e outros materiais enviados pelo MEC. Contudo, estes deveriam ser apenas ferramentas auxiliares à sua prática pedagógica. Torna-se evidente a necessidade de cursos e da afirmação de políticas públicas educacionais focadas na formação de professores capacitados a trabalhar com as questões ambientais.

Para desenvolver uma prática que favoreça mudanças na sociedade é necessário haver um processo de reflexão sobre a ação diária dos docentes, pois percebemos em nosso estudo que a natureza ao redor da escola é ainda um espaço educativo pouco utilizado. Todavia as aulas passeio nas propriedades próximas à escola, são segundo professor e alunos a melhor forma de aprender e ensinar sobre o meio ambiente. Esta perspectiva metodológica propicia situações de aprendizagem focadas em situações problemas ou no desenvolvimento de projetos que possibilitem a interação dos diferentes saberes, oportunizando aos alunos a compreensão, o entendimento dos problemas locais, incentivando-os a adotar novas posturas em suas casas, comunidade e na própria escola.

Outro requisito para concretização de um bom trabalho educativo seriam os incentivos ao desenvolvimento profissional dos educadores, que na escola em questão recebem somente incentivos verbais da diretora e da Secretaria de educação. Os professores precisam mais que isso, de uma formação adequada ao profissional, infraestrutura material, qualidade de materiais disponíveis como uma biblioteca com acervo diversificado sobre o tema meio ambiente.

É notório que a educação ambiental ainda encontra-se sem espaço em muitas disciplinas, mas não esqueçamos que ela pode ser usada como um eixo articulador e gerador de temas, muitas vezes o que acontece é que o professor não encontra um método capaz de auxiliá-lo. Faz-se necessário que tanto os órgãos municipais, estaduais e federais no âmbito da educa-

ção, proporcionarem aos educadores condições para trabalhar temas e projetos em educação ambiental

A pesquisa mostrou que professores e alunos para realizar as atividades que envolvem a educação ambiental sempre que possível tentam integrar as famílias nos projetos ambientais para que coloquem a experiência delas. Um dos objetivos deste trabalho foi de verificar se há realmente a participação da comunidade nas práticas ambientais e a resposta que obtivemos pelos professores foi a pouca participação dos pais, vindo de encontro quando questionamos aos pais se os mesmos participam dos projetos pedagógicos, nos quais a maioria disse que não participam, mas vão à escola sempre que solicitados. Essa forma de trabalho com a participação das famílias na escola é mais do que transmitir conhecimento, a escola passa a fazer parte da comunidade e vice-versa.

Dentre os problemas ambientais no entorno da escola, foi citado com veemência e grande preocupação por parte dos docentes, os agrotóxicos utilizados na lavoura ao redor da mesma. Este é um problema que requer a intervenção das autoridades do município e de órgãos ligados ao meio ambiente local, para que sejam tomadas medidas preventivas e não haja danos à saúde dos alunos e nem dos professores.

Por meio dos mapas mentais percebemos a representação e a percepção que os alunos participantes desta pesquisa tem do meio ambiente e que estes percebem de forma clara os problemas ambientais presentes nos locais onde vivem e entendem que esses problemas afetam sua qualidade de vida.

Acreditamos que cabe ao professor um fazer pedagógico, não como uma ação neutra e descontextualizada, mas deve fundamentar-se por teorias e práticas comprometidas com desenvolvimento da emancipação social dos atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem na tentativa de minimizar os problemas ambientais, a começar por pequenas atitudes como a visualizada no mapa mental em questão.

Enfim, a pesquisa possibilitou-me a oportunidade de investigar um tema que encontra-se presentes nas discussões da Geografia, da educação e do meio ambiente suscitou outras dúvidas. Foi possível partilhar experiências, preocupações, representações e significações que fizeram parte das narrativas dos sujeitos. Para minha formação pessoal e profissional superou expectativas, abrindo portas e novas direções para a continuação da pesquisa. Mesmo nas situações de dificuldade e limitações de tempo vivenciadas ao longo do processo foi possível impulsionar um maior amadurecimento profissional.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, I. A. do. Educação Ambiental e ensino de Ciências: uma história de controvérsias. **Pro-Posições**. Campinas, v. 12, n. 1, p. 73-93, mar. 2001.
- ANVISA. Resíduos de agrotóxicos em alimentos. **Rev. Saúde Pública**, v. 40, n. 2, p. 361-363, 2006.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 6023**: informação e documentação: referência: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.
- ARAÚJO, G. H. S.; RIBEIRO, A. J.; GUERRA, A. J. T. **Gestão ambiental de áreas degradadas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.
- ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Org.) **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. 214 p.
- AQUINO, J.G. (Org.) **Indisciplina na escola**. Alternativas teóricas e práticas. 4ª ed. São Paulo: Summuns, 2003. 123 p.
- BAPTISTA, F. M. C. **Educação Rural**: das experiências a política pública. Brasília: Abaré, 2003.
- BARBIERI, J. C. **Gestão Ambiental empresarial**: conceitos, modelos e instrumentos. 3. ed. ampl. São Paulo: Saraiva, 2011.
- BARCELOS, V. **Educação Ambiental**: sobre princípios, metodologia e atitudes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008
- BELLONI, M. L. A mundialização da cultura. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 9, n. 1/2, 1994.
- BIGOTTO, A. C. **Educação Ambiental e o desenvolvimento de atividades de ensino na escola pública**. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação. Área de Concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BRASIL. Câmara de Educação Básica. Diretrizes operacionais para a educação básica. Brasília: MEC/CNE, 2001
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**: texto promulgado em 05 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 2001.
- BRASIL. Guia para a formação de professores da escola ativa. Brasília: Fundescola/DIPRO/FNDE/MEC, 2010.
- BRASIL. Lei Federal nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília: Diário Oficial da União. jan. 1999.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional**. Brasília: Edições Câmara, 1996. (Série Legislação).

BRASIL. Ministério da Educação. **Referências para uma política nacional de educação do campo**: caderno de subsídios. Brasília: MEC, 2008. 40 p.

BRASIL. **Referencial para uma política nacional de educação do campo**: caderno de subsídios. Brasília: Ministério da Educação, 2003. Disponível em: <<http://www.ce.ufe.br/educacaodocampo>>. Acesso em: 20 de out. 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: temas transversais. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: meio ambiente e saúde. Brasília: MEC, 2001.

BRÜGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental?** 2. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

CALAZANS, M. J. C. Para compreender a educação do Estado no meio rural. In: THERRIEN, J.; DAMASCENO, M. N. (Coord.). **Educação e escola no campo**. Campinas, SP: Papi-rus, 1993.

CALDART, R. S. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. In: MOLINA M. C. (Org.). **Educação do campo e pesquisa II**: questões para reflexão. Brasília: MDA/MEC, 2010.

\_\_\_\_\_. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, M. G., CALDART, R. S., MOLINA, M. C. (Org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 147-160.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. **Ensino de Geografia**: práticas e textualização no cotidiano. Porto Alegre: Mediações, 2002. 173 p.

CAMPO ALEGRE DE GOIÁS. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Francisca Mariana Luiz**. Eixo temático: por uma escola cidadã. Campo Alegre de Goiás, 2012. 25 p.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006. 432 p.

\_\_\_\_\_. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2006. 256 p.

CARLOS, A. F. A. **Espaço e indústria**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1994. 70 p.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do Mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. 150 p.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 2. ed. São Paulo, 2008. 256 p.

CARVALHO, M. B. A vida pede uma chance. **Nova Escola**, São Paulo, ano 7, n. 55, 12-14, mar. 1992.

CASCINO, F. **Educação ambiental**: princípios, história, formação de professores. São Paulo: a Senac, 1999. 113 p.

CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. 353 p.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999. 199 p.

CASTROGIOVANNI, A. C.- et al. **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediações, 2000. 176 p.

CAVALCANTE, M. J. M. **João Hippolyto de Azevedo de Sá**: um educador cearense. Uma investigação sobre seu desaparecimento da história da Reforma “Lourenço Filho” e da educação no Ceará. 1998. 253 f. Tese (Concurso Professor Titular) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1998.

CAVALCANTI, L. S. de. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. 192 p.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO /CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **RESOLUÇÃO CNE/CEB 1, DE 3 DE ABRIL DE 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012002.PDF>> Acesso em: julho de 2013

DEMO, P. **Pesquisa participante**: saber pensar e intervir juntos. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2008. 140 p.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2002.

DIAS, G. F. **Educação ambiental**: princípios e práticas. 5. ed. São Paulo: Gaia, 1992.

\_\_\_\_\_. **Elementos para capacitação em Educação Ambiental**. Florianópolis: Editus, 1999.

FOLADORI, G. **O capitalismo e a crise ambiental**. 2001. Disponível em: <[http://www.ufcg.ed.br/~raízes/artigo/artigo\\_42.pdf](http://www.ufcg.ed.br/~raízes/artigo/artigo_42.pdf)> Acesso em: set. 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 165 p.

FREITAS, V. P. de. **Direito administrativo e meio ambiente**. 3. ed. Curitiba: Juruá, 2001.

GADOTTI, M. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Pierópolis, 2000. 216 p.

- | GOMES, H. (Org.). **Universo do Cerrado**. Goiânia: UCG, 2008. v. 2.
- | GONÇALVES, G. B. B. **Programa Escola Ativa: educação do campo e trabalho docente**. 2009. 208 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação humana) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- | GUIMARÃES, M. **Educação ambiental: no consenso um embate?** Campinas: Papirus, 2000.
- | \_\_\_\_\_. **A dimensão ambiental na educação**. São Paulo: Papirus, 1995.
- HAESBAERT, R; PORTO-GONÇALVES, C. W. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: UNESP, 2006.
- HENRIQUES, R. et al. **Educação do campo: diferenças mudando paradigmas**. Brasília: Ministério da Educação, 2007. 81 p. (Cadernos SECAD 2). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaocampo.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2014.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. Disponível em: <<http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/info>> Acesso em: 30 de out. 2011.
- KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S.; COSTA SILVA, J.; GIL FILHO, S. F. (Org.). **Da percepção e cognição à representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 114-138.
- KOZEL, S.; SOUZA, L. F. Parintins, que espaço é esse? Apresentação espacial sob a ótica do morador e do visitante: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; FILIZOLA, R.; FILHO, S. F. G. **Expedições Amazônicas: desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas**. “A festa do boi-bumbá: um ato de fé. Curitiba: Sk, 2009.
- LAYRARGUES, P. P.(Coord.). **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 141-155.
- | LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001. 239 p.
- | \_\_\_\_\_. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2006. 475 p.
- | LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1986.
- | LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2009. 263 p.
- | \_\_\_\_\_. (Org.) **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.
- | \_\_\_\_\_. (Org.). **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009

MENDONÇA, F. Geografia sócio ambiental. **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p. 113 -132, 2001.

MEURER, A. C. Projeto Político Pedagógico Escolar: questões a serem refletidas nas escolas do campo. In: MATOS, K. S. de et. al. (Org.). **Experiências e diálogos em educação do campo**. Fortaleza: UFC, 2010.

MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. A. de. **Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília, DF: Articulação nacional por uma educação do campo, 2004. 129 p.

MORAES, A. C. R. **Meio Ambiente e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2002.

MOREIRA, R. **O que é a Geografia?** São Paulo: Brasiliense, 1981. 113 p.

MOREIRA, A. A. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Loyola, 1991. 138 p.

MORIM, E. **O método 5: humanidade da humanidade**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre; Sulina, 2007. 309 p.

NEVES, D. A. F. As concepções sobre meio ambiente, educação e educação ambiental em dissertações de três universidades paulistas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 4., 2013, Bauru. **Anais...**, São Paulo, 2003. p. 1-12.

OLIVEIRA, L. de. **Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica**. Rio Claro UNESP, 1997.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. São Paulo: Difel, 1997. 245 p.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 177 p.

POUPART, J. A entrevista do tipo qualitativa: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. [et al.] **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução Ana Cristina Nassei. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 215-259.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

QUINTAS, J. S. Educação no processo de gestão pública: a construção do ato pedagógico. In: LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de; LOUREIRO, C. F. B. (Org.). **Repensar a educação ambiental: um olhar crítico**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 33-80.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2004. 132 p.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2002. 87 p.

ROESCH, S. M. A. **Projeto de estágios e pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 301 p.

ROSA, O. **Cartografia na escola rural: ações e proposições para a 5ª série do ensino fundamental**. 1999. 165 f. Dissertação Mestrado em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1999.

ROSA, O. **Geografia e Pedagogia: o professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental em Catalão (GO)**. 2008. 230 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

SAMPAIO, R. M. W. **Freinet: evolução histórica e atualidades**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2007. 234 p.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994. 330 p.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SATO, M. **Educação para o ambiente amazônico**. 1997. 245 f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1997.

SATO, M. **Educação ambiental**. São Carlos: RiMa, 2004. 66 p.

\_\_\_\_\_. Sustentabilidade do meio rural: empoderamento pela educação ambiental. **Revista Perspectiva**, Erechim, v. 28, n. 101, p. 7-16, 2004.

SAUVÉ, L. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável. Uma análise complexa. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, n.10, jul/dez.1997.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1986

SEABRA, G. F. **Fundamentos e perspectivas da Geografia**. João Pessoa: UFPB, 1997.

SENA, L. B. de **Escola Ativa: diretrizes para implantação e implementação da estratégia metodológica escola ativa**. MEC, 2005

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade do mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004. 190 p.

TRAVASSOS, E. G. **A prática da educação ambiental nas escolas**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel. 1980. 288 p.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel. 1983. 250 p.

VASCONCELOS, T. Crianças em trilhas na natureza: jogos de percurso e reencantamento. **Revista do Departamento de Psicologia**, Niterói, v. 18, n. 2, p. 143-162, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: jan. 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 3. ed. São Paulo, 1984. 160 p.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fonte, 1999. 165 p.

WIZNIEWSKY, C. R. F. A contribuição da geografia na construção da educação do campo. In: MATOS, K. S. de et. al. (Org.). **Experiências e diálogos em educação do campo**. Fortaleza: UFC, 2010. p. 27-38.

ZAKRZEVSKI, S. B. B. As tendências da educação ambiental. In: ZAKRZEVSKI, S. B.B. **A educação ambiental na escola**. Erechim: Edifapes, 2003.

## APÊNDICES



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**CAMPUS CATALÃO**  
**CURSO DE GEOGRAFIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**  
**LINHA DE PESQUISA ESTUDOS AMBIENTAIS**

Pesquisa de Mestrado – Campo Alegre de Goiás (GO) - Ano 2013

**Roteiro de entrevista com os professores**

Nº \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/2013

1. - Formação profissional:  
 Graduação na área \_\_\_\_\_  
 Pós-graduação em \_\_\_\_\_  
 Está estudando atualmente? \_\_\_\_\_ Em que área? \_\_\_\_\_
2. - O que é meio ambiente para você?
3. O que você entende por Educação Ambiental?
4. Para desenvolver as atividades de Educação Ambiental, qual é a sua maior fonte de informação?
5. Quais disciplinas estão envolvidas no desenvolvimento da Educação Ambiental na escola?
6. Como é a participação e o envolvimento dos alunos e professores nos projetos/ atividades de Educação Ambiental desenvolvidos pela escola?
7. Quais são as principais dificuldades encontradas no desenvolvimento dos projetos / atividades de Educação Ambiental?
8. Quais espaços são utilizados para realizar a Educação Ambiental?
9. Que materiais você utiliza para se atualizar e desenvolver os trabalhos de Educação Ambiental?
10. Em que momentos da sua disciplina você trabalha a Educação Ambiental?
11. Quais os incentivos que vocês professores recebem para realizarem projetos em Educação Ambiental?
12. Existe a participação das famílias nos projetos de Educação ambiental? De que forma se dá esta participação?
13. Qual o maior problema ambiental no entorno de sua escola?
14. Qual seria a melhor forma de ensinar a Educação Ambiental?
15. Como é para você trabalhar com a metodologia da Escola Ativa? Aponte as vantagens e desvantagens.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CAMPUS CATALÃO  
CURSO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
LINHA DE PESQUISA ESTUDOS AMBIENTAIS**

Pesquisa de Mestrado – Campo Alegre de Goiás (GO) - Ano 2013.

**Roteiro de entrevista com os familiares dos alunos:**

Nº \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_/\_\_\_/2013

- 1-Quantos filhos vocês têm que estudam na Escola da comunidade?
- 2- Qual a série que eles estudam?
- 3- Sabem que a escola desta comunidade tem o Programa da Escola Ativa? Vocês sabem como funciona?
- 4- Vocês costumam dar opinião sobre o que gostariam que seus filhos aprendessem na escola?
- 5- Seus filhos melhoraram a aprendizagem com a Escola Ativa?
- 6-Estão sempre presentes na escola ou quando solicitados?
- 7- Participam na execução dos projetos pedagógicos?
- 8- Fazem algum trabalho voluntário na escola? Qual?
- 9- Acham importante uma escola voltada para a realidade da comunidade?
- 10- Vocês têm participado das reuniões de pais?
- 11- Além do desenvolvimento escolar de seus filhos, quais os assuntos que vocês discutem?
- 12- Falam dos problemas que vocês vivem na comunidade?
- 13-Vocês conhecem os projetos que a escola desenvolve relacionados com a Educação Ambiental?
- 14- Como vocês querem a escola de seus filhos?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CAMPUS CATALÃO  
CURSO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA *STRICTU SENSO*  
LINHA DE PESQUISA ESTUDOS AMBIENTAIS**

Pesquisa de Mestrado – Campo Alegre de Goiás (GO) - Ano 2013.

**- Roteiro de Entrevista com os alunos**

Nº \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_/\_\_\_/2013

- 1- Para você o que é meio ambiente? Escreva quatro palavras que lembram o meio ambiente.
- 2- Como você acha que sua professora teria que trabalhar ou ensinar sobre o meio ambiente da sua comunidade?
- 3- Represente como você vê o meio ambiente hoje.
- 4- Represente o meio ambiente como você gostaria que fosse.

## Parecer do Comitê de ética.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Goiânia, 17 de junho de 2013.

**PARECER CONSUBSTANCIADO REFERENTE AO ATENDIMENTO DE PENDÊNCIAS  
EM PROJETO DE PESQUISA**  
*Protocolo nº 051/13*

### I. Identificação:

1. *Título do projeto:* Educação Ambiental: Escola Municipal Francisca Mariana Luiz em Campo Alegre de Goiás.
2. *Pesquisador Responsável:* Iara Martins Costa Alves – mestranda Pós-graduação em Geografia.
3. *Unidade/Órgão:* PPGGC - Campus Catalão/UFG
4. *Orientadora:* profª Dra Odelfa Rosa
5. *Data de apresentação do protocolo à CEUA:* 25/02/13
6. *Data do Relato:* 25/03/2013
7. *Data de Atendimento das Pendências:* 03/04/13

### II - Parecer do CEP: Aprovado, smj deste comitê.

Informamos que o *Comitê de Ética em Pesquisa* da Universidade Federal de Goiás, após análise do atendimento das pendências, **Aprovou** o projeto 051/13, em 17 de junho de 2013.

Observação: Verificou-se a necessidade de fazer as seguintes adequações listadas a seguir:  
- *Dentre os 21 sujeitos a serem entrevistados, encontram-se 6 menores, alunos da citada escola. Solicitamos elaborar TCLE dirigindo-o aos responsáveis, para a devida autorização quanto à participação desses menores. Assim, solicitamos apresentar um segundo TCLE para os responsáveis pelos menores, fazendo constar neste documento, em linguagem acessível: a possibilidade de ligação a cobrar para a pesquisadora, a informação de que as entrevistas serão gravadas, as garantias que assegurem sigilo e privacidade quanto a dados confidenciais envolvidos na pesquisa, os objetivos e benefícios da pesquisa, a forma de participação do(a) filho(a). Lembramos que o TCLE para os responsáveis se dirige aos mesmos: "Seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a)..."*

\*Não é necessário anexar o projeto novamente, apenas uma cópia para o TCLE agora solicitado. Apresentar este documento ao CEP, antes da coleta de dados.

### III - Data da reunião: 17/06/2013

*João Batista de Souza*  
Prof. João Batista de Souza  
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa/CEP

*Prof. João Batista de Souza*  
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/UFG

Comitê de Ética em Pesquisa/CEP  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/PRPPG-UFG, Caixa Postal: 131, Prédio da Reitoria, Piso 1,  
Campus Samambaia (Campus II) - CEP:74001-970, Goiânia – Goiás, Fone: (55-62) 3521-1215.  
Email: cep.prppg.ufg@gmail.com



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**      **Dissertação**      **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação**

Autor (a):	Iara Martins Costa Alves		
E-mail:	ialvesia-ra@yahoo.com.br		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não			
Vínculo empregatício do autor	Não há		
Agência de fomento:		Sigla:	
País:	Brasil	UF:GO	CNPJ:
Título:	Educação Ambiental na Escola Municipal Francisca Mariana Luiz na zona rural de Campo Alegre de Goiás (GO)		
Palavras-chave:	Professor. Ensino de Geografia. Programa Escola Ativa. Campo Alegre de Goiás (GO).		
Título em outra língua:	Environmental Education in Municipal School Francisca Mariana Luiz in rural area of Campo Alegre de Goiás (Go)		
Palavras-chave em outra língua:	Teacher. Teaching Geography. Program in Business School. Campo Alegre de Goiás (GO).		
Área de concentração:	Estudos Ambientais		
Data defesa: (13/03/2014)			
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós Graduação em Geografia		
Orientador (a):	Odelfa Rosa		
E-mail:	rosaodelfa@gmail.com		
Co-orientador (a):			
E-mail:			

**3. Informações de acesso ao documento:**

Liberação para disponibilização?<sup>1</sup>      total      parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

Capítulos. Especifique: \_\_\_\_\_

Outras restrições: \_\_\_\_\_

<sup>1</sup> Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

\_\_\_\_\_

Assinatura do (a) autor (a)

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_